Diário de Lisboa

Setembro 1979
Sexta-feira

ANO 59.°
N.° 20 062
10$00

21

Fundador **Joaquim Manso**

Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Golpe "combinado" derrubou Bokassa

O megalónomo e sanguinário ditador da República Centro-Africana, que ele transformou em «Império», fazendo-se coroar Imperiador numa cerimónia em tudo copiado da doseu «antecessor», Napoleão, caiu, num golpe, que, segundo círculos do Chade, foi «combinado». O presente homem forte da República é o ex-presidente, derrubado em 1966 pelo próprio Bokassa, que terá recebido a incumbência de «dar o golpe», enquanto o «Imperador» partia para a cidade líbia de Tripoli. A pedido do novo dirigente, a França enviou já um contingente militar para aquele Estado sito no coração da África.

Pág. 10

300 mil litros de leite atirados para uma lixeira

Este é o destino do leite importado dos Açores durante o Governo de Mota Pinto, e o resultado de uma gestão dos assuntos públicos pautada por critérios de cedência aos interesses particulares

Pág. 20

Tempo de Antena para as Intercalares

Coligações não podem ser beneficiadas

À medida que os dias passam, vão surgindo algumas dúvidas quanto à interpretação da lei eleitoral. Embora a Comissão Nacional de Eleições não possa produzir legislação, é provável que emita alguns esclarecimentos sobre os pontos que produzam divergências quanto à sua interpretação. A lei, que é da responsabilidade dos partidos que estiveram na Assembleia da República, poderá não ter contado com a opinião dos técnicos do MAI em todas as suas disposições, mas não é de molde a produzir situações de confusão.

Um dos pontos que agora se discute e que o «DL» colocou em Julho diz respeito à distribuição dos tempos de antena no sector público como privado da Comunicação, face à eventualidade de apresentação de coligações de partidos nas intercalares. A lei prevê que as candidaturas só podem ser propostas por partidos políticos isoladamente ou em coligação, não podendo o mesmo partido apresentar mais de uma lista no mesmo círculo eleitoral. Quanto à distribuição dos tempos de antena na Rádio e Televisão é feita segundo dois critérios: um diz respeito ao limite mínimo de acesso aos programas nacionais e outro à proporcionalidade dos tempos de antena face ao número de candidaturas.

Só os partidos ou coligações que apresentem mais de cinquenta candidatos num mínimo de cinco círculos têm direito à televisão e canais de rádio nacionais. De resto, como se disse os tempos de intervenção são distribuídos consoante o número de candidatos apresentados por partido ou coligação.

Assim, a lei terá de ser interpretada no sentido de se atribuir tempo de antena, por exemplo, à Aliança Democrática, como ao CDS ou ao PSD se estes concorrerem coligados no Sul e isoladamente no Norte. A soma dos tempos atribuídos neste caso à Aliança será inferior a uma eventual concorrência do PSD e CDS isoladamene em todos os círculos. É que uma coligação é uma entidade jurídica e um partido é outra, nos termos da lei. A vantagem ou desvantagem de se concorrer coligado ou isolado não pode ser resumida à distribuição dos tempos de antena na campanha eleitoral. Donde, neste ponto não nos parece que seja possível fazer outra interpretação da lei eleitoral.

Estes como outros problemas devem merecer a atenção da Comissão Nacional de Eleições que está reunida esta tarde.

Descoberto novo escândalo em Valpaços
Presidente da Câmara "faz-se" de emigrante para conseguir "Mercedes" mais barato...

Pág. 12

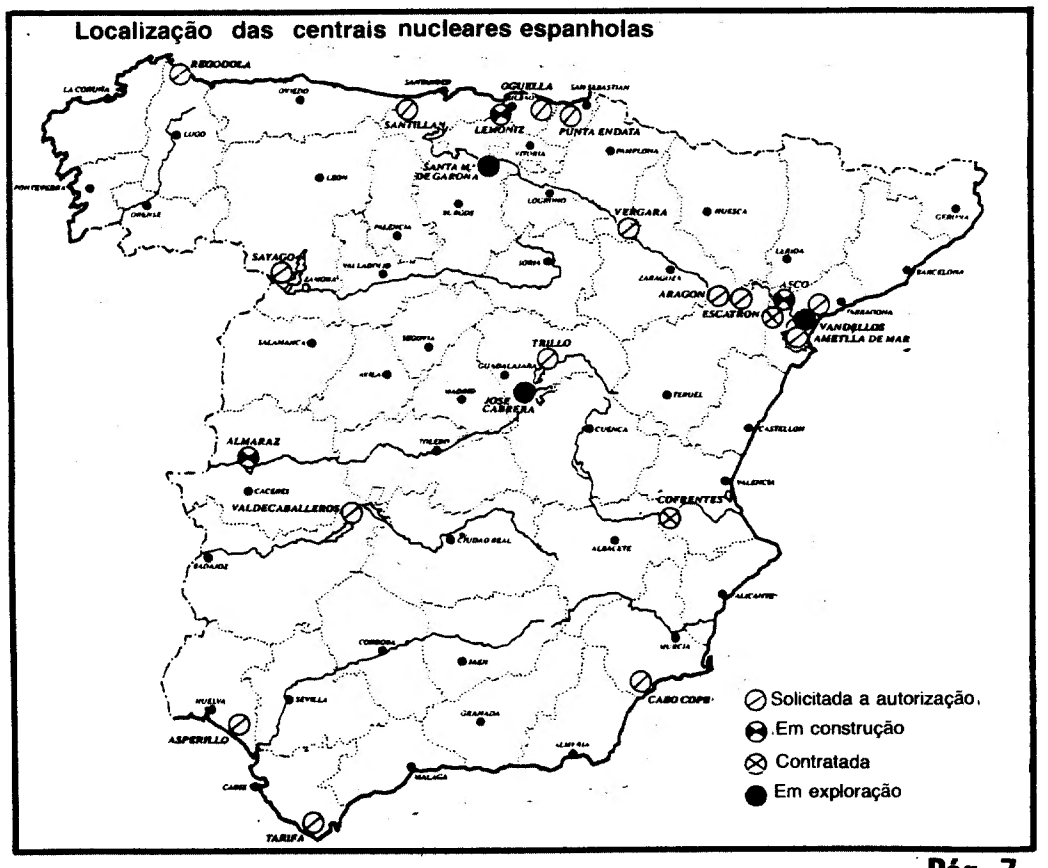
ANGOLA JÁ TEM PRESIDENTE
MPLA elegeu Eduardo dos Santos

Pág. 2

Rios portugueses vão ser os esgotos nucleares de "nuestros hermanos"

Portugal pode ser dentro de alguns anos o principal esgoto nuclear de «nuestros hermanos». O Tejo terá três centrais nucleares espanholas em funcionamento, o Douro uma às portas da raia e o Guadiana outra.

Água mais quente e radioactiva para «cozinhar» o plancton dos peixes de água doce, enquanto existirem, ou os próprios peixes quem sabe, e um arzinho ionizado soprando de Espanha a justificar o ditado de que de Espanha nem bom vento... nem boa água.



Pág. 7

ATÉ AO CONGRESSO EXTRAORDINÁRIO

Eduardo dos Santos foi eleito novo presidente de Angola

José Eduardo dos Santos é o novo presidente do MPLA- Partido do Trabalho, função que acumulará com a de Presidente da República Popular de Angola. A sua investidura neste cargo será feita ainda hoje em Luanda.

A decisão foi tomada em reunião do Comité Central do MPLA e a escolha feita por unanimidade sublinhada com uma significativa aclamação. Deste modo, José Eduardo dos Santos será, para além de presidente do partido e da RPA, comandante-em-chefe das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola, até à realização de um Congresso extraordinário do MPLA, no próximo ano.

A eleição de Eduardo dos Santos não constitui, de modo algum, uma surpresa, pois era o seu nome o mais ventilado nos bastidores políticos da capital angolana desde que começaram as reuniões do Comité Central, depois das cerimónias fúnebres. Factores diversos pesaram nesta opção e entre eles figura certamente o facto de se tratar de um homem bastante próximo de Agostinho Neto.

Na mesma reunião do Comité Central foram preenchidas as vagas existentes no aparelho do MPLA. Assim, Manuel Alexandre Rodrigues (Kito) e Kundy Pahiama (que já era ministro do Interior) passaram a membros efectivos e suplentes, respectivamente, do «Bureau» Político. Aos lugares de membros efectivos do Comité Central ascenderam, por sua vez, Roberto de Almeida e Paulo Jorge (que já era ministro das Relações Exteriores).

BIOGRAFIA DO NOVO PRESIDENTE

José Eduardo dos Santos tem 37 anos, (nasceu em Luanda, a 28 de Agosto de 1942) e é militante do MPLA desde 1961, tendo exercido a actividade clandestina na capital, enquadrando jovens estudantes para actividades políticas. É filho de Eduardo Avelino dos Santos e de Jacinta José Paulino, pedreiro reformado e doméstica respectivamente.

Em 1961 e no ano seguinte, encontrava-se na segunda região político-militar e era então vice-presidente da juventude do MPLA. Foi por essa altura, o representante do Movimento em Brazzaville, integrando-se, de seguida, nos quadros do MPLA.

Em 1963, incluído no grupo de jovens estudantes do MPLA partiu para a URSS, onde, seis anos depois se licenciou em engenharia de petróleos. De seguida fez um curso militar de telecomunicações, numa escola especial.

Entre 1970 e 1973 desempenhou funções no sector da rádio e foi responsável adjunto dos serviços de telecomunicações da segunda região político-militar.

Em 1974, José Eduardo dos Santos foi nomeado membro da Comissão Provisória do Reajustamente da Frente Norte e, em Setembro desse ano, foi eleito membro do Comité Central e do «Bureau» Político do MPLA.

Nomeado coordenador do Departamento de Relações Exteriores do MPLA, exerceu as funções de Ministro das Relações Exteriores da República Popular de Angola após a proclamação da independência. Mais tarde, assumiu o cargo de primeiro vice-primeiro-ministro.

No primeiro Congresso de 1977, foi eleito Membro do Comité Central do MPLA-Partido do Trabalho e do «Bureau» Político.

Até à data presente, desempenhou as funções de Secretário do Comité Central para o Desenvolvimento Económico e Planificação e exerceu, desde Dezembro de 1978, o cargo de Ministro do Plano.

INVESTIDOS OFICIAIS SUPERIORES

Entretanto, em Angola, o reforço do aparelho militar acompanha o do político agora concretizado com a eleição do novo presidente.

Assim, na terça-feira, realizou-se no Ministério da Defesa, uma cerimónia de imposição de patentes a oficiais superiores das «gloriosas FAPLA», como titulava o «Jornal de Angola».

Este acto militar tinha sido determinada por Agostinho Neto e deveria ter-se concretizado em data anterior. Em consequência da sua morte, a cerimónia foi presidida pelo coronel Iko Carreira, Ministro da Defesa da RPA.

Evocando Agostinho Neto, o ministro Iko Carreira focou a «sua grande e permanente preocupação pela superação cultural e técnico-profissional dos graduados militares» e o «carinho que nunca deixou de prestar a tudo o que correspondesse ao aumento da capacidade combativa, política e operativa das Forças Armadas».

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Isenção na Rádio TV e Imprensa face ao próximo acto eleitoral —recomenda titular do MCS

«Não vos escondi, aquando dos convites que vos enderecei, as graves carências que, de maneira crónica, afectam a Rádio, a Televisão e a Imprensa. Não partis, portanto, na ignorância das tremendas dificuldades a enfrentar e das incompreensões a vencer. Tenho a certeza, pela vossa qualidade humana e profissional, de que ireis constituir equipas homogéneas que saberão ultrapassar os problemas que o futuro vos há-de propor» – eis palavras do ministro da Comunicação Social, major João Figueiredo, ontem proferidas na tomada de posse dos novos membros das Comissões Administrativas da RTP, RDP e Empresa Pública «Século/Popular».

«Confio – acentuou-se – em que sabereis manter uma total serenidade, perante o mar de intrigas ou calúnias que, escribas sem escrúpulo, tentaram antes da vossa posse. Infelizmente (e esta parte já ontem o «DL» reproduziu) vimos assistindo nos tempos mais recentes a um redobrar de virulência em que não se olha a quaisquer meios para atingir os fins, em que a paixão ou interesses de outra ordem toldam a serenidade e, até mesmo, as regras mínimas de uma convivência civilizada. A tónica da 'calúnica cruzada' em que a mentira começa num 'dizse' ou num ' confidencial', e aparece depois reproduzida como facto incontestado, está, infelizmente, a criar raízes. Por esta estrada, será mais penosa a conquista da democracia.

Sublinhou também que não era necessário repetir «quão importante é a acção da Rádio, da Televisão e da Imprensa, especialmente num período eleitoral, em que deverá ser constante preocupação uma acção profundamente pedagógica no sentido da adesão maciça a um voto tão livre e tão consciente quanto possível».

«Exijo – diria ainda – que, em todas as circunstâncias seja por vós mantida uma total isenção, com repúdio de quaisquer ingerências, venham de onde vierem, na esfera da vossa competência própria, garantindo-vos o Governo (...) uma perfeita liberdade dentro de uma total responsabilidade».

DIÁLOGO COM PROFISSIONAIS DA INFORMAÇÃO

Em nome dos empossados, o eng. Amílcar Martins, presidente da Comissão Administrativa da RDP, afirmou que «a criação de um clima de relações de trabalho baseado no rigoroso respeito pelas instituições e normas que nos regem, e na aceitação mútua da responsabilidade que a cada um incumbe nas funções que desempenha, aparece-nos como necessidade que, a não ser respondida, poderá condicionar, de forma determinante, a concretização dos objectivos fixados».

Nesta linha de pensamento, «o encontrar formas de diálogo e colaboração com as organizações representativas dos profissionais da Informação será, julgamos nós, uma via segura não apenas para garantir o rigoroso cumprimento dos códigos de deontologia por que se regem mas ainda para adoptar medidas visando a formação e aperfeiçoamento desses profissionais».

DESINTERVENÇÃO DO «JORNAL DO COMÉRCIO»?

Em conversa informal o major João Figueiredo aventou a hipótese de desintervenção do «Jornal do Comércio» pelo Governo presentemente em funções.

PCP pronuncia-se contra "adiamento de soluções" na Informação estatizada

«Ao tomar posse, o actual Governo encontrou no sector estatizado da Comunicação Social uma situação extremamente grave, deixada em consequência da política seguida pelo Governo Mota Pinto e caracterizada por flagrantes violações à legalidade democrática, por ofensas sistemáticas do princípio de isenção, pluralismo e independência, numa ostensiva manipulação apoiada em numerosas nomeações baseadas no sectarismo e no compadrio político e pessoal » – lê-se numa nota emanada da SIP do Partido Comunista Português sobre a situação na Comunicação Social.

Depois de se afirmar que «a situação deixada pelo Governo de Mota Pinto nos meios estatizados da CS está longe de ter sido rectificada», (...) «mantendo-se a manipulação ao serviço de forças reaccionárias», (...) não tendo sido corrigidas «muitas das mais graves situações de ilegalidade e arbitrariedade», a nota referida desmonta, principalmente, a situação degradante da Radiodifusão Portuguesa, e lembra, depois de outras considerações, que «o Governo tem obrigações relativamente à isenção com que devem decorrer todos os momentos e actos eleitorais».

«Terreno primeiro, questão prévia (acentua-se), é a da Comunicação Social estatizada». Assim, «o adiamento de soluções cria legítimas inquietações. Estamos a semanas de eleições intercalares para a Assembleia da República» (...) pelo que «é urgente, para o regime democrático e a sobrevivência das liberdades, que nesses meios de comunicação social seja reposto o cumprimento da Constituição e das leis».

PS impede condenação de atitude arbitrária da Direcção do "DN"

O Conselho de Informação para a Imprensa apreciou, na sua última reunião, uma queixa da Comissão de Trabalhadores da Empresa Pública «Notícias/Capital» contra a Direcção do «Diário de Notícias» referente a direito de resposta através daquele matutino.

Uma proposta do PCP favorável ao ponto de vista da Comissão de Trabalhadores foi rejeitada pelo CI com os votos contrários dos conselheiros do PS, PSD e CDS.

Na sua declaração de voto, o PS afirma que o assunto incumbe ao Conselho de Imprensa. PSD, idem. Por sua vez, o PCP lamenta o facto de o CI ter perdido «a oportunidade de condenar uma atitude de autoritarismo e desprezo pelos trabalhadores da Informação em qualquer caso condenável e que é particularmente negativa face à gravidade dos problemas da Imprensa estatizada».

Fim do "Jornal Novo"

O «Jornal Novo» vai deixar de se publicar, sucedendo-lhe um outro vespertino com o título de «A Tarde».

A Redacção, em princípio, será composta por elementos dos corpos redactoriais do referido «JN», do «Correio da Manhã» e do semanário «O Tempo».

Ignora-se ainda quem será o director do novo vespertino.

ENSINO

EM VIANA DO CASTELO

Suecos formam professores do Ensino Especial

Um curso de formação de professores dedicado ao ensino especial, organizado pela Divisão do Ensino Especial (sector da dificiência mental) da Direcção-Geral do Ensino Básico, está a decorrer em Viana do Castelo.

O curso (o 2.°), que terminará a 29 de Setembro, conta com a participação de dois orientadores suecos – Birgit Milton e Hakan Brockstedt – que já estiveram em Portugal aquando do primeiro curso deste género, tendo recolhido na ocasião a maior apreciação de todos os participantes.

O dia de hoje será inteiramente dedicado ao estudo da problemática de «como ensinar matemáticas» aos alunos abrangidos pelo ensino especial, prevendo o programa a realização de aulas práticas, seguidas de trabalho oficina. Os dias anteriores foram consagrados a visitas de estudo a escolas da área, a partir das quais se recolheram dados para a reflexão sobre o sistema educacional português que se pôs em confronto com o sistema sueco, especialmente no campo do Ensino Especial.

«A perspectiva de Piaget na psicologia de desenvolvimento e as suas implicações na aprendizagem» e «a estrutura da personalidade do deficiente mental» ocuparam a reflexão dos orientadores e participantes durante o dia de ontem, estando que antes do final do curso haverá uma reunião com Ewa Martory, do Handikappinstitutet de Bromma, na Suécia, especialista de renome mundial no campo da educação de deficientes mentais.

De salientar que o actual curso deverá ser seguido de outros dois, a realizar em Abrantes e Beja, igualmente no âmbito de um acordo luso-sueco sobre ensino especial.

CURSO DE INGLÊS

Igualmente os docentes de Inglês das escolas secundárias vão beneficiar de cursos organizados pelo British Council e pela Direcção-Geral do Esino Secundário com a finalidade de melhorar os conhecimentos daqueles professores, sobretudo no campo das últimas inovações metodológicas.

O primeiro curso, já a decorrer em Abrantes, terminará amanhã, estando marcado o segundo para Vila Real de 24 a 29 do corrente.

Serão conferencistas nos referidos cursos os profs. Eddie Williams, da Univerdidade de Reading e Bob Jordan da Universidade de Manchester, sendo ambos convidados pelo British Council e acompanhados por diversos outros professores que integram o quadro de docentes do Instituto Britânico em Portugal.

A mulher e o cão

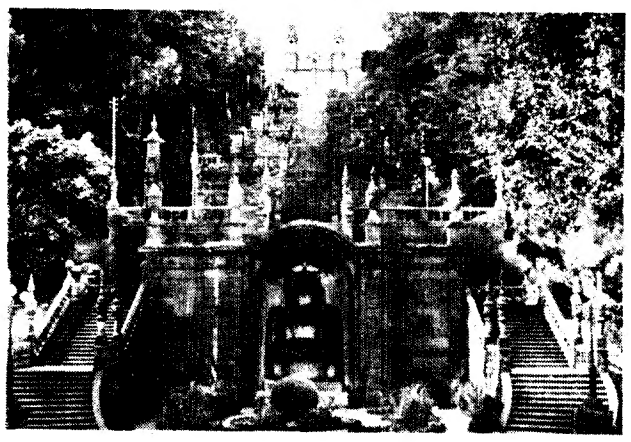
A mulher olha para a esquerda, o cão olha para a direita. Basta acreditar no futuro para que toda a cena se movimente: a mulher saudará o que vier da esquerda (o carteiro, por exemplo), e o cão ladrará àquilo que surgir pela direita (um gato preto e rasteiro, por exemplo). E aqui temos como duas atitudes diferentes se completam, se tornam uma, enquadrando a janela no tempo em construção... (foto de Rui Pacheco)

ponto a ponto

A praça de Sete Rios, fronteira ao Jardim Zoológico, vai chamar-se a partir de 5 de Outubro próximo, Praça General Humberto Delgado. A cerimónia terá lugar no próprio dia 5 de Outubro, pelas 17 horas.

O professor Henrique de Barros foi ontem recebido em S. Bento pela Primeiro-Ministro, Lurdes Pintasilgo. A reunião teve lugar ao fim da tarde, depois de sessões de trabalho da chefe do Governo com os ministros da Administração Interna (Costa Brás), e dos Negócios Estrangeiros (Freitas Cruz) e com o secretário de Estado da Ciência (prof. Mendes Mourão).

«Portugal tem ainda um longo caminho a percorrer no domínio das técnicas de pesquisa e análise econónica», admitiu o ministro da Coordenação e Plano, Correia Gago, ao usar da palavra na sessão inaugural da IV Conferência do CIRET, que encerrará esta tarde.



Lurdes Pintasilgo inicou hoje a segunda das suas viagens pelo interior do País, deslocando-se às regiões de Lamego e Viseu. Hoje estará em Viseu, com uma visita, durante a noite, à Feira de São Mateus. No dia seguinte, é a viagem até Lamego. Temas em foco nas duas visitas: Saúde, Segurança Social e Cultura.

Quadros do ensino médio e superior de todas as universidades e escolas médias portuguesas da UEC reúnem-se hoje em Coimbra para debater a unificação das duas organizações juvenis do PCP (a UJC e a UEC) e formas de intervenção no processo eleitoral.

ELEMENTOS PARA A COMPREENSÃO DE UM FENÓMENO CHAMADO "CRÓNICA FEMININA" (I)

JOAQUIM PALMINHA DA SILVA

Caso se pretenda compreender o que se passa no mundo da Imprensa portuguesa; caso se pretenda compreender porque razão tantos vespertinos e matutinos, semanários e revistas periódicas têm vida tão efémera e tão reduzido leque de leitores,pese a tudo a liberdade de informação, a profusão de órgãos de Imprensa, de especialidade e não especializados; caso pretendamos, efectivamente, compreender porque razão congénita ou fatalismo celestial, tanta publicação edidata nunca foi tão-pouco «consumida» e, evidentemente, muito menos lida, teremos que ter em conta factores ligados aos interesses prevalecentes, nos seus pormenores mais comezinhos, quiçá aparentemente insignificantes, da condição humana. Factores que são de grande importância.

No seu conjunto, a Imprensa portuguesa, e com especial destaque a chamada ou autoproclamada Imprensa **de esquerda,** tem vindo a viver como que embalando cadáveres adiados de jornais diários e revistas periódicas, ou muito simplesmente liquidando, pela pouca «mestria» no engenho» de escrever para determinado público, os jornais diários com uma longa vida ou as revistas que conquistaram, na especialidade que lhes coube escolher, um lugar destacado com os privilégios de audiência, certa e segura, em sectores predeterminados do público leitor.

Para lá das técnicas de mercado, das inevitáveis justificaçoes de fatal recurso ao súbito encarecimento da matériaprirma e mão-de-obra; para lá disto, dizíamos, existe algo mais importante que nos parece digno de estudo e análise. Este algo de que falamos é, na realidade, aquilo a que poderemos chamar a carência de **revolução cultural na Imprensa portuguesa** no seu conjunto e, em particular, na Imprensa que se afirma **de esquerda.** Trata-se, a nosso ver, de que esta última tem vindo a ignorar a sua quota-parte de responsabilidade na reforma conjunta a que a sociedade portuguesa se sujeitou pós-25 de Abril, remetendo sistematicamente, os seus reveses para deficiências superstrutura cultural, das leis de Imprensa, seus regulamentos, da deficiente ou mágestão dos chamados órgãos da Comunicação Social estatizados, e assim de seguida. Na verdade, alguns destes pontos não deixam de ser inteiramente justificados e comprovativamente certos. Todavia, a Imprensa, e os homens de Imprensa, os fazedores de jornais e revistas, vêm ignorando por sistema que eles também se devem sujeitar a uma reforma espiritual, a uma modificação da sua mentalidade de homens da informação. Quiçá, esta ignorância lhes advenha do facto de se julgarem antigas vítimas da censura actualmente libertas e, portanto, porque libertas, expontaneamente **populares;** o mesmo é dizer, que o mal da pouca venda de periódicos e de leitores, nunca será seu, mas do sistema.

Um pouco para desmontar tal erro, outro tanto para apOntar algumas directrizes pouco reconhecidas, propusemo-nos estudar e analisar um fenómeno de Imprensa chamado «Crónica Feminina»!

As ilaçõs que formos tirando a par e passo, serão logicamente ditadas pelo próprio trabalho que, assim o pensamos, está longe de esgotar tudo o que encerra a totalidade do fenómeno.

I

OS MEANDROS DE UMA TÉCNICA

Ao acaso pegamos num número de «Crónica Feminina» do corrente ano. Exactamente o n.º 1184 de 2 de Agosto. Verificamos, assim, com sincero espanto, que a parte inferior do espaço reservado à sua ficha técnica nos dá esta indicação: «Tiragem deste número – 205 000 exemplares». Agora podemos afirmar que estamos perante um verdadeiro fenómeno, sobretudo tendo em atenção a crepuscular actividade editorial da Imprensa portuguesa. Nomeadamente, sublinhando que esta publicação semanal se vende pela módica quantia de 10$00!

Vejamos, entretanto, como se poderá explicar o fenómeno.

A expressão artística popular é essencilamente uma **mostra,** uma **exposição,** e menos uma investigação ou uma exploração da natureza humana. O meio de comunicação utilizado, seja qual for a sua técnica, é quase sempre **uma representação** de coisas que já se conhecem. Contudo, isto não quer dizer que a arte popular e os seus meios típicos de comunicação, parte do princípio de que a vida humana não é fascinante. Antes pelo

Continua na pág. 18

UM TESTE QUE A «DIREITA» FALHOU

Quem reconheça que indo a Luanda, render ao presidente Agostinho Neto uma derradeira homenagem, o general Ramalho Eanes cumpriu o seu dever político como Presidente da República Portuguesa e prestou um serviço a Portugal, não poderá eximir-se a tirar da decisão do Presidente e dos acontecimentos conhecidos as inevitáveis conclusões. Fez-se o Presidente da República Portuguesa acompanhar por três membros do Conselho da Revolução e dois membros do Governo. Não se limitou, porém, a esta delegação oficial do mais alto nível, a presença de Portugal. O Partido Socialista (Mário Soares, Manuel Tito de Morais, Manuel Alegre), o Partido Comunista (Álvaro Cunhal, Veiga de Oliveira), o Comité Português para a Paz e a Cooperação (Silas Cerqueira), o CIDAC (Luís Moita), a CGTP-Intersindical (Álvaro Rana) e o almirante Rosa Coutinho, antigo membro da Junta de Salvação Nacional e antigo alto-comissário em Angola, constituiam, sem estatuto oficial, mas para o efeito solidários com a presença do Presidente Ramalho Eanes, uma luzida e significativa representação da República Portuguesa. Todos prestaram serviço a Portugal.

A lógica política obriga – será uma elementar questão de coerência – a considerar como mau serviço a Portugal algumas atitudes de partidos e de facções, muita prosa lançada ao papel, muita palavra deitada para o ar, e até alguns vómitos ignóbeis. Persiste entre nós, a par de ressentimentos compreensíveis, e de muitas manifestações de mentalidade colonialista que exigem esclarecimento e correcção, uma obstinação conspirativa e provocatória contra Angola, principalmente, que não deverá ser desligada da conspiração contra a Revolução de Abril.

Como notou Raul Rego, num artigo recente: «Evidentemente que não é fácil às camadas portuguesas que aderiram ao totalitarismo e a certos meios que só contrafeitos aceitaram os processos democráticos dentro do País, tomarem uma mentalidade democrática no plano internacional e aceitar de boa mente a independência de países que, no Acto Colonial, se dizia serem **por essência** colónias. Não se muda de mentalidade por decreto: mas em longo processo de educação, de convivência, de adaptação.» («Diário Popular», 11 de Setembro).

Tem Raul Rego razão. A **descolonização** está próxima, vivos os traumatismos. Mas, além da «mentalidade colonialista» e do peso presente dos mitos de «antigamente», além do saudosismo do «Império», defrontamos o aproveitamento político das dificuldades e do descontentamento dos compatriotas que regressaram ao solar continental. Defrontamos uma demagogia irresponsável e cínica. Defrontamos a teia de uma conspiração permanente movida por quem sabe utilizar, contra a jovem democracia portuguesa, os conflitos de interesses e as contradições entre velhos e novos imperialismos.

Para lutar contra Abril, a reacção portuguesa não hesita em enlear-se em manobras duvidosas e claras conspirações contra Angola, contra Moçambique. Os partidos, grupos e grupúsculos da «direita» – do PSD ao MIRN – não têm desdenhado a intriga colonial. E candidaturas proclamadas à Presidência da República mostram-se esperançadas no aproveitamento eleitoral dos ressentimentos dos «retornados». Candidatos que jogam à «direita» e partidos que constituítam uma «aliança de direita», não foram capazes de se erguer à altura dos interesses nacionais por ocasião da morte de Agostinho Neto.

A subordinação, a um estreito oposicionismo, dos interesses históricos e actuais de Portugal, mostra que a «direita», ao coligar-se para pretender ser «nova maioria», não foi capaz de se desembaraçar dos aspectos negativos da «mentalidade colonial». Acaso alguns dos seus corifeus não estejam inocentes de participação ou de cumplicidade nas actividades que em território português, e não só, têm sido irresponsavelmente, provocatoriamente, planeadas e realizadas contra a República Popular de Angola.

Não compreender a importância da ida do Presidente da República a Angola, não compreender o «serviço de Portugal» que é justo creditar ao general Ramalho Eanes e aos representantes dos partidos e organismos que deram em Luanda testemunho do nosso patriótico repúdio do colonialismo, é um gravíssimo erro político. É uma prova de incapacidade para compreender o sentido nacional da Revolução de Abril e o próprio sentido profundo da nossa História.

Como escreveu Francisco de Sousa Tavares:

«... Do contacto de duas civilizações diferentes, é aquela que se julga possuir mais alto grau de desenvolvimento técnico, que deve contribuir também com um humanismo mais profundo e mais rico. O povo e a nação que nascerem dessa síntese devem ser uma nova forma da aventura humana, e só assim, pelo nascimento desse mundo novo, a aventura da colonização adquire um sentido criador e uma justificação histórica.

«E por isso a independência de Angola, o aparecimento na história do mundo de um país chamado Angola, desenhado por nós no mapa da África e que falará uma língua assente no Português herdado, é um momento alto de Portugal-nação, é um facto que justifica o esforço continuado de um país de emigrantes, e é o facto redentor de todas as páginas sombrias de uma colonização dominadora.

«Quem nos arrancou essa independência, quem fez dela o símbolo e o farol de uma luta e de uma vida, quem substituiu o rei D. João VI como construtor de uma estrutura e de uma consciência nacional, merece a homenagem de Portugal. Quem construiu Angola, honrou Portugal.

«E por isso Agostinho Neto, herói de Angola, fundador de uma pátria, criador de um novo espaço de liberdade humana, merecia que um Chefe de Estado Português tivesse a inteligência e o pundonor de junto do seu túmulo mostrar que Portugal sabe que o seu futuro e colectivo orgulho estará ligado para sempre à presença de uma nação chamada Angola no palco do mundo.» («A Capital», 20 de Setembro).

A miopia oposicionista e reaccionária dos políticos da «direita» tem tido como consequência, no aspecto concreto das relações com os países que no «palco do mundo» asseguram uma irradiação nova à Língua Portuguesa, uma total incapacidade de interlocução. É evidente que passa pelo repúdio da «mentalidade colonialista», e pelo rompimento com a prática política do «salazarismo» e do «marcelismo», o caminho para manter e estreitar boas relações com Angola, com Moçambique, com a Guiné-Bissau, com Cabo Verde, com São Tomé e Príncipe.

A maneira como foram recebidos em Luanda, os democratas portugueses, e em primeiro lugar, mas não só, o Presidente da República, e a apreciação que a «direita» vem fazendo desse «serviço a Portugal», não poderão deixar de ser tidos em conta pelos eleitores que queiram um Governo – não para restaurar o **passado morto** –, mas para abrir a Portugal os caminhos do **futuro**.

PODER LOCAL

Madeira: caseiros de Machico contra espoliação de terras

Nos prédios da Banda d'Além, Trincheira e Pé da Ladeira, em Machico, cerca de 60 famílias viviam em regime de colonia durante dezenas e dezenas de anos. Os seus avós e bisavós centenas e centenas de anos assim viveram também. Nessas terras construíram as suas casas, repartindo o produto do seu duro trabalho com os senhores Aníbal da Trindade e António Abel Vieira...

Assim se pronunciaram aquelas 60 famílias madeirenses, em exposição enviada ao «DL», tim-tim por tim-tim, com princípio, meio e fim.

A vida dos caseiros e das suas famílias sempre foi muito dura e cheia de sacrifícios. Miséria, trabalho e doença, são o dia-a-dia de quem trabalha no campo. Foi e é assim nas terras de Machico e nos outros campos da Madeira e do continente.

Ao lado da miséria dos caseiros, «crescia a opulência e a riqueza ilimitada dos senhorios». Vivendo apenas à custa do trabalho alheio, «apoiados no regime fascista e nas suas Polícias e Tribunais, os senhorios acumulavam fortunas fabulosas sem trabalhar».

ASSALTO ALEMÃO

Por volta do ano de 1970, uma empresa turística alemã, de nome Machitur, decidiu construir sobre os terrenos e casas habitadas pelos colonos um complexo turístico, hotéis de luxo, piscinas, etc. Para isso, «entrou em acordo com ambos os senhorios no sentido de comprar todos os terrenos e as benfeitorias neles incorporadas».

Ora...

Ora «os senhorios Aníbal da Trindade e António Abel Vieira, a fim de alcançarem lucros muito superiores (os quais mesmo sem trabalhar retiravam já do trabalho alheio...), acercaram-se imediatamente dos caseiros para os expulsarem das suas terras».

Para isso, «usaram a sua secular força de ricaços poderosos, pagando a advogados ao serviço do dinheiro e da exploração. Perseguiram os pobres caseiros com ameaças e chantagens, oferecendo-lhes uma miséria para que saíssem das suas casas e das terras».

E como...?

Utilizando a tradicional submissão que os camponeses «sempre tiveram pelos senhores, pela lei, pela justiça, pelos advogados e tribunais...» E assim «lhes roubaram as casas e o sustento».

Não se importaram «com a sorte de dezenas de famílias, quase todas com muitos filhos pequenos e de berço, não cuidaram de saber se teriam ou não casa para morar ou emprego para ganhar a vida».

Na esmagadora maioria dos casos, «os caseiros foram forçados a assinar uma escritura na Secretaria Notarial de Machico, pela qual **vendiam** os únicos bens que tinham em troca de miseráveis quantias. Os mais resistentes foram para tribunal – e alguns receberam melhores compensações.» Mas...

Mas de qualquer maneira «contra a sua vontade e debaixo de pressões e ameaças». A maior parte dos caseiros «não tinha dinheiro para comer, quanto mais para pagar a advogados...»

Na prática, os caseiros «foram expulsos das suas casas e terras que cultivavam». A sua miséria «aumentou». Foram viver «para furnas, para buracos com tábuas, alguns para casas de familiares». Procuraram emprego por outros lados: «emigraram». E «passaram mais fome ainda», cultivando embora outras terras.

NOVAS AMEAÇAS

Um dia chegou «o 25 de Abril». E com ele «uma esperança para as famílias pobres que foram expulsas dos seus lares. Ao fim de cerca de 5 anos de sofrimentos sem fim, os caseiros uniram-se, organizaram-se e ocuparam as terras de onde tinham sido expulsos. Voltaram às suas casas e desbravaram as terras que já não viam enxada há cinco anos; fizeram obras nas casas, abandonadas e desprezadas também na sua maioria havia cinco anos...»

Os donos da Machitur, com o 25 de Abril, «fugiram para o estrangeiro, deixando atrás de si milhares de contos de dívidas nos Bancos».

Hoje...

«Hoje, passados cinco anos após os caseiros terem tomado conta do que era seu, renovam-se ameaças para os expulsar das casas e terras. As aves de rapina saíram dos seus covis e querem fazer mais vítimas. Querem lançar de novo na rua cerca de 250 pessoas, entre homens, mulheres e crianças.»

Mas...

«Mas os caseiros defenderão as suas terras e casas – e contam para isso com a solidariedade e a ajuda do movimento de caseiros, da classe operária, de todo o povo em geral...»

Vista do Machico: bilhete postal que esconde muitos problemas

Vedada ao trânsito Rua das Praças por motivo de obras

A fim de se proceder ao rebaixamento do colector, vai ser vedada ao trânsito, por um período de trinta dias, a Rua das Praças, no troço compreendido entre a Rua das Trinas e a Rua de S. João da Mata, a partir do próximo dia 25.

Por idêntico motivo e por igual período de tempo, será permitida a circulação automóvel, nos dois sentidos, na Rua de S. João da Mata, no troço entre a Rua da Lapa e a Rua das Praças.

Edis do distrito da Guarda e alcaldes de Salamanca analisam Central de Sayago

O governador civil e os presidentes dos Municípios do distrito da Guarda vão reunir-se com os alcaides de Salamanca e Ciudad Rodrigo, para analisarem em conjunto as consequências negativas para as populações e economias das regiões que irão ser afectadas pela eventual construção da Central Nuclear de Sayago.

Segundo foi revelado, na Assembleia Distrital, a reunião terá lugar no próximo dia 7 de Outubro, em Ciudad Rodrigo, é promovida pelos alcaides daquelas cidades espanholas, que convidaram os seus colegas portugueses, através do presidente do Município da Guarda, quando da sua presença nas festas da cidade de Salamanca.

A assembleia distrital da Guarda debruçou-se também sobre o caso da reabertura da Escola de Enfermagem.

O governador civil, Emílio Leitão Paulo, assegurou que já há cinco enfermeiros candidatos a monitores, pelo que é possível a reabertura da Escola em Janeiro próximo, desde que os Municípios mantenham o auxílio financeiro prometido.

Foi ainda eleito o representante da Assembleia no Conselho Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos e aprovado o segundo orçamento suplementar ao ordinário do corrente ano.

Novo mercado municipal em Leiria

A cidade de Leiria vai ser dotada de um novo mercado municipal que terá uma área de 7500 metros quadrados e custará cerca de 144 milhões de escudos.

O mercado, cujas obras se iniciaram no princípio deste mês, terá três pisos, sendo um subterrâneo destinado a operações de carga e descarga de género. Disporá também de uma rede de frio.

O empreendimento vem suprir uma das maiores carências da cidade e deverá estar concluído em meados de 1981.

O respectivo projecto inclui também a construção de uma nova rede de acessos rodoviários.

Prevê-se ainda que responda às necessidades locais durante cerca de 70 anos.

Assembleia de Freguesia da Ajuda

No próximo dia 26, pelas 21 e 30, reúne-se a Assembleia de Freguesia da Ajuda, para discussão de assuntos de interesse geral da localidade.

A reunião (que é pública) efectua-se no edifício da JF, na Calçada da Ajuda, 236.

SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDUSTRIA HOTELEIRA E SIMILARES DO DISTRITO DE FARO

SEDE — Rua Brites de Almeida, 12 - 3.º — Telefones: 23617 e 24270 — 8000 - Faro

DELEGAÇÕES:

8.500 - Portimão — Rua do Comércio, 49 - 1.º — Telefone 23981

8.900 - Vila Real de St.º António — Rua João de Deus, 5 - r/c Apart. 34 — Telefone 217

COMUNICADO

Constituem uma realidade as perseguições e os despedimentos a que estão sujeitos os trabalhadores da HOTELARIA do ALGARVE, bem como a prepotência das Entidades Patronais que não permitem que Dirigentes deste Sindicato mantenham contactos com os seus Associados, nas Empresas:

— Grupo FERNANDO BARATA
— HOTEL TOCA DO COELHO
— HOTEL D. PEDRO
— Aldeamento da «ALDEIA DO MAR»
— JOSÉ DA CRUZ FRANCÊS (Pr.ª da Rocha)
— TORRALTA (HOTEL GOLFINHO)
— PARQUE DE CAMPISMO DE LAGOS (Herd.ºs de Castelo Branco)

Assim, depois do despedimento do PICO, Delegado Sindical no Hotel Golfinho, do despedimento do Delegado Sindical na Cervejaria Laredo (Lagos), MANUEL MARIA PACHECO, e já no mês em curso, no Hotel Faro, do despedimento do Delegado Sindical e também membro da Comissão de Trabalhadores daquela unidade, SÉRGIO RITA RAIMUNDO, tudo isto nos mostra a orquestração que de há um tempo a esta parte se está a erguer contra os que trabalham, por parte do patronato, procedimentos esses com inteira violação dos princípios mais elementares de justiça e com inteiro alheamento pela legislação laboral deste País.

Em face do que se está a passar, temos nós, trabalhadores da Hotelaria do País, de lutar contra a repressão de que são alvos camaradas nossos que, ainda por cima e nas empresas onde trabalham, conjuntamente com todos nós, sempre se têm batido pela defesa de DIREITOS que são muito nossos.

Apelamos pois a todos os camaradas para uma maior unidade dentro das Empresas, lutando contra a repressão patronal, dado que só unidos conseguiremos vencer a fúria desenfreada do patronato.

Faro, 14-9-79

A DIRECÇÃO

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação na rede dos Serviços Municipalizados, avisam-se todos os consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 23 (domingo) das 7 às 15 horas, nas seguintes localidades:

De Loures — BUCELAS, VILA DE REI, FREIXIAL E FANHÕES;
De Loures — CANEÇAS, FAMÕES;
De Loures — LOUSA, CABEÇO DE MONTACHIQUE;
De Loures — St.º ANTÓNIO DOS CAVALEIROS, PÓVOA DE St.º ADRIÃO;
De Loures — LINHA DA UNOR;
De Loures — EDEC, ODIVELAS;

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 19 de Setembro de 1979

P'lo ENGENHEIRO DIRECTOR-DELEGADO
Mário Pato e Silva

S. R.

CÂMARA MUNICIPAL DE VENDAS NOVAS

MOÇÃO

Tendo esta Câmara Municipal tomado conhecimento da agresssão COBARDE e PIDESCA de que foi vítima o Presidente da Câmara Municipal de Aviz, praticada por elementos da G.N.R., e em que se distinguiu nas agressões o Sargento RAMOS, do Posto de Fronteira, não pode esta Câmara ficar indiferente a tais factos e sente-se solidária com o eleito do Povo de Aviz JOSÉ LUÍS CORREIA DA SILVA.

Manifesta o desejo de se aliar a todas as forças democráticas e progressistas no sentido de que se faça imediatamente justiça, para respeito dos direitos humanos e salvaguarda da democracia.

A Câmara Municipal de Vendas Novas, na sua reunião de 14 de Setembro de 1979, aprovou por unanimidade o seguinte:

1.º Repudiar a agressão cometida;

2.º Exigir que se faça um inquérito à acção das Forças da G.N.R., e principalmente à maneira cobarde como actuou o Sargento RAMOS;

3.º Solicitar ao Governo, nomeadamente ao M.A.I. as medidas imediatas para que situações deste tipo não voltem a acontecer.

Vendas Novas, 14 de Setembro de 1979

A CÂMARA MUNICIPAL DE VENDAS NOVAS

PCP expõe esta tarde objectivos de campanha

Reflexo de que se aproximam a passos largos as eleições intercalares e para as autarquias, a generalidade das organizações políticas nelas interessadas estão a viver internamente uma inusitada animação.

A principal reunião partidária, hoje, é a do Comité Central do PCP, que reúne os principais dirigentes nacionais deste partido em Lisboa. Ao fim da tarde, há uma conferência de Imprensa. No encontro com os jornalistas, Álvaro Cunhal exporá a posição do partido perante as eleições que se avizinham, certamente com pormenores pontuais que ainda não foram divulgados.

O PS reúne a sua Comissão Directiva na próxima terça-feira pensa-se que para cuidar de minúcias respeitantes à táctica eleitoral a adoptar e ultimação das listas de candidatos. Esta reunião do PS no princípio da próxima semana está a ser aguardada nos meios políticos e jornalísticos com relativa expectativa, principalmente depois que no âmbito da Aliança Democrática parece ter-se chegado a uma conclusão favorável às listas conjuntas e ainda em conta de que, entretanto, a ASDI decidiu não concorrer às próximas eleições. «Não vamos às eleições porque não acreditamos nelas» – diz Sérvulo Correia hoje a um semanário. O dirigente da ASDI confessa que vai votar no PS.

Domingo, o MDP/CDE realiza em Lisboa um encontro nacional de delegados. Este encontro prolonga os trabalhos duma reunião já levada a efeito e na qual não ficou assente nenhuma decisão quanto à participação ou não da organização nas eleições. Oportunamente, o MDP anunciou que concorreria às eleições. Mas, entretanto, a situação pré-eleitoral tem conhecido desenvolvimentos de algum modo inesperados (à direita, pelo menos), e parece de admitir que o MDP possa reexaminar a decisão anteriormente tomada, e não é de excluir que renuncie a uma participação autónoma, se tanto se revelar importante para os interesses da esquerda.

Por outro lado, e enquanto parece ter falhado a tentativa de formar uma frente eleitral de «unidade popular», como noutro local se noticia, dois partidos trotsquistas (ou «trotsquizantes») aparecem envolvidos numa proposta idêntica, lançada por um deles, ao outro. É o PSR, que a propõe ao POUS.

O PSR, Partido Socialista Revolucionário, resulta da fusão do PRT com a LCI, e o POUS foi lançado há poucos meses com as referências de dois deputados que foram do PS: Carmelinda Pereira e Aires Rodrigues.

Ignora-se a receptividade do POUS à proposta do PSR.

Entretanto, Mário Soares vai no domingo a uma festa-convívio do PS, em Pegões, Montijo. E a APU do Porto está a realizar uma sequência de reuniões com vista à campanha para as autarquias.

Clérigos de Braga prosseguem "verdadeiros comícios"

PORTO, 21 – «De uma forma mais ou menos velada, mais ou menos descarada, os clérigos desta diocese e praticamente por todo o lado, prosseguem uma campanha que, em vários casos, assume aspectos de verdadeiros comícios dentro das igrejas» – é a síntese que se poderá fazer dos vários contactos que ontem mantivemos com moradores de Braga e da respectiva área concelhia.

Um dos contactados referiu-nos inclusivamente, um episódio verificado há poucos dias naquela região, no decorrer de uma missa. Na altura em que o padre ainda falava do púlpito, um dos assistentes ao acto litúrgico não se conteve e invectivou o pároco nestes termos: «quero saber se isto é uma homilia ou um comício, porque neste último caso inscrevo-me para falar a seguir...»

Apanhado de surpresa o clérigo em questão, constatando que, contrariamente ao que habitualmente sucedia, o seu comportamento não ficava impune ou não passava despercebido, tentou corrigir com a desculpa de que era «para esclarecer o povo de Deus» (sic). Pelo sim pelo não – informaram-nos também – moderou o tom e mudou de tema no resto da homilia.

As informações por nós recolhidas apontam entretanto, no sentido de caracterizar esta «cruzada» pública da já conhecida hierarquia ultraconservadora da arquidiocese de Braga, como uma tarefa incessante cujo pretexto é sempre a luta contra a abstenção e o confiar do voto aos partidos que defendem a religião contra os outros partidos que «sepultam as pessoas nos cemitérios vermelhos».

Para esta campanha dizem-nos ainda, há clérigos que recorrem a atitudes «do maior descaramento e de provocação», com o tom de verdadeiros «recados» públicos para uma ou outra pessoa, de «convicções democráticas», presente nos actos de culto. Um clima de intimidação e o lento e persistente insuflar de um sentimento de intolerância e de medos vários, contrário á serenidade e lucidez requeridos por acto cívico da importância do acto eleitoral é, para já, o resultado que parece pretender-se com esta «cruzada» dos tão influentes clérigos da diocese de Braga.

PS TOMA POSIÇÃO

Entretanto, em declarações insertas no respectivo órgão oficial, «Acção Socialista», um porta-voz do PS considerou «altamente positiva» a atitude que diversos bispos portugueses têm tomado recentemente em discursos ou homilias de apelo ao voto.

O mesmo porta-voz acrescentaria, porém, que «não se deve confundir a luta contra todos os tipos de abstenção com a apologia de um certo sentido de voto feita por entidades que «não devem deixar-se partidarizar».

"UNIDADE POPULAR"

UDP responsabiliza MES pelo falhanço da Frente

O secretariado da comissão permanente da UDP emitiu ontem um comunicado dando conta do malogro em que redundaram as negociações para a formação duma Frente de Unidade Popular e responsabilizando o MES por tal malogro. No seu texto, a UDP considera que «apesar de todos os esforços por si realizados em conjunto com personalidades antifascistas e revolucionárias, se goraram as possibilidades de concretização da Frente, devido fundamentalmente às posições de intransigência, objectivamente abstencionista da direcção do MES, que se coloca ao serviço do reformismo».

A UDP explica o se ponto de vista: «Ao colocar como questão de princípio a não apresentação de candidaturas a nível nacional e a desistência em quase todos os círculos a favor do PS e do PC, respondendo negativamente às bases políticas para um acordo, a direcção do MES acabou por inviabilizar completamente a possibilidade dum acordo interpartidário para a participação nas próximas batalhas eleitorais.»

Referindo-se à questão do 1.º candidato por Lisboa – questão decisiva para a inviabilização do acordo –, diz a UDP que respeitou «critérios políticos» apontando para «um militar de Abril», a que se seguiria, em segundo lugar, Acácio Barreiros (que o MES queria colocar em primeiro lugar). Na situação de impasse aqui criada, a UDP propôs então «uma nova dinâmica» apontando para um «Plenário Nacional» de organizações políticas, militares de Abril, personalidades antifascistas e revolucionários, representantes das Comissões Unitárias. Resta saber as consequências práticas desta proposta.

Entretanto, a comissão política do MES reúne no próximo domingo para analisar a situação pré-eleitoral e apurar a posição que o partido vai tomar perante as intercalares, depois de falhada as negociações para uma Frente de Unidade Popular. O MES deverá tornar público o seu ponto de vista e responder às acusações que a UDP lhe vem fazendo.

PARA A ASDI

Eleições de 1980 "é que são decisivas"

Magalhães Mota afirmou ontem à Anop que a razão que levou a ASDI a não concorrer às próximas eleições intercalares foi «fundamentalmente uma opção política, já que as eleições de 1980 é que são decisivas».

Recusando qualquer «apropriação» por parte da ASDI de qualquer ponto do programa do PSD para as suas linhas programáticas, Magalhães Mota frisou que «hoje não está ninguém no PSD que tenha colaborado activamente no programa do então Partido Popular Democrático (PPD)».

Por outro lado, reafirmou a sua opinião de que a lógica política apronta para a unificação, em partido, da «Aliança Democrática», sublinhando a anunciada «intervenção da UCD espanhola na próxima campanha eleitoral da Aliança, que aponta para o partido único e o prefigura».

AÇORES: DIFICULDADES NA FORMAÇÃO DAS LISTAS

Os partidos políticos, nos Açores, estão a encontrar dificuldades na escolha dos «homens certos» para as listas de candidatura à Assembleia da República, afirmou ontem o vespertino «A União», de Angra do Heroísmo.

São assim de esperar algumas surpresas de «última hora», acrescenta o jornal, que aponta como candidatos mais prováveis pelo PSD os nomes de Mota Amaral, António Mendes e António Meneses.

António Mendes é, actualmente, director do matutino terceirense «Diário Insular», exercendo, simultaneamente, a chefia do gabinete do secretário regional de Informação e Cultura.

O advogado António Meneses, que nas eleições presidenciais foi indicado pelo PS para promotor da candidatura de Ramalho Eanes em Angra do Heroísmo, é um dos principais colaboradores do secretário regional da Administração Pública.

No que diz respeito ao Partido Socialista, o jonal terceirense aponta como prováveis, para além de Jaime Gama e de Francisco Oliveira, os nomes de Martins Goulart, líder regional do PS, José Manuel Bettencourt e João Luís Medeiros.

Almeida Costa nos Açores

Chegou ontem à ilha Terceira o presidente da comissão consultiva para as regiões autónomas e conselheiro da Revolução, comandante Almeida e Costa.

Ao fim da tarde, em Angra do Heroísmo, o ministro da República para os Açores, almirante Silva Horta, expôs a Almeida Costa e aos três vogais daquela comissão a forma como se tem vindo a concretizar a autonomia do arquipélago.

Hoje, os membros da comissão consultiva para as regiões autónomas deslocaram-se a Ponta Delgada, onde foram recebidos por Mota Amaral, chefe do Executivo açoriano, e pelo secretário regional das Finanças, Raul Gomes dos Santos.

Amanhã, está ainda prevista uma deslocação à Horta, onde os elementos daquela comissão serão recebidos pelo presidente em exercício da Assembleia Regional, Fernando Faria, regressando a comitiva a Lisboa na segunda-feira.

ANO LECTIVO DE 1979/80
INSCRIÇÕES ABERTAS
PREPARATÓRIO • UNIFICADO • GERAL • COMPLEMENTAR
EXTERNATOS
Álvares Cabral
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) – T. 70 69 74 / 5
Marquês de Pombal
Rua Morais Soares, 93
Tel. 82 02 21 / 83 46 58
S. Vicente
R. Edith Cavel, 8
Tel. 84 88 64 / 5

ESCOLA DE ALVERCA UMA VEZ MAIS ASSALTADA

Para quando uma maior vigilância?

A Escola Preparatória de Alverca foi uma vez mais assaltada, anteontem. Entre as gentes da vila, anunciar isto. não constitui surpresa. Surpresa, sim, seria dizer que, enfim, doravante, a EP de Alverca do Ribatejo ficaria mais resguardada da cobiça dos assaltantes, os mesmos de façanhas anteriores ou outros. Mas constrange, de facto, constatar que entrar por aquele estabelecimento adentro, de noite, é pão-de-quase-todos-os-dias. Como também entristece quem passa de comboio, sobretudo quando pára na estação local, contemplar a escola, aí a uns bons trinta metros, com os vidros partidos, mal conservada, perfeitamente votada ao abandono – a despeito da sua recente e alinhada construção.

Palavras de um porta-voz do posto da GNR local, esta manhã ouvido pela reportagem do «DL»: «Agora, ainda vai sendo mais espaçadamente. Mas, houve épocas em que isso acontecia quase todos os dias, todas as semanas, todos os meses».

E foi assim, no decurso dos dias, semanas e meses, que da EP de Alverca, um edifício moderno, de um só piso, ao correr e bem aconchegado (mas muito esquecido) que desapareceram máquinas de calcular e escrever. Ladrões houve que, nas suas «visitas», sentindo-se perfeitamente impunes, se «abasteceram» no bar do estabelecimento, sobretudo com chocolates e bebidas (não alcoólicas, claro). Isso, apesar de a escola ter um guarda por conta. Mas, de (e para) que serve um vigilante desarmado (não vai nisto a mínima sugestão de violência)?

Guarda que, no dizer de um efectivo da GNR local, em chegando às 22/23 horas, se mete na sua «guarita». Por não ter arma. Por não se sentir seguro. Por recear que tirem dele desforço.

JUDICIÁRIA EM ACÇÃO

No ataque de anteontem os assaltantes dispuseram de tempo mais que suficiente para «revistar» todo o estabelecimento, procurar velas (que uma «visita» assim garantida merece ser bem iluminada, além de que, para escolher o recheio, nada melhor que às claras), fazerem tochas e mexer e remexer toda a papelada.

Tiveram azar: máquinas, há já muito tempo que não existem na escola. Chocolates, idem, aspas, mas por outra razão: é que não iam ficar ali guardados durante as férias. E, então, que encontraram à mão?

Processos de professores, que retiraram por ventura sem a noção da sua importância, mas laivos de vandalismo. E folhas de vencimentos (que de nada lhes serve) e numerosos cheques, idem e também aspas. Pela simples razão de não terem o selo branco da escola, apesar de estarem assinados.

O caso foi entregue ao Ministério da Educação (que logo providenciou no sentido de aí enviar técnicos para fazerem um levantamento da situação), à PJ (que ontem telefonou para as autoridades locais) e à GNR.

PROFESSORES LAMENTAM

O Conselho Directivo está a par de toda a questão. Os professores, por seu turno, lamentam que a GNR aí vá poucas vezes e periodicamente. Claro que os assaltantes, bem informados, sabendo que o guarda privado se refugia, pelo adiantado da noite, na sua «guarita», ou vão aí antes do homem entrar de serviço, ou pela calada. Daí que nunca tenham sido topados em acção.

Triste também em tudo isto é o facto de presentemente os ofícios dimanados da secretaria da escola serem escritos à mão (porque as máquinas foram roubadas). E isso, em parte, porque a escola, de facto, embora junto à estação da CP e no lado oposto a uma fábrica que emprega muito pessoal mas não funciona, ao que parece, durante a noite, se situar num descampado, a uns bons quatrocentos metros da estrada e centro da vila.

AMANHÃ, EM TOMAR, ORDEM DOS TEMPLÁRIOS VOLTA A MEXER

Membros da NATO e da Igreja entre os novos 70 cavaleiros

Setenta novos cavaleiros da Ordem dos Templários farão a sua entrada solene nesta Ordem em cerimónia que se realizará amanhã na charola do Convento de Cristo, em Tomar.

Estas cerimónias, que não se realizam há mais de 400 anos, serão presididas pelo regente da Ordem do Templo, Fernando de Sousa Freitas e por Manuel Deslandes.

Previamente, efectuar-se-á uma concentração no convento de Cristo, após o que será celebrada missa solene pelo reitor das missões de Tomar.

Seguir-se-á um jantar de convívio com a participação de todos os cavaleiros da Ordem presentes.

O traje para a cerimónia será constituído por fato escuro com capa da Ordem – branca e com uma cruz vermelha.

A investidura dos membros da recém-criada Associação dos Cavaleiros do Templo, que se realiza amanhã em Tomar, irá dar a conhecer publicamente a face dos que pretendem restaurar a Ordem extinta na Idade Média.

Os seus dirigentes portugueses falam ainda no «espírito cavalheiresco» e na «filosofia cristã» como elementos inspiradores dos novos templários, mas o seu «aggiornamento» rejeita os antigos votos de pobreza, obediência e castidade.

Um dos dirigentes portugueses, Manuel Cyrne Deslandes, também com o sonoro cargo de lugar-tenente-general dos templários a nível internacional, comenta o abandono dos antigos rituais com um sorriso: «Seria difícil fazer perdurar tais votos nos dias de hoje. Eram ideias muito medievais».

Mas quem são estes templários?

A NATO e a Igreja contam entr, eles uma parte significativa que Manuel Deslandes não deixou de assinalar. «A Associação conta diversos oficiais do nosso exército e ligados à NATO, funcionários da administração, padres católicos, gente que se interessa pela arquitectura, pela história e pela tradição» – afirmou.

As pazes com a Igreja que extinguiu os templários, acusados de abusos de poder e de condutas reprováveis, presos e torturados, serão consagradas em Tomar numa cerimónia católica que encerrará com a benção.

Quanto ao lado «cavalheiresco», poderá referir-se que estará presente, como convidado, um general norte-americano ligado à NATO, e que os templários portugueses vão reunir na sua cidade, no ano que vem, todos os oficiais da organização do Tratado do Atlântico Norte pertencentes à Ordem do Templo.

LEVANTAR A BULA

A Associação Portuguesa dos Templários pretende expressamente «refazer a história templária em Portugal e levantar a bula que extinguiu a Ordem», segundo as palavras daquele dirigente. Pretendem também depositar o arquivo histórico que possui no convento de Cristo em Tomar, terra defendida pela Ordem original em 1190 contra o rei de Marrocos.

Desde a sua criação, em Agosto do ano passado, que a Associação tem vindo a fazer este pedido à Secretaria de Estado da Cultura.

A Ordem Militar do Templo nasceu entre 1118 e 1119, após a conquista de Jerusalém pelos cruzados, tentando ligar o militar e o monge na defesa dos pontos de roteiro dos europeus em terras árabes.

Identificada por um branco com uma cruz vermelha por cima, a Ordem estabeleceu-se em Braga no século XII, recebendo a doação de Fonte Arcada, actual concelho de Penafiel. Prestando serviços a D. Teresa e D. Afonso Henriques, a Ordem recebe diversas outras doações e ergue o forte de Tomar, a sua casa principal. Em 1165, o rei doa-lhes um terço «de tudo o que se conquistasse além do Tejo».

Foram seus os castelos de Cardiga, Foz do Zêzere, Tomar e Almourol.

«Os templários especialmente – diz A. Ribeiro, citado na Grande Enciclopédia Luso-Brasileira – haviam conseguido acumular imensas riquezas. (...) Reis, príncipes, bispos, grandes senhores, recorriam à ordem quando se viam em embaraços de dinheiro. Assim, os templários haviam-se tornado o grande potentado financeiro do ocidente europeu».

A Ordem foi encerrada na sequência de um enorme processo montado por Filipe, o Belo, de França, auxiliado pelo Papa Clemente V (séc. XIV). No seguimento de acusações que iam – refere o autor citado – «desde a heresia e o sacrilégio, à usura, profanação e infâmia de costumes», foi emitido em 1307 um mandato de prisão geral contra a Ordem e a perseguição começou, para ser acompanhada pelo confiscar dos imensos bens, em 1312, o Papa suprimia a Ordem em benefício de outra, a do Hospital, que lhe tomou parte das propriedades. (por Francisco Neves, da ANOP).

EM TORTOSENDO

Brigada de Fiscalização agredida por comerciante e familiares

Um merceeiro da freguesia de Tortosendo (Covilhã), e familiares agrediram dois elementos de uma brigada de Fiscalização Económica que o surpreendeu a vender bacalhau salgado seco por um preço que excedia em 50 por cento o preço máximo tabelado.

Manuel Luís dos Santos, conhecido na zona por «Manuel Vigarista», vendia, de acordo com documentação recebida na Direcção-Geral de Fiscalização Económica, aquele produto em grande escala, a preço ilegais. Por acaso, a brigada de fiscalização económica que se dirigiu ao estabelecimento para averiguar a veracidade das denúncias, surpreendeu a afilhada do proprietário, Maria José Rodrigues Churro, a vender dois volumes contendo daquele bacalhau, ao preço de 305 escudos o quilo. Segundo a Portaria 601/78, o preço máximo de venda ao público do bacalhau salgado sêco de tipo especial (o mais caro) é de 200 escudos.

Os agentes de fiscalização identificaram-se imediatamente e, ao deligenciarem prosseguir a sua missão, foram impedidos pela mulher e o filho do proprietário da mercearia que se precipitaram para os fardos na tentativa de fazerem desaparecer os números indicativos dos pesos e do preço, enquanto os agrediam a soco e pontapé. O proprietário do estabelecimento chegou a atingir o agente fiscal Carlos Alberto Pinto Ribeiro com uma garrafa na cabeça, o qual teve de receber tratamento de urgência no posto clínico de Tortosendo.

Por seu lado, a afilhada do proprietário da loja, com um vidro dessa mesma garrafa tentou agredir o chefe de brigada, Albano Nunes Batista, golpeando-o ainda num dedo.

Chamada a GNR local, os agressores foram detidos enquanto no interior do estabelecimento foram encontrados mais de 50 fardos daquele bacalhau, o que permite suspeitar de açambarcamento do produto.

Já anteriormente várias brigadas de fiscalização haviam visitado a mercearia mas os autos não se consumaram devido à fama de «perigosos» de que o referido comerciante e familiares gozam na região. Fama e proveito, pois não foi este o primeiro caso de agressão a funcionários encarregados de averiguar as condições em que se processa a actividade do comerciante em questão. Há meses, os mesmos indivíduos foram julgados em processos sumário por terem agredido um agente sanitário do Centro de Saúde da Covilhã, que ali se dirigira em serviço.

No Lavradio

Fogo posto em residência

Um misterioso incêndio de origem criminosa destruiu uma habitação no Lavradio, obrigando à intervenção da Polícia Judiciária que ontem mesmo, um dia após o acto criminoso, avançou para o local a solicitação da Guarda Republicana.

O fogo deflagrou na residência de Fernando José Nobre Vilhena, situada na Rua Cândido Manuel, 5-2.º Dt.º, há dois dias em plena manhã: onze horas, quando o inquilino e os familiares estavam fora, sendo de excluir qualquer hipótese de curto-circuito ou lume ligado, tendo os bombeiros encontrado cinco focos de incêndio.

O locatário diz que há dias lhe assaltaram a casa apenas para lhe roubarem a chave da porta e a proprietária do prédio, Maria de Lurdes da Silva alega que o inquilino queria trinta contos para desocupar o andar, visto ter comprado residência privativa. Os danos serão na ordem dos cem contos para o locatário e seiscentos contos para a proprietária.

Nesta altura dois agentes da PJ averiguam no local o como e o porquê do fogo.

PREÇOS DOS AUTOMÓVEIS

Uma subida que não tem fim

A Direcção-Geral de Preços homologou novas tabelas de preços de venda ao público para alguns modelos de automóveis à venda em Portugal, com aumentos significativos. Estes novos preços foram especialmente influenciados pelo Decreto-Lei 282/79, de 11 de Agosto último, que ao eliminar a sobretaxa sobre os veículos automóveis alterou todavia o imposto para valores muito mais elevados provocando uma subida generalizada, independentemente da incidência dos custos na origem e da montagem e comercialização. Desta situação resulta haver marcas que viram os preços dos seus veículos aumentados sem que daí tenham recebido qualquer benefício financeiro, ou seja, foram os impostos que aumentaram e não os produtos.

Um Alfetta 2 litros, que custava 1.092.192$00 custa agora 1.184.183$00, enquanto o Alfa Romeo Giulieta 1.6 metalizado passou de 849.990$00 para 860.544$00. O Citroen Mehari mantém o preço de 249.900$00 nas duas versões vendidas em Portugal. Quanto aos Ford, o Escort S de duas portas passou de 316.729$00 para 338.699$00, o Escort L de 4 portas passou de 344.751$00 para 378.898$00, o Cortina L de 4 portas passou de 417.601$00 para 450.320$00 e a Transit 120 Van passou de 509.872$00 para 551.760$00. O Honda Civic que custava 316.603$00 custa agora 336.928$00. O Peugeot 404 D Plateau Cabine Special vem indicado com o preço de 425.049$00 mas segundo uma informação colhida junto do representante custa já 440.449$00. A Bedford CV VAN 97 G70 passou de 524.638$00 para 541.923$00.

Estes preços entraram em vigor entre 20 de Agosto último e 17 de Setembro. Registe-se que em geral não há uma data única para a entrada em vigor de novos preços dos vários modelos e marcas. Cada importador à medida que vai tendo disponíveis para comercialização os diferentes modelos submete à respectiva Direcção-Geral o pedido de homologação de preços e a data de entrada em vigor do novo preço é a data dessa homologação.

A conjuntura do sector automóvel e a desastrosa política que em relação a este sector têm conduzido os diversos Governos provocou uma importante recessão nas vendas. A grande quebra verificou-se de 1977 para 1978. Em fins de Agosto último tinham sido vendidos em Portugal 30.400 automóveis contra 30.381 em igual período do ano passado, mas enquanto durante o ano de 1977 as vendas de viaturas ligeiras atingiram cerca de 70.000 mil unidades, no ano passado apenas se venderam à volta de 45.000 carros.

O Fiat 127 era em fins de Julho o modelo mais vendido enquanto alguns modelos de maiores cilindradas experimentavam significativas baixas. Quanto aos Diesel ocupam aproximadamente 13 por cento do mercado.

PRÉ-AVISO DE GREVE

BACHARÉIS DA FUNÇÃO PUBLICA

SINDICATO DOS ENGENHEIROS TÉCNICOS AGRÁRIOS
SINDICATO DOS ENGENHEIROS TÉCNICOS DO SUL
SINDICATO DOS ENGENHEIROS TÉCNICOS DO NORTE
SINDICATO DOS CONTABILISTAS

Entregue em tempo útil ao Primeiro-Ministro, Ministro Adjunto para a Administração Interna, Ministro do Trabalho, todos os restantes Ministérios, Governos Regionais dos Açores e da Madeira, Governador do Território de Macau e abrangendo, por tutelados, todos os organismos de coordenação económica e Câmaras Municipais.

a) Considerando que, com a aplicação dos Decretos-Leis 191-C e 191-F (diplomas de reestruturação de carreiras e chefias), se concretizará a maior injustiça a todos os bacharéis, remetendo-os para uma situação escalonar inferior à existente antes de Abril de 1974 e coarctando-lhes a possibilidade de acesso a lugares de chefia;

b) Considerando que estas medidas não são mais que o ressurgimento e aprofundamento da ofensiva contra os legítimos direitos e interesses dos bacharéis;

c) Considerando a evidência de uma clara estratégia orquestrada a nível nacional com o objectivo de, cada vez mais, vir aprofundar a distância entre BACHARÉIS E LICENCIADOS, com evidente prejuízo dos primeiros e com total desprezo por todos e quaisquer critérios de competência.

d) Considerando que se mantém inalterável a situação que levou à efectivação da greve nacional de 20 de Julho;

e) E de acordo com as deliberações tomadas no Plenário Nacional de Bacharéis, realizado nesse dia, no Hotel Penta em Lisboa;

Os Sindicatos subscritores, **ao abrigo do n.º 1 e 2 do artigo 5.º da Lei n.º 65/77 de 26 de Agosto,** decretam **greves distritais** em todos os períodos de trabalho, para todos os organismos da Administração CENTRAL, REGIONAL E LOCAL, em conformidade com calendário que segue:

DIAS	DISTRITOS EM GREVE	DIAS	DISTRITOS EM GREVE
25/9/77	Faro	2/10/79	Viana do Castelo, Braga e Porto
26/9/79	Região Autónoma da Madeira	3/10/79	Vila Real e Bragança
27/9/»	(Região Autónoma dos Açores	4/10/79	Setúbal, Portalegre, Évora e Beja
28/9/79	Aveiro, Viseu e Coimbra	8/10/79	Leiria, Santarém e Lisboa
1/10/79	Guarda e Castelo Branco		

P'las Direcções Sindicais
Jorge Manuel Vitorino Santos

Lisboa, 19 de Setembro de 1979

Aqui ao lado nasce uma potência nuclear

● Portugal "bebe" os seus efeitos

MADRID, 21 (Do nosso correspondente Fernando Jauregui) – Em matéria de energia nuclear e respectivos riscos de contaminação ambiental, Portugal encontra-se na situação da senhora que não fuma porque faz mal, mas que é obrigada a inalar o fumo dos cavalheiros mais próximos. A Espanha poderá ter em funcionamento na década de oitenta 4 centrais nucleares às portas da fronteira portuguesa. O Tejo, o Douro e o Guadiana, à falta de outros grandes rios que desaguem em Portugal, terão cada um a sua instalação nuclear, Sayago, Alamaraz, Valdecaballeros e Asperillo (este último no litoral espanhol), que fornecerão os megawatts ao «milagre espanhol» e água, pelo menos mais quente aos rios portugueses.

A questão nuclear que, periodicamente, inunda as páginas dos jornais e os programas da rádio e televisão, estará provavelmente na agenda da reunião que no mês de Outubro se realiza em Madrid entre os responsáveis pelo sector ambiental dos dois governos ibéricos. Será difícil aos respectivos governos ignorar os protestos, as dúvidas e os receios que dos dois lados da fronteira se manifestam devido à projectada construção de centrais nucleares. As populações da zona do vinho do porto, os autarcas dos concelhos circundantes da Régua provocaram já alguma polémica sobre a central de Sayago, projectada para alguns quilómetros da fronteira de Trás-os-Montes.

Mais recentemente, a concessão de autorização por parte do governo espanhol para a construção da central nuclear de Valedecaballeros suscitou o mais vivo repúdio dos alcaides espanhóis da Estremadura, embora, incompreensivelmente a construção da central de Almaraz no Tejo, a escassas dezenas de quilómetros da raia não tenha provocado reacções sensíveis.

Estes factos não deixarão de ser abordados nos próximos contactos entre as autoridades do Ambiente dos dois estados «hermanos». Quanto mais não seja, porque até agora ainda não foi abordado o assunto. O governo espanhol esforçar-se-á por dar garantias a Portugal de não-perigosidade das centrais nucleares projectadas, o que não será difícil, pois Portugal tem também os seus nuclearistas e na generalidade, as forças políticas maioritárias não repudiam a opção nuclear, pelo contrário antes a aceitam como uma via favorável à diversificação da política energética nacional, pelas razões conhecidas, às que se juntam o facto de termos (algum) urânio. Em Portugal, a questão para além de ter uma enorme componente financeira, encontra oposição também em termos económicos, para além de questões científicas que aconselham prudência no manuseamento de uma técnica pouco dominada.

A intenção nuclearista espanhola pode traduzir-se na inclusão da sua primeira especialista em assuntos do nuclear na delegação de Madrid às próximas negociações bilaterais. Maria Teresa Esteban, directora-geral do Ambiente no MOP espanhol é uma resoluta defensora do nuclear, o que não deixa de ser curioso em quem tem o equilíbrio ecológico como pasta. Ela mesmo disse que não entendia «por que se fez tanto barulho por causa da central de Valedecaballeros». O que poderá produzir o encontro entre as delegações portuguesa e espanhola sobre a problemática ambiental? Não é possível fazer uma previsão quando se não tem conhecimento da agenda de trabalhos, mas dos encontros já havidos não saiu nenhum acordo, mas tão só umas quantas promessas de que «haverá colaboração» em alguns campos. Da reunião de Lisboa saiu também a ideia de criar uma comissão luso-espanhola de Ambiente.

A ESPANHA EXPLICA SE

O ponto de vista espanhol não é surpreendente: «Portugal não será afectado pela contaminação, já que existem as máximas garantias de segurança». Igualmente se garante que os resíduos líquidos são mínimos. Neste particular, o que se deve dizer é que os riscos para Portugal são iguais aos de qualquer outro país que tenha centrais nucleares. Na verdade, não é transparente que não haja alterações na água dos nossos rios, como também se sabe que, voluntariamente, as centrais têm de, periodicamente de libertar pequenas quantidades de gases radioactivos para a atmosfera. É tudo uma questão da direcção do vento e há quem diga que de Espanha nem bom vento, nem bom casamento.

Se quanto a casamentos há quem não se queixe, o mesmo poderá não acontecer com os futuros ventos ionizantes...

Mas, o problema mais sério, tendo em conta que não vai haver nenhum «Harrisburg» à espanhola, reside nas instalações a construir perto da fronteira portuguesa em Saelices el Chico em Salamanca. Aí se concentrará o urânio e, quem sabe se não reprocessará o combustível cindido. Ora mexer em barras de urânio «queimado», implica a manipulação de plutónio o que já não é para graças e até leva a perguntar porque motivo acontece isso tudo mesmo na fronteira portuguesa à beirinha dos leitos nacionais dos rios ibéricos.

REACTORES NUCLEARES EXISTENTES E EM PROJECTO

País	1975		1980 (previsão)	
	Reactores	Potência em MW	Reactores	Potencia
Alemanha Democratica	3	960	5	1.840
Alemanha Federal	9	3.487	20	13.793
Argentina	1	340	2	989
Áustria	—	—	1	724
Bélgica	4	1.751	6	3.665
Brasil	—	—	1	657
Bulgária	2	880	4	1.760
Canada	7	2.671	14	7.728
Coreia do Sul	—	—	1	595
Espanha	3	1.120	12	9.774
Estados Unidos	57	40.266	105	91.402
Finlandia	—	—	4	2.262
França	10	3.047	28	21.100
Hungria	—	—	1	440
Índia	3	640	7	1.565
Irão	—	—	1	1.293
Itália	3	640	5	2.484
Japão	13	6.627	25	16.225
México	—	—	2	1.348
Paquistão	1	140	1	140
Países Baixos	2	532	2	532
Roménia	—	—	1	440
Reino Unido	32	7.715	39	12.974
Suécia	5	3.295	10	7.675
Suíça	3	1.054	6	4.238
Taipé	—	—	4	3.243
URSS	22	5.565	40	19.600
Jugoslávia	—	—	1	664
Total	181	80.873	351	230.080

A resposta espanhola é a seguinte: a existência de centrais eléctricas ao longo da fronteira portuguesa é pequena dada a relativa escassez populacional da zona. Se resposta a não fôr complementada por outros argumentos, digamos que é pouco.

Na verdade, cada unidade nuclear é responsável por enormes capacidades produtoras e, não havendo população para servir, não se vê para que servem, por questões de proximidade da zona de utilização da energia produzida, unidades com capacidades de mais de cem megawatts cada.

A Espanha, se prosseguir com a taxa de expansão nuclear actual, terá 12 centrais em funcionamento na década de 80, uma autêntica potência nuclear em termos europeus. As actuais centrais em funcionamento são três, todas muito afastadas de Portugal. A mais potente delas, 460 MgW é a de Santa Maria de Garona, a norte da província de Burgos e relativamente próxima à polémica central de Lemoniz, em construção no país basco. A segunda em potência instalada é a de Vandellos em Tarragona a sul de Barcelona, com 375 MgW. Depois vem a de José Cabrera a menos de cem quilómetros de Madrid, no leito do Tejo. O Tejo que terá igualmente dentro de alguns anos a central de Alamaraz, perto da Beira Baixa, será premiado ainda com a de Trillo, em Guadalajara cuja construção está já autorizada.

Quer dizer, se nós aqui à beira-mar plantados temos escapado ao nuclear, que apesar de tudo não pode ser encarado como uma calamidade ou um pesadelo, mas um enrome fardo financeiro de mais de 70 milhões de contos cada unidade, o mesmo não podemos dizer das centrais espanholas. Madrid com alguma simpatia, pretende aquecer-nos as águas dos rios com os «brinquedos» que vai semeando ao longo da nossa fronteira. Finalmente, não há como nos irmos habituando. Quando em Peniche «nascer uma central» como se diz na canção, já nós nos habituámos aos seus efeitos negativos, já que os megawatts ficam lá, do outro lado da fronteira, iluminando a Espanha na sua auto-estrada industrial...

PAGUE EM 12 MESES
SEM AUMENTO DE PREÇO

M.L. FERREIRA * RUA D. ESTEFÂNIA, 48 - A
* AV. DA REPÚBLICA, 54 - B

S. R.

CÂMARA MUNICIPAL DE CASTRO VERDE

EDITAL

FEIRA ANUAL DE OUTUBRO

FERNANDO SOUSA CAEIROS, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE CASTRO VERDE, TORNA PÚBLICO QUE:

Esta Câmara deliberou o seguinte na sua reunião ordinária de 4 de Setembro de 1979 para ser observado na Feira de Outubro do corrente ano:

1.º — Será organizada em Castro Verde, no recinto do costume, a tradicional Feira Anual de Outubro que terá lugar no período compreendido entre 19 e 23 de Outubro.

2.º — Os pedidos de terreno para instalação de barracas, pavilhões ou quaisquer outros géneros devem ser feitos até ao dia 16 de Outubro, reservando a Câmara o direito de admissão.

a) Todos os pedidos devem ser enviados directamente à Secretaria da Câmara Municipal, e conterem o nome e morada do interessado, a natureza do comércio que pretende exercer e a área do terreno que deseja ocupar.

b) A Câmara destinará a cada um dos interessados o lugar que entenda e julgue mais conveniente, não aceitando reclamações fundamentadas em razões de antiguidade ou áreas requisitadas.

c) Os terrenos requisitados, distribuídos nos termos da alínea anterior, que não sejam ocupados pelos interessados até às 17 horas do dia 17 de Outubro consideram-se disponíveis e serão imediatamente cedidos a quem os requisitar, não havendo lugar ao reembolso de qualquer caução.

3.º — As barracas deverão ter aspecto que não prejudique a estética da Feira, podendo, mesmo depois de instaladas, ser logo demolidas, por determinação da Câmara, se a sua apresentação não corresponder ao fins desejados.

4.º — Nenhuma instalação poderá ser implantada sem que os possuidores exibam os documentos a que estão obrigados por Lei.

5.º — Na Feira não serão admitidos jogos de azar ou quaisquer outras actividades não permitidas por Lei.

6.º — Os acessos às habitações, casas de comércio e garagens serão interditos à montagem de barracas ou outros.

7.º — Não será permitida dar início à montagem de qualquer instalação, sem primeiramente ser consultado o elemento dos serviços de fiscalização da Câmara, o qual se encontra no recinto da Feira, das 9,30 horas às 12 horas e das 14,30 horas às 18 horas.

8.º — O horário de funcionamento dos altifalantes será até às 24 horas, excepto nos dia 20 e 21 que se poderá prolongar por mais uma hora e meia. A altura e intensidade do som das aparelhagens sonoras serão fiscalizadas pelos serviços da Câmara que indicarão aos proprietários das respectivas aparelhagens a altura e intensidade a utilizar. O não cumprimento destas indicações, implicará no imediato encerramento do pavilhão, barraca ou viatura.

9.º — Nenhuma barraca ou pavilhão poderá sair do recinto da Feira antes do dia 22 de Outubro, inclusivé, salvo prévia autorização dos serviços camarários.

10.º — As taxas a cobrar no recinto da Feira são as seguintes:

FEIRA

— Barracas de divertimentos diversos	10$00 m2
— Restaurantes, cervejarias, etc	15$00 m2
— Barracas de fritos e vinhos	10$00 m2
Sapateiros, correeiros e ourives	12$50 m2
— Peneiros, algibes, chapéus, guarda-chuvas	10$00 m2
— Vendedores de frutas, hortaliças, legumes cereais, empreita e esparto	10$00 m2
— Idem de litos de ferro e madeira, mobílias e obras de verga	10$00 m2
— Vendedores de frutos secos	15$00 m2
— Máquinas agrícolas e outras exposições comerciais	20$00 m2
— Pavilhões culturais ou de associações políticas sociais ou de beneficiência	10$00 m2
— Quinquilheiros, tendeiros, latoeiros caldeireiros e albardeiros	10$00 m2
— Vendedores de aguilhadas, cajados, ferragens, safões, peles, correias, chocalhos ou quaisquer outros não especificados	10$00 m2
— Fato feito	12$50 m2

CORREDOURA

— Gado bovino, muar ou cavalar — por cabeça	10$00 m2
— Gado lanígero e caprino — por cabeça	3$00
— Gado asinino — por cabeça	5$00 m2
— Curraladas	5$00 m2

11.º — Devido à exiguidade do terreno disponível, conceder-se-ão exclusivos de montagem e exploração dos seguintes divertimentos:

— PISTAS DE AUTOMÓVEIS: grandes (2) e infantil (1); CARROUSSEL: grandes (1) e pequenos (1); CADEIRAS VOADORAS (1); AVIÕES OU DISCOS VOADORES (1); CIRCO (1).

12.º — O Concurso para a concessão dos exclusivos de montagem e exploração dos divertimentos citados na alínea anterior, com excepção do CIRCO, rege-se pelo seguinte regulamento:

— Abertura: data da publicação deste edital.

— Encerramento: até às 12 horas do dia 2 de Outubro próximo.

— Bases de licitação:

PISTAS DE AUTOMÓVEIS GRANDES	10 000$00
PISTAS DE AUTOMÓVEIS INFANTIL	2 000$00
CADEIRAS VOADORAS	2 500$00
AVIÕES OU DISCOS VOADORES	4 000$00
CARROUSSEL GRANDE	2 500$00
CARROUSSEL INFANTIL	1 500$00

— Abertura das propostas: dia 2 de Outubro pelas 15,00 horas no Edifício da Câmar Municipal.

A abertura das propostas será pública e a entrega dos exclusivos será feita ao concorrente que apresentar a proposta mais elevada.

Em caso de empate proceder-se-à a leilão verbal e na impossibilidade da realização deste, a sorteio.

— Cauções:

Aos vencedores do concurso será exigido o pagamento, no prazo de 5 dias a contar da data da abertura das propostas, de 50% do valor da base de licitação. O não pagamento desta caução no citado prazo origina a desclassificação do concorrente.

As propostas devem ser enviadas, em carta fechada dirigida ao Edifício dos Paços do Conselho de Castro Verde ou entregues na respectiva Secretaria durante o horário normal de funcionamento.

13.º — Se o concurso a que se refere o Art.º 11.º ficar deserto, o exclusivo da exploração dos divertimentos referidos no mesmo artigo, será entregue ao primeiro candidato que o solicitar, até ao dia 17 de Outubro pelas 17.00 horas, pelo valor da base de licitação.

14.º — A Câmara Municipal de Castro Verde manterá um serviço de fiscalização no recinto da Feira e usará do maior rigor para que se cumpra o que ficar estabelecido neste regulamento, sendo o policiamento a cargo da G.N.R.

A Câmara apela pois para a boa compreensão do público em geral e dos feirantes em particular, a fim de facilitarem o bom cumprimento da missão de que as referidas autoridades estão investidas.

Para constar se publica o presente edital e outros de igual teor, que serão afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Castro Verde, aos 7 dias do mês de Setembro de 1979.

O Presidente da Câmara

Fernando Sousa Caeiros

DECRETO-LEI ESTIPULA

Não discriminação no trabalho entre mulheres e homens

Do extenso «pacote» de legislação laboral aprovado pelo Governo Mota Pinto nas derradeiras horas de vida, um único saíu até hoje a lume, após promulgação pelo Presidente da República: o que regulamenta o princípio da igualdade de tratamento e oportunidades entre mulheres e homens, no trabalho e no emprego.

O diploma, sob o número 392/79, foi ontem publicado no «Diário da República», e «assegura» a igualdade de remuneração para trabalho igual ou de igual valor prestado à mesma entidade patronal, bem como o acesso das mulheres a qualquer emprego, profissão ou posto de trabalho.

De notar que o anteprojecto de decreto-lei foi elaborado pela Comissão da Condição Feminina, tendo merecido parecer favorável, na generalidade, por parte do Movimento Sindical. Segundo esta Comissão, o novo diploma é «necessário para que a garantia constitucional da não discriminação em função do sexo possa vir a encontrar eco na sociedade portuguesa».

De facto, e embora não pareça alterar de um momento para o outro a discriminação existente na frente de trabalho entre mulheres e homens (com particular relevância em sectores operários de predominância feminina), o decreto-lei ora publicado põe ao alcance das trabalhadoras, dos seus sindicatos e de organismos estatais meios de acção de indiscutível importância.

Assim, qualquer trabalhadora que se sinta alvo de tratamento discriminatório por reclamar nessa base, na certeza de que a entidade patronal não poderá, por esse motivo, aplicar sanções ou prejudicá-la de qualquer outra forma. Esta disposição, no entanto, afigura-se insuficientemente tutelada.

Tanto a trabalhadora como o seu sindicato poderão também recorrer aos tribunais para fazer aplicar qualquer dos aspectos regulados por este decreto.

Eis algumas garantias aí estabelecidas:

Os anúncios de ofertas de emprego «não podem conter, directa ou indirectamente, qualquer restrição, especificação ou preferência baseada no sexo»;

recrutamento para qualquer posto de trabalho será feito, exclusivamente, com base em «critérios objectivos»;

Os mesmos critérios deverão inspirar a atribuição das remunerações;

Garante-se, em igualdade de condição com os homens, o desenvolvimento de uma carreira profissional que permita às mulheres atingirem o mais elevado nível hierárquico da sua profissão;

Adoptam-se medidas especiais no domínio da orientação e formação profissionais;

Anulam-se todas as disposições, legais ou convencionais, que constituam factor ou pressuposto de discriminação, ou que contrariem este diploma.

De realçar a criação de uma Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, constituída por três técnicos nomeados pelo Ministério do Trabalho, e por representantes da Comissão da Condição Feminina (2), das associações sindicais (3) e das associações patronais (3). Compete à Comissão, genericamente, incentivar medidas legislativas neste domínio, e promover estudos e investigações no mesmo sentido.

A Comissão terá um secretariado, com funções executivas bastante amplas. Compete-lhe, nomeadamente, realizar visitas aos locais de trabalho (ou solicitá-las à Inspecção do Trabalho) com a finalidade de comprovar quaisquer práticas discriminatórias.

Como curiosidade, anote-se que «as disposições do presente diploma aplicar-se-ão, com as necessárias adaptações, a eventuais situações ou práticas discriminatórias contra os homens».

Pescadores de Matosinhos ficaram em terra esta noite

Estabelecido em Setembro um acordo que prevê a saída das traineiras da pesca da sardinha para o alto mar, às 24 horas, o mesmo não tem vindo a ser respeitado por grande parte dos mestres daquelas embarcações.

Efectivamente, as traineiras faziam-se ao mar uma hora antes, o que levou o respectivo sindicato a chamar a atenção dos pescadores para o cumprimento do acordo estabelecido. Como, porém, as embarcações continuassem a sair antes do prazo acordado, os pescadores não permitiram que as traineiras saíssem esta noite para o mar.

NA HERTE, DESDE HÁ 4 ANOS

Autogestão deu vida nova a uma empresa de confecções

«Um cantinho socialista» e uma «experiência muito válida de autogestão correcta», foi como um elemento duma delegação da Comissão de trabalho da Assembleia da República classificou há dias, durante uma visita, o esforço desenvolvido desde há quatro anos pelas 78 mulheres que trabalham na «Herte», empresa de confecções em autogestão do Porto.

Em 26 de Dezembro de 75 a antiga patroa abandonou a empresa, deixando atrás de si um sem-número de problemas, desde um ambiente de trabalho irrespirável, com salários em atraso, ameaças e despedimento, até dívidas ao fisco e a diversas entidades, e desvio de fundos. As trabalhadoras, para salvaguarda do seu pão e dos seus filhos, tomaram a empresa em mãos com muitos sacrifícios, agora praticamente ultrapassados.

Com efeito, conseguem hoje ultrapassar as tabelas salariais em vigor e auferir os restantes subsídios e regalias sociais a que têm direito. Até Julho deste ano foi ultrapassado o volume de facturação atingido no decurso do ano de 78. A maior parte dos seus produtos (vestidos, camisas e calças) continuam a ser exportados para diversos países da Europa. A confiança junto de compradores e fornecedores é total, e as relações com outras empresas privadas do ramo são as melhores. Neste capítulo, uma trabalhadora da comissão de gestão referiu-nos que as permutas, por empréstimo, de máquinas, são normais e correntes, num «ambiente de carinho por todas nós, que é mesmo uma coisa bonita».

Desde há quatro anos com as contas da empresa afixadas na parede, onde todos as podem consultar, as trabalhadoras da «Herte» dizem que «hoje não temos problemas aqui dentro e só desejamos que nos deixem trabalhar em paz porque já provámos que somos capazes de o fazer».

A «Herte» é hoje, por muitas razões, uma experiência exemplar.

Todavia, uma velha questão aguarda ainda decisão no Supremo Tribunal de Justiça, onde deverá ser julgada em Outubro próximo. A antiga patroa, embora saiba que jamais poderia dar às trabalhadoras da «Herte» o ambiente de trabalho e a segurança que elas por si construíram, persiste com a reivindicação das instalações (ainda que o processo tenha sido interposto fora do prazo legal) para encerrar a empresa.

A comissão de gestão afirmou-nos que deseja ver esta questão resolvida, e tem fundamentado a sua defesa do local de trabalho na Lei N.º 68/78, sobre as empresas em autogestão. E acrescenta: «seria um grave atentado à justiça social, ao direito ao trabalho e à economia nacional impedir a Herte de dispor deste espaço, que seria rapidamente inutilizado. Desejamos legalizar a situação mas jamais aceitaremos ficar sem poder ganhar o nosso pão». Além disso, referem também, a antiga patroa ainda não satisfez dívidas anti-gas nem diversas indemnizações às trabalhadoras.

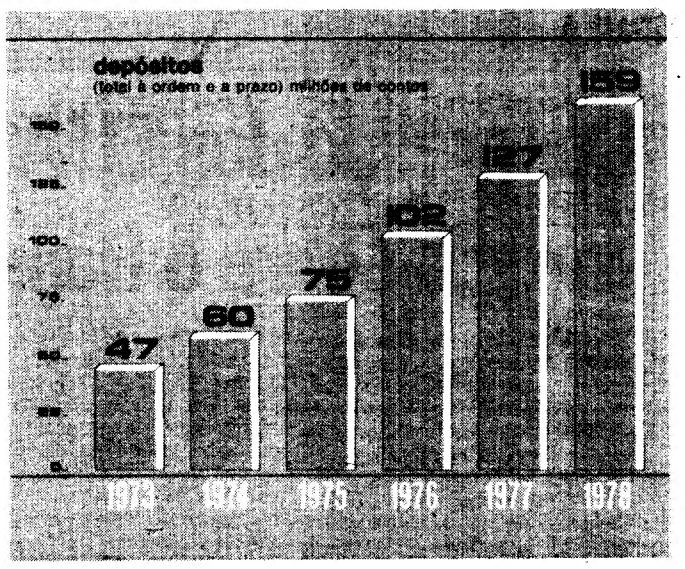
No dia 26, aniversário da autogestão, as trabalhadoras efectuam um passeio ao Gerês, durante todo o dia. Participam as famílias respectivas e, no âmbito das celebrações do «Ano Internacional da Criança», os mais miúdos terão palhaços, canções, jogos, brindes e um lanche na serra.

Madeiras: greve no dia 15?

Os trabalhadores das indústrias de madeira poderão entrar em greve a partir de 15 de Outubro.

Esta decisão, revelada pela Federação Nacional dos Sindicatos da Construção Civil e Madeiras, tem como objectivo a publicação da portaria regulamentadora de trabalho para os trabalhadores da indústria da madeira.

O comunicado da Federação acrescenta que o processo deu entrada no Ministério do Trabalho no dia 25 de Janeiro passado, e visa substituir os salários de 80 mil trabalhadores, que se encontram inalterados desde Janeiro de 1977.



RELATÓRIO DE CONTAS REVELA

CGD recebeu 32 milhões de contos de depòsitos em 1978

Em 1978, a captação de novos depósitos pela Caixa Geral de Depósitos elevou-se a 32 milhões de contos, o maior incremento de sempre – revela o «Relatório de Contas» do conselho de administração daquela instituição de crédito. Em 1977 os depósitos tinham atingido apenas 24,9 milhões de contos. A expansão ficou, no essencial, a dever-se aos depósitos a prazo, particularmente à modalidade «até seis meses».

Por outro lado, o total do crédito distribuído (incluindo as operações de cedências de liquidez) foi de 164,3 milhões de contos (contra 128,2 milhões no ano anterior). O crescimento registado, 36,1 milhões de contos, embora seja considerado como razoável, foi, sem dúvida, limitado pelas restrições das autoridades monetárias.

As novas operações activas efectuadas no ano transacto somaram 371,5 milhões de contos, de que cerca de um terço revestiram a forma de empréstimo. Comparativamente a 1977 o aumento foi de cerca de 37 por cento.

Foram igualmente intensificadas as operações no âmbito do sistema bancário que alcançaram 251 milhões de contos no mercado monetário interbancário 16,2 milhões no mercado de títulos e 9,7 milhões de contos no refinanciamento de operações de investimento a médio prazo.

AUMENTO DE CRÉDITO PARA FOMENTO DIRECTO DA ECONOMIA

A parte do crédito concedido ao «fomento directo da actividade económica» registou um acréscimo tendo passado de 83,8 por cento para 84,6 por cento, tendo diminuído financiamentos ao sector público não empresarial, particularmente no que concerne à administração local.

Por sectores a distribuição de crédito beneficiou particularmente as indústrias extractivas e transformadoras (22,9 milhões de contos) a habitação própria (22,6 milhões de contos), os transportes e comunicações (21,2 milhões de contos), a construção (17,3 milhões de contos) e a agricultura e pescas (11,7 milhões de contos).

NOMES E NÚMEROS

Ouro estabeleceu novo "record"

O ouro estabeleceu um novo «record» ao atingir os 380 dólares a onça no segundo «fixing» diário da praça londrina, superando assim em 4 dólares, o anterior máximo registado na véspera.

O movimento de alta prosseguiu nesta sessão, elevando a cotação para 383 dólares, ou seja mais meio dólar em relação ao «record» absoluto da passada terça-feira.

O mercado mostra-se particularmente activo, em face do impulso suplementar dado à procura pela queda do dólar.

Produ ção do cimento aumentou 8,5%

Em Agosto passado a produção de cimento foi superior em 8,5 por cento à verificada em igual mês de 1978. Em termos absolutos os montantes foram respectivamente de 482.961 e 445.076 toneladas. Em valores acumulados desde o início do ano verificou-se um acréscimo de 1,4 por cento em relação ao período homólogo do ano transacto (3.494.591 conta 3.444.585 toneladas).

A evoluç-o das vendas foi semelante. O consumo interno cresceu 8,6 por cento em relação ao verificado no mês anterior. Em valores acumulados desde Janeiro, o acréscimo foi de 8,6 por cento.

Os valores apresentados dizem respeito à Cimpor, Secil e EIL.

CNP utiliza sistema britânico para produzir etileno

Um processo baseado num minicomputador «Ferranti Argus» fabricado na Grã-Bretanha vai ser utilizado para supervisionar a produção de 308 mil toneladas de etileno puro por ano na Companhia Nacional de Petroquímica em Sines, que deverá iniciar-se em 1980.

O valor da encomenda feita àquela firma Britânica eleva-se a 500 mil libras.

O sistema irá ser utilizado para controlar os complexos processos de uma fábrica de olefina e irá assegurar a continuidade do controlo e registo de dados ao longo das operações, quando a CNP der início ao processo de produção de etileno no próximo ano.

Projecto "Ford" não deve condicionar ajuda da CEE

—Declarou secretário da Indústria

O possivel investimento da «Ford» em Portugal e o pedido das autoridades portuguesas à CEE para continuação da protecção à sua indústria automóvel não têm ligação – declarou o secretário de Estado das Industrias Extractivas e Transformadoras, Ferreira do Amaral.

O secretário de Estado foi solicitado a comentar as afirmações do comissário da CEE para os Assuntos Industriais, Etienne Davignon, feitas há dois dias em Bruxelas.

Davignon, falando numa reunião de ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade Europeia, declarara que o anunciado investimento de 1200 milhões de dólares a realizar possivelmente pela «Ford» em Portugal, modificava completamente o panorama do pedido de Lisboa de «protecção» à sua indústria automóvel.

Ferreira do Amaral esclareceu que «não se trata bem de protecção», pois as autoridades portuguesas haviam pedido que continuasse em vigor um protocolo, assinado em 1972, e que expirava no final deste ano, segundo o qual o nosso país poderia a impor as suas linhas de montagem, não autorizando a importação de carros já completos.

Segundo o secretário de Estado, a expiração do protocolo poria em risco os 20 mil postos de trabalho do sector. Por isso – sublinhou – o Governo aprovou um plano de transição para a reconversão da indústria automóvel até 1985.

Nessa data – segundo aquele membro do Governo – Portugal terá um mercado automóvel aberto e desprotegido, tendo em conta os projectos aprovados e os que estão em fase de negociações (está neste caso o projecto «Ford», representando uma capacidade de produção anual de 100 mil viaturas).

Referindo-se às declarações de Davignon, Ferreira do Amaral diria que o projecto da «Ford» e a continuação do protocolo «são coisas completamente separadas», e que as autoridades portuguesas esclareciam o assunto junto da comissão da CEE, a qual, por sua vez, «compreenderá perfeitamente as nossas posições».

"Intercasa-79": CEE e energia solar serão temas em debate

«A indústria e o comércio de mobiliário na CEE, numa perspectiva de integração de Portugal», «o aproveitamento da energia solar» e «o «design» na indústria», são alguns dos temas a debater durante o Salão Intercasa, que se realiza, na Feira Internacional de Lisboa, de 28 de Setembro a 7 de Outubro próximos. Permitindo o desenvolvimento de relações comerciais, a troca de informações ou de «Know-how» e a realização de jornadas técnicas, a FIL vai contar, uma vez mais, com a presença de missões estrangeiras, industriais, empresários, técnicos e outros visitantes profissionais ligados aos sectores de mobiliário, decoração, iluminação e artigos domésticos. Para além de um elevado volume de transacções a Intercasa deverá caracterizar-se por uma grande afluência de público, interessado em tomar contacto com a vasta gama de produtos oferecida pelos diferentes sectores. A este propósito, refira-se, desde já, a existência de uma urbanização de casas prefabricadas. A Intercasa conta este ano com 212 expositores, a representação mais elevada é a do mobiliário moderno, para cozinhas e de estilo – seguindo-se o sector dos artigos domésticos, electrodomésticos, iluminação e decoração.

FFE explica ausência da "Batimat-79"

O Fundo de Fomento de Exportação (FFE) não promoverá a participação de cinco empresas portuguesas na Feira de Materiais de Construção de Paris «Batimat-79» pela impossibilidade de organização arranjar espaço – disse hoje do seu vice-presidente, Baptista Nunes.

O FFE foi acusado pela empresa «Corkwall», do sector da cortiça, de ter desistido da participação naquele certame internacional, que decorrerá de 16 a 25 de Novembro próximo.

Baptista Nunes declarou que em virtude da elevada concorrência, a organização da Feira apenas reservaria aos expositores portugueses um espaço diminuto e insuficiente.

MAP PROPÕE

Preço-garantia do arroz em 12$29

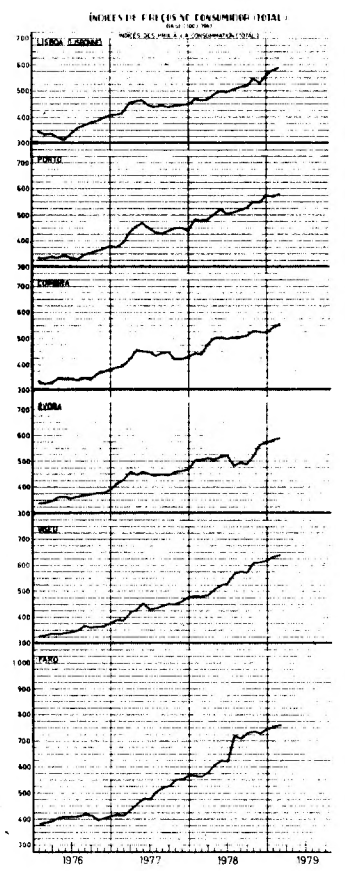
O preço de garantia do arroz à lavoura será de 12 escudos e 29 centavos – anunciou hoje Joaquim Cardoso, da direcção da Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho.

O preço consta de uma proposta do Ministério da Agricultura e Pescas, a aguardar parecer do Ministéio das Finanças e deverá ser em breve publicado.

Joaquim Cardoso, que integrava uma delegação de agricultores do Baixo Mondego, hoje recebida em Lisboa pelo secretário de Estado do Comércio e Indústrias Agrícolas, Barreira da Ponte, declarou ser este preço «insuficiente dado o agravamento recente dos factores de produção».

Os agricultores pretendem ainda o pagamento pelo Governo do «subsídio de zona», quer a lavoura venda o arroz aos industriais, quer à Empresa Pública de Abastecimento de Cereais (EPAC).

Todavia, segundo Joaquim Cardoso, o secretário de Estado teria manifestado a disposição de só conceder o subsídio se o produto for entregue à EPAC.



Faro e Viseu: as cidades de maior inflação

O gráfico mostra-nos a marcha da inflação em algumas das principais cidades do país, nos três últimos anos. Os aumentos mais acentuados foram os registados em Faro onde os índices atingiram respectivamente os valores de 760 e 740 em Fevereiro do corrente ano (com base 100 em 1963). A fonte é o «Boletim Mensal de Estatística» do INE do mês de Agosto.

Segundo estudo da OCDE impostos foram 27,2 por cento do PIB em 1977

Em Portugal os impostos elevaram-se em 1977 a 27,2 por cento do Produto Interno Bruto. Apesar desta percentagem ser uma das mais baixas de todas as que se registam entre os membros da OCDE é mesmo assim superior á da Espanha (22,5 por cento) e Turquia (24,8 por cento).

Segundo a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico, (OCDE) autora do estudo, a Suécia recolheu em 1978 a percentagem mais alta: 53,1 por cento do produto interno bruto.

Os Estados Unidos, também em 1978, ocuparam o décimo-sétimo lugar da lista com 30,4 por cento (0,1 por cento acima de 1977).

A OCDE informa também que a incidência fiscal no Ocidente industrializado começou finalmente a estacionar ou mesmo a descer depois de saltar de 28 por cento em 1965 para 36 por cento em 1977.

Mesmo na Suécia, a carga fiscal desceu de 53,4 por cento em 1977, para 53,1.

A carga fiscal na Itália teve de 1977 para 1978 uma queda de 3,1 por cento, passando para 34,5 por cento.

Outros países que registaram descidas de um ou dois por cento foram a Noruega (47,3), a Finlândia (38,9) a França (39,4) a Alemanha Federal (38,0) a Grã-Bretanha (35,2), a Irlanda (33,7) e a Nova Zelandia (32,3).

Por outro lado, foram assinalados aumentos na tributação de um a dois por cento na Holanda (46,7), na Bélgica (44,4) na Dinamarca (43,2), na Áustria (41,3) e no Canadá (32,3).

O nível mais baixo de tributação ocorreu no Japão, com 22,2 por cento em 1977.

A Espanha registou 22,5 por cento, a Turquia 24,8, a Grécia 28,1 e a Austrália 29,7.

Nestes países tal como em Portugal os números de 1978 não estavam ainda disponíveis.

A OCDE afirma que a tendência entre os seus membros era para o aumento de dependência do orçamento em relação aos impostos de rendimento e às contribuições para a segurança social, mais do que em relação aos impostos sobre o tabaco e o álcool e outros impostos indirectos.

O estudo revela também que as taxas sobre os lucros das companhias e sobre imóveis desceram na maioria dos países.

● VIAGENS
● EXCURSÕES
● VIAGENS «IT»
● ESTADIAS
● PASSAPORTES

Tudo para viagens e turismo

VISA AGÊNCIA DE VIAGENS DO CENTRO, LDA.

R. Rodrigues Sampaio, 43 – LISBOA (junto à Av. da Liberdade)
Tel. 558722, 558874/75, 574512

SALVEMOS O LINCE
E A
SERRA DA MALCATA

Liga para a Protecção da Natureza
Faculdade de Ciências — Lisboa
Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico
Rua da Lapa, 73 — Lisboa
Direcção-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal
Av. João Crisóstomo, 26 — Lisboa

ÁFRICA

BOKASSA FOI DERRUBADO

Destacamento francês enviado para Bangui

O governo francês decidiu enviar um destacamento militar a Bangui, anunciou hoje de manhã (sexta-feira) o ministério francês da Cooperação.

Este envio de tropas francesas segue-se à queda do ditador Bokassa, derrubado ontem num golpe dirigido pelo antigo presidente centro-africano, David Dacko. Bokassa teria chegado entretanto a Tripoli (Líbia).

Bokassa, que em Dezembro de 1976 se autoproclamou imperador, foi acusado de ser responsável do massacre, em Abril deste ano, de cem estudantes.

Esta denuncia, feita pela primeira vez em Londres pela Amnistia Internacional, foi depois confirmada por uma comissão de juristas africanos que apurou ser quase certo que o próprio Bokassa tinha participado no massacre.

Dacko, de 49 anos, afirmou através da rádio que tinha restabelecido a República no país e sublinhou:

«Estou a agir, em nome do governo, do bem-estar público e no meu próprio para restabelecer as liberdades democráticas, restabelecer rapidamente o poder soberano do povo e garantir a sua segurança».

Sylvestre Bangui, antigo embaixador do Império Centro-Africano em Paris que se demitiu como protesto contra os massacres de estudantes, afirmou hoje de manhã que «o derrube de Bokassa é uma boa coisa e envio os meus cumprimentos ao senhor David Dacko».

Bangui, presidente do grupo oposiocionista «Frente de Libertação Ubangui» e que formou no princípio deste mês um governo no exílio destinado ao derrube de Bokassa, anunciou que irá entrar em contacto com Dacko e por-se à disposição do novo governo.

O correspondente em Bangui da agência Transcontinental de Imprensa, a agência noticiosa, com sede em Paris, que deu primeiro a informação sobre a deposição de Bokassa, telegrafou a dizer que o rufar de tambores e os gritos de alegria tradicionais das mulheres podiam ser ouvidos em toda a capital do país africano, quando os habitantes festejavam, cheios de regozijo, a queda do tirano.

Disse ainda que o novo presidente do país, David Dacko, lançara hoje, de manhã um apelo ao seu povo para permanecer calmo e ir nomalmente para o trabalho.

O presidente Dacko prometeu que não haveria represálias contra os partidários de Bokassa, e pediu à França para auxiliar a manter a lei e a ordem nestas horas dificeis.

Os apelos de Dacko estão a ser transmitidos regularmente por Rádio Bangui, em francês sangjo, o principal dialeto local.

QUEM É DACKO

David Dacko, de 49 anos de idade, que acaba de derrubar Bokassa em Bangui tinha sido ele próprio destituído do poder pelo mesmo Bokassa, então coronel em 31 de Dezembro de 1965.

Posto em residência vigiada por aquele que se proclamou imperador em 1977, David Dacko foi convidado há 3 anos por Bokassa que o fez seu conselheiro pessoal.

Nascido em 24 de Março em Bouchia, no Oeste do país, David Dacko filho de pequenos agricultores, foi um brilhante aluno que se tornou professor primário e depois director de escola.

Em 1957 entra na vida política como deputado à Assembleia territorial inscrito no partido do Mesan (Movimento de Revolução Social da África Negra) ele venerava o seu primo Barthelemy Boganda «o Pai da Nação» de que era o fundador.

Quando em 20 de Março de 1965, Barthelemy Boganda morreu num acidente aéreo, foi David Dacko, que já desempenhara vários cargos ministeriais, quem ocupou o seu lugar como presidente do Governo. Depois da proclamação da independência, em 13 de Agosto de 1960, foi eleito presidente da República.

Apesar de ser jovem, soube impor a autoridade e fiel ao ensinamento do seu antecessor, a sua principal preocupação foi a elevação do nível de vida das populações no apaziaguamento das rivalidades tribais. Fez sua a divisa de Boganda «Zo Kwe Zo», que significa «um homem é um homem».

Ao aceder às mais altas instâncias do Estado, o presidente David Dacko manteve-se uma pessoa simples de trato afável, gostando de recordar as suas origens camponesas.

Para tentar sanear as finanças do país, o presidente David Dacko tomou um certo número de medidas de austeridade, mas a população recebeu-as muito mal, considerando que os sacrifícios seriam vãos se os fundos públicos continuassem a ser mal geridos e enquanto servissem para o enriquecimento duma pequena casta de citadinos.

A REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA

A República Centro Africana está situada em pleno coração da África, entre o Tchade e o Sudão ao Norte, os Camarões a Oeste, o Congo e o Zaire ao Sul.

Este país de florestas e savanas, encravado a mais de 1000 quilómetros de distância da costa atlântica, conta apenas 3.800.000 habitantes para uma superfície de 623.000 km 2. Tardiamente colonizado, este antigo território do Ubangui-Chari, nome dos dois rios que o bordejam nas fronteiras Sul e Norte, tornou-se independente em 13 de Julho de 1960. Primeiro república, é proclamado Império de 4 de Dezembro de 1976 pelo presidente Bokassa que é coroado Imperador um ano mais tarde.

O Império contava só um único partido político, o Mesan (Movimento de Evolução Social da África Negra) de quem o imperador era o secretariado geral e presidente vitalício.

A agricultura fornece mais de metade do valor das exportações (café, algodão, tabaco).

A floresta, uma das mais ricas do mundo, põe problemas de exploração devido às dificuldades de transporte. O diamante ocupa o 3. lugar nas exportações (268.900 carates em 1978).

De maneira geral, todas estas produções caíram nos últimos anos e a dívida externa aumentou fortemente.

● O FUTURO PALÁCIO da Assembleia Nacional Popular da República de Cabo Verde será construído pela China Popular, soube-se na Cidade da Praia. Uma delegação de onze técnicos chineses chegou neste intuito a Praia, para proceder aos primeiros estudos do projecto. O futuro palácio da Assembleia Nacional Popular será erguido nos arredores da Cidade da Praia, devendo estar pronto em 1982/83.

● UM COMUNICADO OFICIAL emitido no Maputo revela que os ataques rodesianos contra a estação troposférica de Xiluvo, na semana passada, provocaram prejuízos materiais de cerca de 60 mil contos. Uma nota do Ministério moçambicano da Defesa afirma que os ataques «visavam a destruição total de um centro que proporcionará pela primeira vez a Moçambique comunicações telefónicas e telegráficas automáticas e de qualidade».

● AS TROPAS MARROQUINAS perderam 635 soldados, sargentos e oficiais, e tiveram o mesmo número de feridos durante a batalha que em 16 de Setembro as opôs, entre Zaak e Ennegueb, no Sul marroquino, às forças da Polisário, segundo indicou um comunicado publicado em Argel, pelo Ministério da Informação saaruita.

● OS PARTIDOS COMUNISTAS da Espanha, Itália e França exortaram Marrocos a retirar as suas tropas do Sara Ocidental e apoiaram os recentes acordos entre a Mauritânia e a Frente Polisário que consideram susceptíveis de abrir caminho à paz naquela antiga colónia espanhola. Os três partidos apelaram para que os seus respectivos Governos reconheçam a Frente Polisário como a «única e genuina organização representante do povo do Sara». Um comunicado emitido depois da reunião de dirigentes daqueles partidos, realizada ontem em Madrid, afirma que eles vão unir esforços para que Marrocos inicie «negociações pacíficas» com a Polisário.

● O SUBSECRETÁRIO DE ESTADO AMERICANO para os Assuntos Africanos, Richard Moose, disse em Bissau que o Governo dos Estados Unidos reconhece o direito do povo do Sara Ocidental a lutar pela conquista da independência.

● O ANTIGO DIRECTOR DOS SERVIÇOS de Propaganda da África do Sul, Eschel Rhodie, começa hoje a ser julgado em Joanesburgo por incriminações de furto e fraude, a seguir ao escândalo das luvas» no país, que levou à demissão de um presidente e de um primeiro-ministro.

S. R.

MINISTÉRIO DO TRABALHO
SECRETARIA DE ESTADO DA POPULAÇÃO E EMPREGO
Gabinete de Gestão do Fundo de Desemprego

DÍVIDAS AO FUNDO DE DESEMPREGO

Foi publicado na 1.ª série do «Diário da República» de 23 de Junho de 1979 o Decreto-Lei n.º 190/79 que veio conceder facilidades e estímulos ao pagamento das contribuições em atraso ao Fundo de Desemprego.

Podem assim os contribuintes que tenham dívidas ao Fundo de Desemprego à data de publicação do diploma requerer no prazo máximo de 90 dias a contar da publicação o seu pagamento em prestações mensais.

O requerimento, em papel selado da taxa legal, deverá ser dirigido ao Director do Gabinete de Gestão do Fundo de Desemprego e enviado ou entregue na sede daquele Organismo - Avenida da República, 4 em Lisboa, ou em qualquer das delegações distritais do Gabinete de Gestão do Fundo de Desemprego.

AMÉRICA

Congresso dos EUA rej tratado sobre o Panam

A Câmara dos Representantes dos Estados Unidos rejeitou ontem inesperadamente, o texto da lei sobre o tratado da transferência do Canal do Panamá, aprovado pouco antes pelo Senado.

Por 203 votos contra 192, a Câmara prolongou uma vez mais a definitiva determinação dos preceitos legais que vão regular a administração do Canal até ao ano 2000.

Agora, um Comité Conjunto das duas Câmaras do Congresso (dos Representantes e Senado) deverá elaborar um novo têxto que conjugue as diversas opiniões sobre o assunto, sendo a nova versão apresentada outra vez para aprovação nos dois plenários.

APELO DE CARTER

O presidente norte-americano, James Carter, tentou ontem acalmar os lideres do Senado sobre a presença das tropas soviéticas em Cuba, e pediu-lhes para não perturbarem as negociações a decorrer sobre o assunto.

Carter convidou um grupo de senadores dos dois partidos para uma reunião, que não fora anunciada, e pô-los ao corrente das negociações que o secretário de Estado, Cyrus Vance, tem estado a travar com o embaixador soviético em Washington, Anatoly Dobrynin, os quais se reuniram ontem pela quinta vez.

Um informador da Casa Branca, que pediu para não ser identificado, indicou que as conversações chegaram, ao final da primeira fase, destinada a obter dos soviéticos o máximo de informações sobre as tropas estacionadas em Cuba.

A partir de agora, e segundo a mesma fonte, os EUA estão em posição de iniciar negociações tendentes a modificar a situação de um modo aceitável para Washington.

KENNEDY SOB PROTECÇÃO

O presidente Carter incumbiu

ARGENTINA

Dois "desaparecidos" foram mortos

O ex-deputado peronista e dirigente montonero Armando Croatto, e outro militante da mesma organização, cujos desaparecimentos haviam sido denunciados no início desta semana, morreram num confronto com a Polícia, informa a Agência Notícias Argentinas».

Croatto era o responsável pelo sector de divulgação dos Montoneros, inclusive de interferir nas ondas dos canais de televisão de Buenos Aires para divulgar a posição da sua organização, garante um comunicado do «Partido Montonero».

O desaparecimento do ex-deputado havia sido denunciado no princípio desta semana pelo diário «Buenos Aires Herald» e pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos, que realizou uma investigação na Argentina.

Entretanto, a Comissão Interamenricana de Direitos Humanos (CIDH) parece ter entrado numa fase de negociação com o governo militar argentino, após uma intensa e extensa etapa de investigações do país.

Ao mesmo tempo, foi anunciado que o ex-presidente da Argentina Hector Campora, que sofre de cancro, ainda não recebeu salvo conduto para sair da Argentina, a fim de receber tratamento.

Por último, ontem em Paris uma antiga presa argentina revelou que duas religiosas francesas, as irmãs Alice Domon e Leonie Duquet, «desaparecidas» na Argentina em Dezembro de 1977, estiveram detidas durante 10 dias na Escola de Mecânica da Marinha de Buenos Aires, tendo sido executadas depois.

Reunião parlamentar termina hoje

A conferência da União Interparlamentar mundial, reunida há oito dias em Caracas com a participação de 900 legisladores de 85 países, procederá hoje à votação das diversas propostas sujeitas a debate.

Ao longo da conferência, sexagésima sexta da União, foram tratados temas como o conflito do Médio-Oriente, desarmamento, descolonização, consecução duma nova ordem económica mundial e violação dos direitos humanos.

Muito embora constitua apenas uma entidade consultiva, sem carácter deliberativo, a Conferência foi palco de agitados diálogos entre as delegações participantes, nomeadamente em torno dos problemas do Médio-Oriente, Sara Ocidental e Direitos Humanos.

Governo de salisbúria muito optimista em Londres

A conferência sobre a independência da Rodésia entra hoje numa fase crítica com o Governo de Salisbúria optimista acerca de chegar a um acordo com a Grã-Bretanha sobre uma nova constituição para um regime negro.

Contudo, o acordo não significaria necessariamente o êxito das negociações, que duram há 12 dias, devido à Grã-Bretanha não ter conseguido ainda que os guerrilheiros da Frente Patriótica apoiem as suas propostas de paz.

A delegação de Salisbúria do primeiro-ministro Abel Muzorewa planeia hoje comunicar à Grã-Bretanha que concorda com uma constituição, redigida por Londres, desde que o Reino Unido levante, em troca, as sanções comerciais contra o território.

Contudo, os britânicos insistem em qe deve haver acordo entre as três partes se se quiser que acabe a guerra que dura há sete anos, as sanções sejam levantadas e a colónia rebelde tenha independência legal.

A delegação de Muzorewa insiste em que veio a Londres apenas para chegar a um acordo constitucional com a Grã-Bretanha, pois não via hipótese de uma aproximação com os guerrilheiros, chefiados por Joshua Nkomo e Robert Mugabe.

Devido à delegação de Salisbúria pensar que está à vista acordo com a Grã-Bretanha, o bispo Muzorewa cancelou ontem planos para regressar a Rodésia, no fim-de-semana.

Lord Carrington, o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros e presidente da Conferência, efectuará hoje novas, discussões separadas com as duas delegações rivais. No Domingo, deverá partir de avião para Nova Iorque para assistir à Assembleia Geral da ONU.

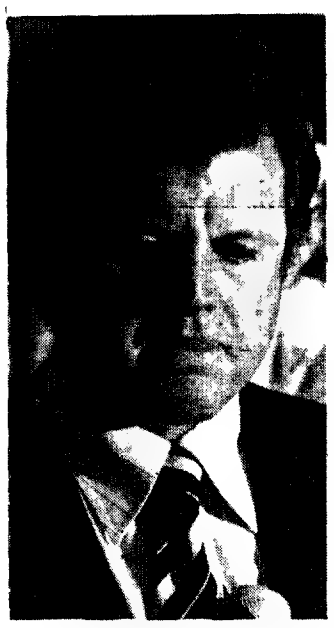
ejeita

má

agentes do serviço secreto de vigorar o senador Edward Kennedy, após ter sido informado que a segurança física do seu rival às próximas eleições para a Casa Branca estava potencialmente ameaçada.

O secretário da Casa Branca para Imprensa, Jody Powell, disse que Carter emitiu essa ordem com base numa «análise» sobre a segurança de Kennedy, efectuada pelos Serviços Secretos e após conversações com membros do gabinete senador.

Powell recusou-se a discutir o conteúdo do relatório enviado pelos serviços secretos ou sobre as conversações, embora tudo esteja aparentemente relacionado com ameaças de morte feitas contra «Ted» Kennedy.



Agentes de seviços secretos vigiam o senador Kennedy, cuja candidatura à nomeação democrata constitui uma quase certeza de derrota para Carter. Segundo a Casa Branca, a vigilância destina-se a garantir a vida de Kennedy (na foto)

Intersindical criada em São Paulo

Os 32 sindicatos do Estado de São Paulo, que há um mês iniciaram uma campanha unificada de reivindicações salariais, decidiram formar um comando de coordenação intersindical.

O objectivo do comando é denunciar ao Ministério do Trabalho «o clima de terror, perseguições e despedimentos» contra trabalhadores que participam de greve ou se destacam nos movimentos reivindicatórios.

No Brasil a legislação proibe as organizações intersindicais de categorias diferentes.

MÉDIO ORIENTE

Iraque rejeita propostas de "preotecção" do Golfo

O governo iraquiano rejeitou uma proposta de Oman para protecção do Golfo Pérsico com o apoio dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e Alemanha Federal.

O jornal iraquiano «Al Thawara» afirmou que «o Iraque se opõe veementemente a qualquer forma de aliança militar ou bloco regional, não importando a razão pela qual é feita».

«O Iraque em diversas ocasiões solicitou a manutenção de segurança para a navegação internacional livre», acrescenta o jornal.

Embora não divulgue o plano apresentado por Oman, afirma que este é uma cópia do projecto de 1975/76 ao qual o Iraque e outros Estados se opuseram.

A oposição iraquiana deve-se ao facto de este país se opor à estratégia norte-americana para o estreito de Ormuz, através da consolidação do poder militar de Oman.

O estreito é a única via marítima através da qual passa o petróleo dos países do Golfo necessário aos países industrializados do Ocidente.

O mesmo jornal iraquiano denuncia que, após a queda do regime do xá do Irão, os Estados Unidos pretendem criar uma base de segurança «reforçando o poder militar de outros locais e incrementando a presença militar americana».

ARMAS SOVIÉTICAS?

A União Soviética recomeçou há dois meses as suas entregas militares ao Egipto, revela na sexta-feira o «Financial Times».

Segundo o correspondente no Cairo do diário britânico, os soviéticos já teriam fornecido ao Egipto 50 motores de bombardeiros «Mig-21», 40 motores de helicópteros «M18» de construção soviética e ainda camiões militares.

ONU

"Cadeira vazia" para o Kampuchea?

O Governo deposto de Pol Pot do Kampuchea, ainda reconhecido pela ONU, enfrenta hoje uma tarefa difícil para conservar o seu lugar na Assembleia Geral quando a União Soviética e a República Socialista do Vietname procuram apoio para o regime de Heng Samrin, que se encontra efectivamente no poder.

A Comissão de Credenciais votou, na quarta-feira, por seis contra três para aceitar as credenciais dos delegados de Pol Pot, mas uma tentativa determinada será feita para anular essa recomendação.

Antes do debate, que e começou hoje de manhã (15.30 horas de Lisboa), diplomatas, que inicialmente se mostravam confiantes em que a delegação de Pol Pot manteria o seu lugar, disseram não ter agora tanta certeza.

No entanto, notaram, tudo parece ainda estar contra Heng Samrin, cujo Governo em Pnom Penh ocupou o poder há oito meses.

Um resultado poderia ser a exclusão de ambos os governos de representação na ONU, o mesmo que aconteceu quando as suas reclamações rivais foram debatidas, na cimeira do movimento dos não-alinhados em Havana, este mês.

O embaixador soviético, Oleg Troyanovksy, afirmou já que essa seria uma política aceitável para a ONU seguir.

EUROPA

ESPANHA

Generais criticam governo

Dois generais do Exército espanhol criticaram publicamente na quarta-feira o Governo «por não conseguir parar com a onda de violência política e o terrorismo que já fizeram este ano 100 vítimas em Espanha».

O general José Gabeiras Montero, chefe do Estado-Maior, fez estas considerações no quinquagésimo nono aniversário da Legião Estrangeira Espanhola, cujas comemorações se efectuaram nas ilhas Canárias, poucas horas depois de os separatistas bascos terem assassinado dois oficiais do exército espanhol e ferido um soldado.

O governador militar das Canárias, general Jesus Gonzales del Yerro afirmou «não ver eficiência nem autoridade por parte do Governo».

Esta é pela primeira vez, depois do Conselho Superior do Exército se ter oposto à legalização do Partido Comunista, há três anos, que membros do Exército se permitem criticar publicamente o Governo.

Entretanto o funeral dos dois oficiais superiores vítimas do atentado, entretanto reivindicado pela ETA militar, realizou-se esta manhã em Bilbau com a presença do ministro da Defesa, Agustin Rodriguez Sahagun e de numerosas individualidades civis e militares.

Há a registar um único incidente no início da cerimónia fúnebre. À chegada de Agustin Rodriguez Sahagun, o ministro foi invectivado por um grupo de manifestantes de extrema-direita que gritaram «Governo, Demissão» e «O Exército ao Poder».

Pierre Goldman assassinado em Paris

O antigo revolucionário Pierre Goldman foi hoje morto a tiro numa praça de Paris, e um grupo de extrema-direita autodenominado «honra para a polícia» reivindicou a autoria.

Pierre Goldman, assassinado hoje em Paris, adquiriu notoriedade há dez anos ao ser-lhe imputada a morte de duas farmacêuticas parisienses em 19 de Dezembro de 1969.

Por este duplo crime, em relação ao qual sempre se afirmou inocente, e por mais três agressões de que se confessou culpado, foi condenado a prisão perpétua em 14 de Dezembro de 1974. Interposto recurso, o supremo tribunal iria anular a sentença por vício de forma, uma vez que o auto não tinha sido datado. O seu processo apaixonou a opinião pública francesa e suscitou um enorme movimento de apoio a Goldman.

Goldman tinha ficado conhecido desde os acontecimentos de Maio de 1968 em que se destacou como dirigente estudantil. Mais tarde dirigiu-se para a Venezuela onde participou durante alguns anos na luta de uma organização de guerrilhas.

Era autor de dois livros: uma autobiografia escrita na prisão, «Recordações Obscuras de um Judeu Polaco Nascido em França», e um romance «O Vulgar Infortúnio de Archibald Rapoport».

Morreu Svoboda

Faleceu ontem com 84 anos o general Ludvig Svoboda, antigo chefe de Estado Checoslovaco, anunciou a Rádio Praga.

Svoboda vivia em Praga depois de se ter demitido em Maio de 1975 por motivos de saúde, que já se faziam sentir desde 1972, um ano depois da sua reeleição para um segundo mandato de cinco anos, como Presidente da Checoslováquia.

Svoboda havia sido eleito Presidente pela primeira vez em 30 de Março de 1968, apenas cinco meses antes da intervenção das forças do pacto de Varsóvia, que pôs termo ao governo de Alexander Dubeck.

A agência noticiosa Checoslovaca CTK acrescentou pouco depois da notícia da rádio, que Svoboda tinha falecido no sanatório de Sanops, em Praga às 10.45 h locais devidoa «uma subita paragem cardiaca».

Acordo militar Dinamarca-EUA

A Dinamarca concluiu com os Estados Unidos um acordo de princípio prevendo o estacionamento de 50 a 100 aviões militares americanos no seu território em caso de conflito ou de crise grave, revelou ontem em Copenhaga, Joergen Wahl, do Ministério dinamarquês da Defesa.

Wahl não escondeu que este acordo foi celebrado porque a Dinamarca nunca acreditou no envio para o seu territorio, em tais circunstâncias, das Forças Móveis Aliados (da NATO).

● UM DIRIGENTE DA FIAT, Carlo Chiglieno, foi assassinado hoje de manhã em Turim por um comando da organização «Prima Linea».

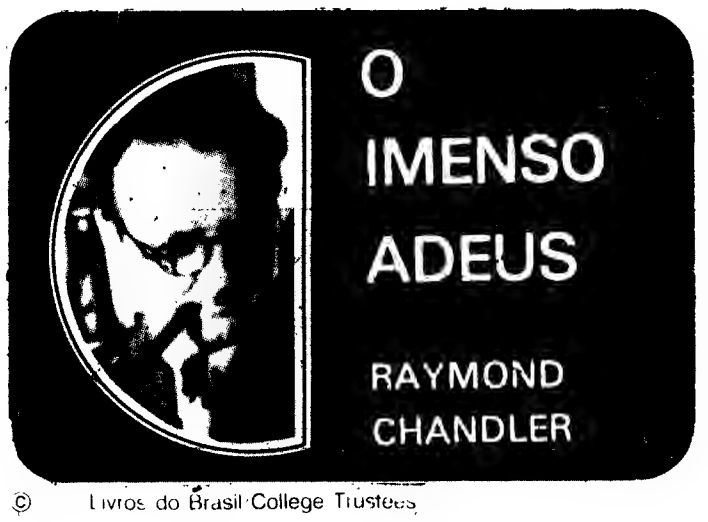
● O TRIBUNAL SUPREMO DO BRASIL rejeitou na quinta-feira, em Brasília, o recurso da RFA com vista a extradição do criminoso de guerra nazi Franz Gustav Wagner.

O Tribunal já recusara no passado mês de Junho o pedido de extradição apresentado pela RFA, Áustria, Polónia e Israel. A RFA apresentara um recurso baseado em argumentos processuais.

● OS PROBLEMAS FINANCEIROS DO VATICANO são uma das razões que levaram João Paulo II a convocar para princípios de Novembro uma reunião de todos os membros do Sacro Colégio, afirma Benny Lai na edição de hoje do jornal florentino «La Nazione».

● UMA GREVE GERAL DE PROFESSORES decretada por todos os sindicatos provocou hoje o encerramento das escolas primárias e secundárias de Itália, após o início há três dias do ano lectivo de 1979-80.

● UMA VIOLENTA EXPLOSÃO de um camião distribuidor de botijas de gás provocou pelo menos oito mortos (alguns falam em mais de vinte) e um número indeterminado de feridos numa rua central de Bogotá (Colombia). A explosão destruiu completamente um restaurante e duas discotecas, situadas na populosa avenida «19 de Junio», perto de dois importantes hotéis de Bogotá, que também sofreram grandes prejuízos materiais.



© Livros do Brasil College Trustees

E não é verdade que ele a tivesse atirado pelas escadas abaixo. Foi um mero acidente. Ela tropeçou e o tipo tentou agarrá-la. O Candy viu tudo.

— Mas nada disso explica as razões por que ela me queria lá em casa.

— As razões podiam ter sido várias. Uma delas é clássica, conhecida por todos os polícias. Você era o tipo que tinha ajudado o Lennox, o amigo, provàvelmente o confidente. Até que ponto é que você conhecia o que se tinha passado? O que lhe teria ele dito? Ele levara a pistola consigo e sabia que tinha sido disparada Pode ser que ela tivesse pensado que o tipo tinha feito o que fez por causa dela e quando ele se matou a Eileen teve a confirmação de que efectivamente o fora. Mas quanto a si? Ela queria espremê-lo, tinha o encanto para o conseguir e um problema que lhe fornecia as desculpas necessárias para o abordar. E se ela chegasse a precisar de um bode expiatório, sê-lo-ia você.

O Ohls partiu um cigarro ao meio e começou a chupar uma das metades. Depois colocou a outra metade atrás da orelha.

— E ela andava à procura de um homem, de um homem alto e forte que a apertasse com força e a fizesse sonhar de novo.

— Ela destestava-me — disse-lhe. — Você está enganado.

— Claro que o detestava — disse o Hernandez secamente. — Você deu-lhe sopa. Mas isso passar-lhe-ia. Simplesmente você acabou por lhe atirar com tudo à cara na presença do Spencer.

— Vocês têm por acaso andado a consultar psiquiatras?

— Santo Deus — disse o Ohls, — você não sabe? Isto agora passa-se tudo assim. Temos dois a trabalhar connosco. O trabalho de polícia passou a ser insignificante. Não passamos de uma secção dos hospitais. Eles passam a vida a entrar e a sair das prisões, dos tribunais e das salas de interrogatórios. Escrevem relatórios de quinze páginas explicando as razões

HORÓSCOPO
Completo c/ dias Favoráveis e não Favoráveis.
Enviar data de nascimento e 50$00
Manuel Luís Carvalho Oliveira
Pcab/Eabst n.º 033711
B.A. 6 : 2870. MONTIJO

RESTAURANTE "PAPAGAIOS"
— DE —
José Outrelo Magalhães
Rua Cascais, 13 a 21 LISBOA - 3 — Tel. 636076

BATAS ESCOLARES
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
TINTURARIA GUANABARA — Dep. Confecções
Av. João XXI, 5-D — R. Infantaria 16, 55-C — LISBOA

Rapariga inglesa estudando português procura colocação «au pair» com família portuguesa miss E. Rushton - Home Farm - Forge Lane Little - Aston - Sutton Coldfield - West Midlands - Inglaterra.

© — Livros do Brasil/College Trustees

que levaram um delinquente juvenil a assaltar uma casa de bebidas ou a violentar uma professora. Daqui a dez anos os tipos como eu e o Marty estarão a fazer «tests» de Rohrschach e associações de palavras em vez de tiro ao alvo e ginástica. Quando alguém nos chamar em serviço teremos que levar connosco malinhas pretas com detectores portáteis de mentiras e garrafas de soro da verdade. Foi pena não termos conseguido apanhar os quatro macacões que amachucaram o Big Willie Magoon. Talvez se tivesse conseguido readaptá-los ao ponto de passarem a adorar as respectivas mãezinhas.

—Já posso ir-me embora?

—Você não está ainda convencido?—disse-me o Hernandez enquanto fazia estalar um elástico.

—Estou convencido. O assunto está arrumado. Ela morreu, morreram todos. Passou-se tudo da melhor maneira. Nada mais resta do que voltar para casa e esquecer tudo. É o que vou fazer.

O Ohls tirou a metade do cigarro que tinha posto na orelha, olhou-a com espanto e depois atirou-a para traz das costas.

—De que se lamenta?—disse o Hernandez.—Se não lhe tivessem faltado as pistolas, talvez morresse mais alguém.

—Vocês dizem que já estavam no bom caminho. Esta manhã têm nas mãos uma confissão completa. Eu não a li, mas nunca teriam chamado o delegado se não fosse completa. Mas se na altura do caso Lennox tivessem actuado em vez de enterrarem o caso ter-se-ia sabido como ele tinha arranjado os ferimentos e tudo o resto. Depois teria vindo à superfície a ligação entre este caso e os Wades. O Roger sabia quem o Paul Marston era.

—É muito possível que você tenha razão—admitiu o Hernandez.—Mas a polícia não trabalha por esse processo. Quando um caso está fechado nós não lhe tocamos mais.

285

NOVO ESCÂNDALO EM VALPAÇOS

Ex-ANP na CA cozinhada para amanhã

Valpaços, 21 (do nosso enviado especial Luís Humberto) – Enquanto o presidente e seus aliados se preparam para as honrarias de amanhã à tarde, com o patrocínio de Helena Roseta, acabamos de descobrir mais um verdadeiro escândalo nesta terra onde são visíveis situações de medo e terror. O dr. Sobrinho Morais tenta defraudar os cofres do Estado em cerca de mil contos, detendo ilegalmente um automóvel de luxo que se supunha fora do País. Trata-se de um Mercedes 300-B, cor de marfim, que desde fins de 77 o presidente da câmara e chefe político do PSD no concelho vem tentando legalizar fraudulentamente.

Efectivamente, em Dezembro daquele ano entrou pela fronteira de Vila Verde da Raia um Mercedes 7M-90-72 destinado ao dr. Sobrinho Morais que, para tal, se serviu de um compadre, o emigrante José da Silva Ramalho e do Dec.-Lei 172/77, de 30 de Abril, que prevê a importação de um automóvel para os emigrantes que regressem definitivamente a Portugal. Tal Decreto concede reduções de 50 a 80% nos direitos aduaneiros, conforme os carros são comprados há dois, três, quatro e cinio ou mais anos. No Mercedes, por exemplo, o «benefício» corresponde a centenas de contos.

Após a sua entrada no País, o veículo foi conduzido ilegalmente durante quase um ano pelo dr. Sobrinho Morais, dentro e fora do concelho. Toda a gente o via. Entretanto, o caso foi detectado pelo ten. Medeiros, da Guarda Fiscal de Chaves, que em face da clara infracção ao Dec.-Lei 398/78 (Art.º n.º 4, 1.º, alíneas a, b, c) mandou selar a viatura, ficando o seu condutor fiel depositário da mesma. O processo respectivo já foi enviado a tribunal. No entanto, passado algum tempo, o presidente voltou a ser visto no seu Mercedes – o selo tinha sido cortado. A dada altura, porém, foi visto pelo próprio delegado do Ministério Público, que de imediato pediu à GNR a sua apreensão bem como a prisão do condutor. Todavia a GNR deixou passar o flagrante delito e só mais tarde a viatura foi apreendida de novo, tendo o dr. Sobrinho Morais sido alvo de um processo (493/78) por desobediência, crime este possivel de prisão até três meses.

ENTRADA ILEGAL NO PAÍS

Em Abril deste ano, após o pagamento de 2400 escudos de multa, o emigrante, proprietário fictício da viatura, requereu, nos termos da lei, a passagem de uma guia «ad-hoc» para a saída do Mercedes do País por um ano. A licença foi concedida a 9 de Abril, saindo a viatura pela fronteira por onde havia entrado. Passados quatro meses, aproveitando-se da vulgar confusão e do reduzido controlo nas fronteiras durante o período de férias, foi o Mercedes introduzido novamente em Portugal. Isto aconteceu no dia 25 de Agosto, supondo-se que se encontre desde essa altura na garagem do seu verdadeiro proprietário, Sobrinho Morais. De imediato terá sido tentado o despacho na alfândega do Porto, através de uma agência, sita na Praça da Batalha e de um despachante oficial daquele posto aduaneiro. Sobrinho Morais pretendia naturalmente as reduções contidas no Dec.-Lei 172/77 e para isso terão sido prestadas falsas declarações. Mas quer a agência, quer o despachante, acabaram por recusar a fraude pretendida. Consta, porém, que a legalização fraudulenta está em marcha através de outra agência e de outro despachante.

Caso conseguisse os seus intentos, Sobrinho Morais, em vez de 1400 contos que um Mercedes daquele tipo paga de direitos alfandegários pagaria apenas cerca de 400.

A nível criminal, porém, a questão é mais grave: a viatura entrou ilegalmente no País e nem sequer o seu proprietário legal, José Martins da Silva Ramalho, se encontra em Portugal. Regressou em princípios de Setembro a França, onde trabalha. Aquela situação é passível de prisão imediata.

EX-ANP NA COZINHADA CA

Quanto à pretensa eleição da Comissão Administrativa, a ocorrer amanhã, durante a Assembleia Municipal, tudo está preparado para o «Amen» à lista cozinhada pela gente do PSD. O presidente da CA será, naturalmente, o dr. Sobrinho Morais, que se acompanhará de quatro fiéis súbditos: José Marinheira Guedes, ex-membro da ANP, José dos Santos, João Mateus e Alcanforado, presidente da Junta de Freguesia de St.ª Maria de Hermes. Foram também ventilados os nomes de Amílcar Morais, Cernache e Fernando Fraga, mas estes só por alterações de última hora poderão entrar.

Entretanto, enquanto alguns credores desesperados fazem bicha na câmara para receber algum dinheiro (fala-se em 20 mil contos de dívidas), garantem-nos que os transportes para o «comício-manifestação espontânea» estão assegurados por camionetas e que «alguém» lhes há-de pagar.

CHEFE DO PSD AUTO-ELEITO

Naturalmente entendida como cobertura cupular às irregularidades do presidente, a vinda de Helena Roseta é comentada com azedume no seio de muitos sociais-democratas que se pautam pela honestidade.

Tanto mais que na Comissão Distrital de Vila Real do PSD sabem muito bem quem é o dr. Sobrinho Morais que se autoelegeu no princípio do ano presidente da Comissão Política Concelhia durante uma reunião anti-estatutária realizada na Casa do Povo de Vilarandelo. Nessa reunião participou quem quis, até mesmo socialistas que assim puderam participar em toda a fantochada. Na lista em que Sobrinho Morais se autodesignava presidente, muitos dos elementos nem estavam inscritos no PSD. Virá Helena Roseta dar também cobertura a esta situação ilegal ao nível dos estatutos do seu partido?

Guarda Fiscal comemora hoje o seu dia

A Guarda Fiscal comemora hoje o seu dia, estando a decorrer à hora do fecho da nossa edição, uma cerimónia de âmbito nacional no centro de instrução de Queluz, em que tomam parte militares de todos os batalhões e companhias independentes e a que assiste o ministro das Finanças, Sousa Franco.

A Guarda Fiscal tem como principais funções a prevenção e repressão das infracções fiscais, controlo de passageiros nas fronteiras e ainda a colaboração com as Forças Armadas, outras forças de segurança e vários departamentos do Estado.

A origem da corporação remonta ao ano de 1641, quando aos «homens d'el-rei» ou «homens da alfândega» são atribuídas as primeiras missões de índole fiscal.

Todas as missões hoje atribuídas à Guarda Fiscal e sua caracterização como corpo militar, foram aparecendo ao longo dos tempos, reflectindo o estado da economia do país, espelhando as etapas do seu desenvolvimento e depressão e as preocupações com a sua defesa.

A luta contra a fraude fiscal – missão principal desta corporação – aparece pela primeira vez claramente definida em 1587, quando se manda «tanto que as naus surgiram defronte da alfândega se provejão logo de guardas pelo guarda-mor».

Em 1862, a missão fiscal estende-se ao longo de toda a fronteira terrestre, com a criação do corpo de guardas de alfândega dos portos secos.

Em 1881, é a vez do caminho-de-ferro, nas estações, ao longo das linhas e nos comboios.

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO
DIVISÃO DE PATRIMÓNIO

CONCURSO PÚBLICO PARA ARRENDAMENTO DE 5 LOJAS — II FASE DO BAIRRO DE POVOS — CONCELHO DE VILA FRANCA DE XIRA

ANÚNCIO

1. — Faz-se público que até às 17 horas do dia 29 de Outubro de 1979 são aceites propostas no Fundo de Fomento da Habitação — Divisão de Património — Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 87-7.º Lisboa (Telf. 769951/2/3/4) para o concurso acima designado;

2. — São postas a concurso público, por sorteio, as lojas com os ramos abaixo mencionados, com a área de 57,5 m2, e cuja renda é de 7000$00 mensais.

Loja n.º 1 — peixaria
Loja n.º 2 — café
Loja n.º 3 — talho
Loja n.º 4 — mini-mercado c/frescos
Loja n.º 5 — padaria

3. — Qualquer esclarecimento será prestado no local referido em 1) todos os dias úteis, dentro das horas de expediente.

Divisão de Património, em 14 de Setembro de 1979.

O CHEFE DA DIVISÃO DE PATRIMÓNIO

António Augusto Serralha Ferreira

ESTREIA NA DESCENTRALIZAÇÃO

SETÚBAL

SENHOR UBU

de ALFRED JARRY

um espectaculo de

JOSE VALENTIM LEMOS

O NOVO TEATRO

OS SALTITOES SUB SEC

ESTREIA EM SETUBAL DIA 25

Espectaculos 26, 27 e 28 as 21.30 no Museu da Cidade

Desde 1976 – um plano de trabalho continuado com as autarquias locais

UM PROJECTO DESCENTRALIZADOR

Canal da Crítica

MÁRIO CASTRIM

A qualidade: alibi contra a qualidade?

Pelas minhas contas, ontem era dia de Santo António Vitorino de Almeida. Mas nisto de Santos, em sentido próprio ou figurado, parece que nem todos os horários de culto são cumpridos.

Eu não quero dizer, longe de mim, que a transmissão da Gala da Ópera de Viena seja de deitar fora. Não vai tão longe o meu caixote do lixo. Quero apenas lamentar que uma emissão de qualidade venha ocupar o lugar pertencente por direito a outra obra de qualidade, para mais de origem portuguesa e além disso sempre se aconselhou na Televisão a preferência dos produtos nacionais. A menos que... a menos que essa preferência deva estender-se apenas a meia dúzia de objectos, como por exemplo os tachos-de-alumínio e não só.

Esta artimanha pode ser uma forma de paredão contra os protestos. «Má-vontade? Ora essa!, nós até demos uma coisa boa, tão boa...»

Temos aqui a qualidade como um álibi contra a qualidade. A manobra mais repugnante de todas as manobras.

Torna-se evidentíssima a existência de uma lâmpada negra no sector de «A Música e o Silêncio». Como se pode jogar assim, por motivos pessoais ou quaisquer outros, prejudicar os interesses dos telespectadores e a imagem pública da Televisão?

Para tudo dizer: quem é que estará interessado em anular uma produção nacional que honra a Televisão? Uma produção que não fere susceptibilidades políticas, partidárias, morais, religiosas? Uma produção que **apenas** serve a inteligência, a cultura e o amor pela arte?

De onde parte a miopia, a canalhice, perdão!, a canastrice, a agressividade criminosa contra «A Música e o Silêncio»?

Ah, como estamos longe dos mil perdões que se pedem por não se transmitir o programa desse grande «travesti» de pianista que é o Guedes...

Com isto, note-se, não pretendo nem de longe minimizar a importância da Gala da Ópera de Viena. Foi um dos momentos mais valiosos, no plano nacional, desde sempre acontecidos na Televisão Portuguesa. Inesquecível.

Amigos, a TV é bela, os trastes é que dão cabo dela.

ALDÓNIO: BAIXE A BOLINHA

Felizmente alguns peixes conseguem furar a rede. Está neste caso a rubrica «A Falar é que a Gente se Entende» de Aldónio Gomes.

Curiosamente: mais do que uma emissão de TV, ela surge como o incentivo a uma nova linguagem pedagógica. Os professores têm aqui muitas sugestões para um trabalho útil, para uma aula com uma alma dentro, dinamizada pela constante variação dos ângulos de jogo.

Aldónio Gomes até se dá ao luxo de acumular material que, bem aproveitadinho, dariam razão para outros programas. Ontem, por exemplo, a segunda parte, ou seja, aquela em que se referiu aos nomes, merecia tratamento mais demorado – ao mesmo tempo que a questão das fórmulas de tratamento estava longe de ficar esgotada.

Certo. Não exigiria eu de Aldónio Gomes, para tarefa de meia hora, qualquer coisa como uma sociologia das fórmulas de tratamento. Aliás, tais fórmulas consideradas como reflexo da divisão da sociedade em classes, com respeito por uma determinada hierarquia de valores, assim foram encaradas na emissão de ontem.

Não se perderia, no entanto, se Aldónio Gomes não esquecesse totalmente os aspectos práticos no domínio da utilização da linguagem. Se o não fizer, a sua emissão correrá o perigo de se fechar num círculo cada vez de menor diâmetro até se reduzir ao absurdo do ponto.

Se não temos em conta o carácter e os interesses da assembleia, a comunicação deixa de ter razão de ser.

Por exemplo: a concordância dos verbos e dos adjectivos com a fórmula de tratamento utilizada. Na vida corrente, um grande número de pessoas enfrenta dúvidas. **Senhores e senhoras: sois uns tontos (ou umas tontas?); a vocês, não vos conheço (ou «não os conheço»?);** peço a V. E.xª a sua (ou a vossa?) atenção, etc., etc.

Calma! Não quero a comunicação ao serviço do gramatição; mas sim um pouco de gramática ao serviço da comunicação.

Até porque o povo gosta de aprender. O que não gosta é que o chateiem. E poucas pessoas, como Aldónio Gomes, mostraram já estar tão isentas desse pecado.

MEMÓRIAS DO CINEMA78

Prossegue hoje no Quarteto o ciclo «Memórias do Cinema» com as seguintes sessões duplas a partir das 23.30 h:

Sala 1 — «Um homem» (Martin Ritt) e «Um italiano em Nova York» (Ettore Scola)

Sala 2 — « A mulher do padre» (Dino Risi) e «Selva de asfalto» (Jonathan Kaplan)

Sala 3 — «Selva de asfalto» (Jonathan Kaplan) e «Um homem» (Martin Ritt)

Sala 4 — «Morangos selvagens» (Ingmar Bergman) e «Porque se mata um magistrado» (Damiano Damiani).

Hoje

Eu, Cláudio

I PROGRAMA

17.45 **Formação de professores**
18.30 **Riscos e Histórias**
19.00 **País, País**
19.30 **Um homem em casa** – episódio intitulado «O Jogo do Dia»
20.00 **Jornal RTP/1**
20.30 **Manuel e Beatriz**
20.35 **O Tempo**
20.45 **Em questão**
21.40 **Eu, Cláudio** – 10.º episódio da série produzida pela BBC.
22.40 **24 Horas**

II PROGRAMA

20.30 **«A Terra treme»** – 1.ª parte da grande metragem dirigida por Luchino Visconti. A família Valastro decide não aceitar mais cláusulas estabelecidas pelos retalhistas de peixe. Resolvem passar a vender o peixe sem intermediário. Mas, certo dia, há uma grande tempestade e o barco dos Valastros é destruído...
21.30 **Informação/2**
22.00 **A Terra treme** – 2.ª Parte

Amanhã

I PROGRAMA

16.00 Sumário; **16.05**. Novos Horizontes; **16.30**: Ronda **17.00**. Animação, **17.30** «Cartas da Nova França», **18.00**: 10 Milhões de Consumidores; **18.30**: Palavra e Música **19.30**: 4300 Minutos; **19.55** Manuel e Beatriz, **20.00** Jornal RTP/1; **20.55**: O Tempo, **21.05** Cinema – «A Vida de Zola»; **23.25**. 24 Horas, **23.40**: Fecho

II PROGRAMA

20.30: No rasto de . ; **21.00:** Dick Tracy, **22.00:** Som do palco.

DE 3.ª a 6.ª FEIRA, ÀS 21.30
SÁBADOS, ÀS 18 e ÀS 22 HORAS
DOMINGOS, SÓ ÀS 16 HORAS
Esp. não acons. men. 16 horas
SUBSÍDIO DA S.E.C.

Têxto de encenação Hélder Costa

GALERIA DE BELÉM

CINEMA
CICLO

«O SUJEITO E O MÚLTIPLO»
ENCONTRO EM BRAY

DE ANDRÉ DELVAUX
sábado 22 e domingo 23 de Setembro
às 15,30 e 18 horas
(maiores de 14 anos)

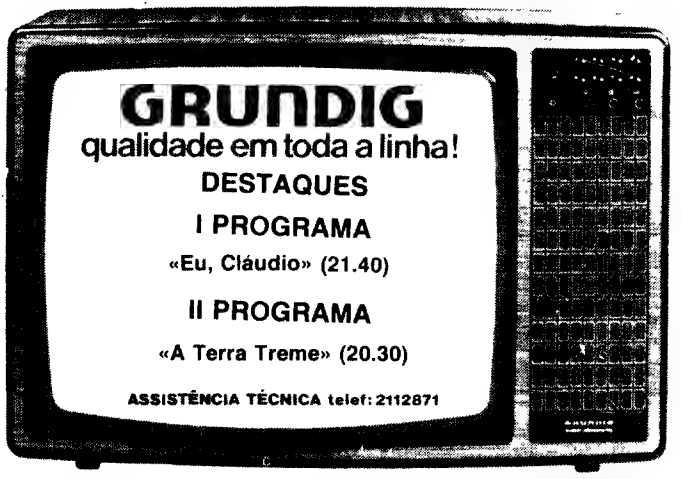
ENTRADA LIVRE

Av. Brasília - (Junto ao Mercado do Povo)

Direcção-Geral da Acção Cultural

Academia Almadense
Tel. 2752175
NOVAMENTE
A NOITE
de JOSÉ SARAMAGO
Enc. J. BENITE - Con A. ALFREDO
«Um espectáculo muito bom». ANTÓNIO REIS
«Categorizado e superior» TOMAS RIBAS (Capital)
SEXT, SÁB, às 21,45h
DOM, às 16h e 21,45h
50% em idas colectivas
GRUPO DE CAMPOLIDE

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
HOJE AS 21.45H
GUERRAS DO ALECRIM E MANGERONA
DOMINGO SÓ ÀS 18 H
2ª FEIRA DESCANSO
2º mês
SUBSÍDIO DA S.E.C.
PRAÇA DE ESPANHA TEL 76 26 24
Atenção: 4.ª-5.ª e 6.ª feiras
Não há espectáculo
A COMUNA EM ESPANHA



VASCO MORGADO APRESENTA
uma comédia desconcertante...
Raul Solnado
A TOCAR, é que a gente se entende
cenários de Octávio Clérigo
encenação de Paulo Renato
com Henrique Viana, Rosa do Canto, Alina Vaz
TEATRO MONUMENTAL
DENTRO DE DIAS
ESTREIA ÀS 21.15h.

DOMÉSTICAS E INDUSTRIAIS
MÁQUINAS DE LAVAR
TV E FRIGORÍFICOS
REPARAMOS EM SUA CASA
TEL. 70 37 06

Crítica de Música

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

O violino pode ser mais importante

O Festival do Estoril ganhou raízes e já tem o seu público. Eis o primeiro ponto a sublinhar no termo desta sua quinta edição, encerrada brilhantemente com Ruggiero Ricci e Helena Costa, no salão principal do Casino, cuja lotação quase se esgotou. Os dois artistas fizeram música de câmara: foi com esse espírito que tocaram Beethoven e César Frank. A **solo,** na Sonata de Bartok, Ricci deu-nos um daqueles momentos únicos em que os valores técnicos e expressivos, na realização de uma obra (para mais tão complexa), parecem atingir a síntese perfeita. A peça de Paganini **(Di tanti palpiti)** foi a festa final do virtuosismo, a demonstração do invulgar domínio do instrumento, que coloca este executante entre os maiores nomes da tradição violinística. Já num anterior concerto, realizado na Igreja dos Salesianos, Ricci traçara com vigor o seu perfil de intérprete, mais preocupado talvez com o violino, com o violinismo, com o desafio violinístico contido no texto musical, de que com a leitura deste em termos de descoberta de um pensamento ou de um objectivo estético que a execução devesse servir. Bach, Prokofieff, Ysaye, Kreisler, Paganini tocou-os com o mesmo «à vontade» de quem não conhece uma dificuldade ou uma hesitação, anulando as tensões entre o tal desafio instrumental e o esforço humano para lhe corresponder, criando uma ilusão de mecanismo infalível, que muitos tomarão por frieza ou superficialidade. Mas, em música, o violino também conta: Ricci, cujo impressionante virtuosismo nem sequer é acompanhado de uma certa dimensão teatral habitual nestes casos (Paganini, por exemplo, aparecia envolvido num halo sobrenatural demoníaco, favorecido pela sua figura e pelo estilo de execução), repõe em questão os problemas fundamentais da interpretação.

Quem está ao serviço de quem: o violino ao serviço dos compositores ou os compositores ao serviço do violino? Quando ouvimos o seu Guarnierius de 1734, parece esbater-se a diferença que existe entre Bach e Paganini...

TANIA ACHOT: BACH NO PIANO

Tania Achot mergulhou no texto do **Cravo bem temperado** (mais precisamente: em 14 dos Prelúdios e Fugas do 2.° caderno) com outra atitude. Tania Achote, **virtuose** também, mas do piano, pretendeu reencontrar, através das características e das potencialidades específicas do seu instrumento, o pensamento de um compositor.

Bach não conhecia o piano, que só aparece nos finais do século XVIII. Escreveu esta colectânea, de importância fulcral na história da música, a pensar em instrumentos de tecla com atributos sonoros e técnicos idênticos aos do cravo. Quando lemos as peças nela incluídas não encontramos lá, por exemplo, quaisquer indicações dinâmicas: crescendo, diminuindo, piano, forte. O cravo não permitia nem os contrastes nem as subtis gradações de intensidade que deram o nome ao **piano-forte.** Daí que muitos entendam que tais obras não devem ser tocadas no piano e outros se esforcem por reconstruir, até, o som originário dos cravos da época de Bach. Certo é, porém, que o autor da **Paixão Segundo S. Mateus** estava muito avançado em relação à consciência musical do seu tempo. A sua obra projecta-se vigorosamente em todo o futuro da música. A revolução schoenberguiana do século XX, que levou à dissolução da ordem tonal, sai dialecticamente desta, sai do temperamento igual que Bach consagrara nos Prelúdios e Fugas do **Cravo bem temperado.** A consciência de Bach surge a cada passo nas obras da Escola de Viena. Schoenberg homenageia Bach nas Variações op.31, fazendo emergir o seu nome (segundo a terminologia das notas usual nos países anglo-saxónicos) da tessitura dodecafónica; o mesmo faz Alban Berg, citando um coral de Bach («Es ist genung») no contexto, também de dodecafonismo rigoroso, do seu concerto de violino; quanto a Wern, temos a prodigiosa aplicação da **Klangfarbenmelodie** ao **Ricercare** da **Oferenda Musical,** do mesmo Bach. O último exemplo bem como as orquestrações de obras de Bach feitas

Continua na pág 15

Por mim, considero como um acto cultural assistir a este filme.
Vai ao QUARTETO, leitor, não percas tempo!

Mário Castrim, In «D. Lisboa»

UM EXITO VERDADEIRAMENTE EXCEPCIONAL
O HOTEL DA PRAIA

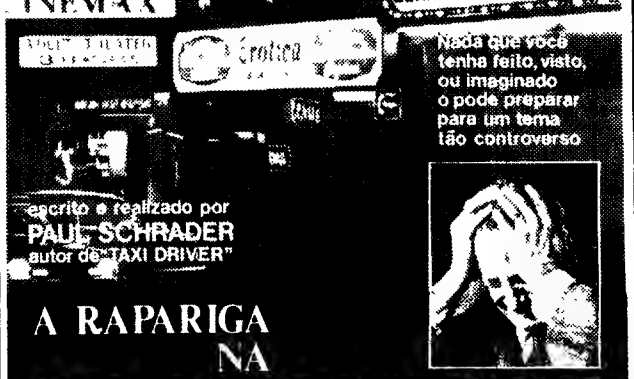
MAIS DE 125 MIL PESSOAS EM LISBOA JÁ SE REGALARAM A RIR COM
O HOTEL DA PRAIA
E COM AS MARAVILHOSAS CANÇÕES DE
MORT SCHUMAN
"Summertime Baby"
"So Hard to forget"
"Baby, don't keep me waiting"
"Le père de James Dean"
"Un été de porcelaine"
"I got the feeling"
"J'te vois plus" e "Redoutable"

DEPOIS DE VIR DE FÉRIAS, AINDA SE DIVERTIRÁ MAIS COM
O HOTEL DA PRAIA
REALIZAÇÃO DE MICHEL LANG COM
MYRIAM BOYER • DANIEL CECCALDI
MICHELE GREILLER • GUY MARCHAND
MARTINE SARCEY
Não acons. men. 13 anos
Mundial Filmes
24ª SEMANA
agora no VOX

UM ELENCO FABULOSO
MICHAEL CAINE • SALLY FIELD • TELLY SAVALAS • PETER BOYLE • JACK WARDEN • SHIRLEY KNIGHT • SLIM PICKENS • SHIRLEY DONES E KARL MALDEN
CORAGEM PARA ALÉM DO EXIGIVEL
SUSPENSE PARA ALÉM DO IMAGINÁVEL!
O POSEIDON antes de se afundar revelou ainda um ultimo segredo...

Produção de IRWIN ALLEN
PARA ALÉM DA AVENTURA DO POSEIDON
NOVO
A maior aventura até hoje filmada... ainda não acabou.
"BEYOND THE POSEIDON ADVENTURE"
com MICHAEL CAINE • SALLY FIELD • TELLY SAVALAS • PETER BOYLE
JACK WARDEN • SHIRLEY KNIGHT • SLIM PICKENS • e SHIRLEY JONES
e KARL MALDEN em "Wilbur" • Argumento de NELSON GIDDING
Baseado na novela de PAUL GALLICO • Produção e Realização de IRWIN ALLEN
Música de JERRY FIELDING • Technicolor • Panavision
From Warner Bros. A Warner Communications Co. © 1979 Warner Bros. Inc. All rights reserved
Inauguração da temporada
2ª SEMANA NO MUNDIAL
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

O drama de um pai à procura da filha na "Zona Quente"
INEMAX
CRYSTAL TELEMUNDO
Nada que você tenha feito, visto, ou imaginado o pode preparar para um tema tão controverso



escrito e realizado por PAUL SCHRADER autor de "TAXI DRIVER"
A RAPARIGA NA ZONA QUENTE
HARDCORE
GEORGE C. SCOTT
HARDCORE
PETER BOYLE
5ª SEMANA no quarteto
INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

DISTRIBUIDORES REUNIDOS
ENORME SOB TODOS OS ASPECTOS!
UM DOS DEZ MELHORES FILMES EXIBIDOS EM 1978
PREMIADO COM "GLOBO DE OURO" E "CÉSAR"
SOPHIA LOREN / MARCELLO MASTROIANNI

FILME DE QUALIDADE
UM DIA INESQUECÍVEL
UMA JORNADA PARTICULAR
Um filme de ETTORE SCOLA
Produção de CARLO PONTI
Não aconselhável a menores de 13 anos • TECHNICOLOR
EM 10ª SEMANA NO quarteto

A MAIS ESPECTACULAR
A MAIS EXTRAORDINARIA
EPOPEIA DE AVENTURAS!
CORAJOSO!
AUDAZ!
ATREVIDO!
Burt LANCASTER
Virginia MAYO
O FACHO e a FLECHA
(FLAME AND ARROW)
TECHNICOLOR
PARA TODOS M/6 ANOS
HOJE ÀS 21.30H. NO ESTUDIO

Crítica de Música

Continuação da pág. 14

por Schoenberg correspondem a uma atitude de busca ou redescoberta modernas de tudo quanto de mais projectado no futuro se continha nessas obras. Ora, também um executante de piano pode tentar descobrir nos textos para cravo de Bach todas as enormes potencialidades pianísticas que já lá se contêm, mostrar, afinal, como aquela escrita **já é** pianística. A tentativa de Tania Achot, que colocou ao serviço do pensamento de Bach os recursos extraordinários do seu virtuosismo e da sua inteligência de pianista, foi inteiramente coroada de êxito.

UM QUARTETO DOIS GUITARRISTAS

O Festival revelou-nos, entretanto, um excelente agrupamento de câmara húngaro, o Quarteto Kodály, que interpretou com compreensão os textos e uma técnica irrepreensível obras de Kodály, Mozart, Dvorak, Haydn, Bartok e Ravel, em dois recitais que registaram considerável afluência de público. Tanto mais que é de assinalar o nível qualitativo atingido em qualquer das interpretações quanto foi visível e audível o esforço colectivo para «assimilar» o primeiro violino, que conta muito menos anos de trabalho neste Quarteto, enquanto os restantes três elementos formam equipa há cerca de quinze anos...

Da Hungria veio também a cantora Racel Székely, que não foi particularmente feliz, desde logo no domínio técnico-vocal, nas suas interpretações de repertório da Renascença inglesa e contemporâneo. Importa salientar, a propósito, a colaboração que lhe deu Alexandre Rodrigues, um sólido valor da guitarra clássica que se afirma no nosso meio. Nas funções de acompanhante e nas peças que interpretou a solo teve ensejo de fazer valer o seu talento artístico, sustentado por uma preparação técnica muito cuidada e uma correcta leitura expressiva.

Atributos de artista trazia-os, e de sobra, um outro guitarrista, o catalão José Luís Lopategui, de créditos firmados na discografia da especialidade. Mas o seu recital resultou frouxo, no sentido em que o domínio técnico evidenciado não se traduziu numa realização fluente das obras, que apareceram justapostas por fragmentos, sem unidade interna (especialmente no caso da **Chaconne** de Bach). Os momentos de maior coesão concentrar-se-iam na segunda parte do programa e sobretudo, na música contemporânea.

Com estas notas fica completado o balanço crítico do Festival do Estoril que, a bem dizer, atingiu agora a maioridade. De futuro, importa planificar com mais tempo a programação dos concertos e dos cursos, encontrar um maior equilíbrio entre a representação estrangeira e a portuguesa e promover a melhoria das condições acústicas de alguns dos recintos utilizados (ou substituí-los por outros): parece impossível estar ainda por resolver, em pleno Casino Estoril, o problema do isolamento acústico da maquinaria do ar condicionado!...

Filme soviético ganha Festival de San Sebastian

SAN SEBASTIAN – A película soviética «Maratona de Outono», do realizador Georgi Danelia, venceu o 27.º Festival de Cinema de San Sebastian, conquistando a «Concha de Ouro».

O prémio do júri foi para o filme «Mamã faz 100 Anos», do realizador espanhol Carlos Saura.

O filme «Alien», do realizador norte-americano Ridley Scott, conquistou a «Concha de Prata».

O prémio para a melhor actriz coube à italiana Laura Betti pela sua interpretação no filme de Ianni Amelio «O Jovem Arquimedes» e o do melhor actor foi para Nelson Villagra, pelo seu papel no filme «Prisioneiros Perdidos», uma co-produção sueco-cubana.

Morreu Agostinho Coelho

O antigo bandarilheiro Agostinho Coelho faleceu ontem, com 82 anos, no Hospital de Santa Marta, em Lisboa.

Agostinho Coelho tomou alternativa em Lisboa, no Campo Pequeno, a 17 de Julho de 1918 e retirou-se da profissão em 1954 após 36 anos de actividade.

Em 1952 foi presidente da Associação de classe dos toureiros portugueses, organismo que esteve na base do actual Sindicato Nacional dos Toureiros Portugueses.

De 1960 a 1971 permaneceu ligado à festa brava como director de corridas.

O seu apogeu artístico verificou-se no período entre 1925-1930.

Agostinho Coelho era padrinho de alternativa do bandarilheiro José Agostinho dos Santos, retirado no início desta época.

'TNT' TEATRO DO NOSSO TEMPO
apresenta
Sábados, Domingos e Feriados às 17.30 h
PARA CRIANÇAS E ADULTOS
O contro tradicional japonês
YUZURU, A GRUA DO ENTARDECER
De Junji Kinoshita
2.º mês
Para todos
Não acons. men. 6 anos
Susb. da SEC
PRAÇA JOSÉ FONTANA 12-B telef. 57 38 31
Metro Picoas Lisboa - 1000

CONVOCATORIA

Convocam-se os árbitros e delegados das equipas inscritas no TORNEIO «UNIDADE» para uma reunião a efectuar hoje: **dia 21-9 às 20,30 horas nas instalações do Sindicato dos Trabalhadores na Imprensa no Largo da Trindade, 16 - 1º em Lisboa.**

Nesta reunião efectuar-se-á o sorteio para agrupamento das equipas bem como a distribuição, pelos vários jogos, dos árbitros candidatos ao prémio **«MELHOR ÁRBITRO DO TORNEIO» – uma viagem à BULGÁRIA,** oferta da **ASSOCIAÇÃO DE AMIZADE PORTUGAL / BULGÁRIA.**

AOS LEITORES! – Todos os interessados em candidatar-se ao prémio acima referido deverão contactar a C.O.T. através dos telefones 320271/2/3/4 entre as 16 e 18 h até dia 20/9/79.

A C.O.T. «UNIDADE»

DISTRIBUIDORES REUNIDOS
RAUL SOLNADO E BANDEIRA FREIRE
TRANSFORMAM VIOLÊNCIA EM GARGALHADA! "A CAPITAL"
KUNG-FU A PORTUGUESA
Um filme como nunca viu de certezinha...
HOJE ÀS 21,15 quarteto
TECHNICOLOR — Não acons. a menores de 18 anos

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

Teatro Popular
Companhia Nacional 1
apresenta

PARA INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA

De 3.ª a sábado Espectáculo às 21.15
Domingo espectáculo único às 16 h
2.ª-feira descanso da companhia

OS SEQUESTRADOS DE ALTONA

de Sartre

Versão de Orlando Neves e Jorge Listopad
com: CANTO E CASTRO
CLARA JOANA e ELISA LISBOA
PAIVA RAPOSO e SINDE FILIPE

Encenação de: Jorge Listopad

Por compromissos assumidos com a programação do Teatro de Câmara: 6.ª., Sábado e Domingo, 3 últimos dias:

"CONCEIÇÃO OU UM CRIME PERFEITO"

a peça de Jaime Salazar Sampaio, às 19 horas no «foyer» do S. Luiz.
com ISABEL DE CASTRO e BAPTISTA FERNANDES, numa encenação de Rogério de Carvalho.

SECRETARIADE ESTADO DA CULTURA
DIRECÇÃO-GERAL DOS ESPECTÁCULOS
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

UM GRANDE FILME PARA TODA A FAMILIA
O GRANDE ACONTECIMENTO
«Matilda»
ALGO DE NOVO E SENSACIONAL NO MUNDO DO ESPECTACULO
TODOS VÃO ADORAR MATILDA...

PRODUZIDO POR ALBERT S. RUDY
PRODUTOR DE "O PADRINHO"
REALIZADO POR DANIEL MANN
UM GRANDE ELENCO
ELLIOTT GOULD • ROBERT MITCHUM
CLIVE REVILL, HARRY GUARDINO, ROY CLARK,
LIONEL STANDER, ART METRANO KAREN CARLSON
MUSICA DE JERROLD IMMEL
UM EXCLUSIVO MUNDIAL FILMES
2ª SEMANA
Não acons. menores 13 anos
STAR

TAÇA HÓQUISTA

Infante-Oliveirense na primeira rodada

O Infante de Sagres-Oliveirense é o único jogo entre equipas da 1.ª divisão na eliminatória inicial da Taça de Portugal em hóquei patinado, cujo sorteio foi ontem efectuado na sede da Federação de Patinagem. A 1.ª eliminatória será disputada numa só «mão» por 58 clubes (24 da zona Norte e 34 da zona Sul), no próximo dia 13 de Outubro, mas, devido ao grande número de inscritos da zona Sul, disputar-se-á uma pré-eliminatória, no dia 6.

O resultado do sorteio foi o seguinte, na pré-eliminatória: Torres Novas-Sporting de Torres; União Micaelense (Açores)-Parede. Primeira eliminatória, na zona Sul: Desportivo de Beja-Sporting Clube de Portugal; Oeiras-Turquel; Paço de Arcos-Tigres de Almeirim; Queluz-Alenquer e Benfica; Vencedor do União Micaelense-Parede-Sporting Marinhense; Estremoz-CUF; Benfica-Campo de Ourique; Vilafranquese - 9 de Abril (Mourão); Belenenses-Hóquei de Sintra Ouriense-Académica da Amadora; Cascais-Sporting de Tomar; vencedor Torres Novas-Sporting Torres-Alcochete; Física de Torres-Santa Clara; Sesimbra-União do Entroncamento; Santos FC-União Sportiva; Rossiense-Liga de Algés; Zona Norte: Física do Norte-Famalicense; Infante de Sagres-Oliveirense; Clube Livre Azeméis-Termas; Pesca Alto Douro-FC Porto; Académica de Coimbra-Fânzeres; Águias do Porto-Riba d'Ave; Valongo-Massarelos; Seia-Paço de Rei.

Isentos (Zona Norte): Invicta, Minas da Panasqueira, Académico, Académica de Espinho, Viana, Carvalhos, Sanjoanense e União Paredes.

Sporting: alta competição

A Comissão de Gestão do Sporting Clube de Portugal anunciou os nomes dos responsáveis pelas secções de alta competição do clube: Fiel Farinha (andebol), Gonzaga da Silva (hóquei em patins), Vítor Salgado (basquetebol), e Moniz Pereira (atletismo), foram os quatro dirigentes escolhidos.

Por seu turno João Rocha, coordenador da Comissão afirma que «ainda não está assente o ingresso do antigo «internacional» brasileiro na equipa de futebol do clube».

Rocha desmentiu notícias tornadas públicas, segundo as quais o jogador viria auferir um ordenado mensal de 250 contos, lamentando que «com isso se procure apenas e uma vez mais desestabilizar o futebol do Sporting».

Clodoalfo, que integrou a selecção brasileira tri-campeã mundial em 1970, é aguardado hoje em Alvalade, onde será submetido a testes físicos e técnicos, findos os quais o departamento de futebol do Sporting se decidirá (ou não) pela sua contratação.

Entretanto, encontra-se já em Lisboa outro brasileiro, um ex-jogador do Santos de São Paulo de nome Afonsinho, que está a ser observado pelo corpo técnico do Sporting, a quem cabe decidir sobre o seu possível ingresso no clube.

MUNDIAL DE KARTING NO ESTORIL

Para o inglês Fullerton melhor tempo nos treinos

O inglês Terry Fullerton fez ontem o melhor tempo na primeira sesão de treinos para o Campeonato do Mundo de Karting, que se realiza, no domingo, no tempo de 50 segundos e 22 centésimos, estabelecendo novo recorde do circuito que, desde 1978, pertencia ao italiano Corrado Fabi, com 51,38 s.

Luís Figueiredo e Silva, na trigésim primeira posição, foi o português melhor clasificado com o tempo de 51,36s, não tendo conseguido a qualificação directa para as meias-finais, a realizar na manhã de domingo, por escassos três centésimos de segundo.

Concorreram 79 pilotos de 20 países, sendo notada a ausência do campeão do mundo, cujo título foi conquistado, no ano passado, no Kartódromo de Le Mans e a presença de Vivian Dalu e Max Lauda, respectivamente irmão e primo dos pilotos de «Fórmula 1», Derek Daly e Niki Lauda.

A sessão de ontem, presenciada por escasso público, teve um único despiste, a relegar para a última posição o venezuelano Gerardo Córdova.

Os participantes foram divididos em quatro séries de 16 e uma de 15, tendo dado duas voltas ao circuito.

No caso dos pilotos que realizaram o mesmo tempo, o desempate fez-se através da volta mais rápida para a elaboraç-ão da classificação.

Os concorrentes com os 30 melhores tempos ficaram automaticamente qualificados para as meias-finais.

Os outros 49 disputarão hoje uma eliminatória, apurando para as meias-finais os primeiros 30 e mais quatro repescados.

Dos 64 que, na manhã de domingo, disputarão as meiasfinais, ficarão apurados 34 para a final com que, na tarde do mesmo dia, terminará o campeonato.

Entre os portugueses, há a registar a ausência de Mário Borges, que ficou em quarto lugar no último campeonato nacional, por impedimento do serviço militar, enquanto dos restantes cinco nenhum conseguiu a qualificação directa para as meias-finais.

A francesa Cathy Muller não deixou por mãos alheias os seus créditos de actual campeã da Europa, ficando em décimo lugar com o tempo de 50,75, sendo a representante feminina melhor classificada.

Para a brasileira Lucia Teixeira, a nota triste da jornada, já que se deslocou a Portugal e viu-se impedida de participar no «Mundial» por ter apenas 15 anos de idade, menos um do que é permitido pelos regulamentos.

Johnston: possível "internacional" em cinco países

Craig Johnston, meio-campista do Middlesbrough, clube que milita na 1.ª divisão do futebol inglês, poderá ser internacional em cinco países diferentes.

Johnston (19 anos) pode, devido a ligações familiares ou simples autorizações de residência, representar a Inglaterra, a Escócia, a Irlanda, a Austrália e a África do Sul.

Nascido em Joanesburgo, mas passando a infância na Austrália, Johnston ainda só disputou alguns jogos de seniores, mas os comentadores desportivos afirmam que se está na presença de um «internacional» em potência. Contudo, Johnston ainda não optou pelo país que gostaria de representar.

«Terei de pensar profundamente na questão» – disse. «Depois de escolher, afastarei automaticamente qualquer hipótese de poder jogar por outro país.»

Johnston chegou à Grã-Bretanha há quatro anos, depois de ter obtido autorização do Middlesbrough para treinar

Modalidades em desfile

LOPES E SENA TRIUNFANTES

Carlos Lopes e José Sena ganharam as suas provas de 5000 m e 3000 m obstáculos do «Meeting» Internacional de Janoblec, cidade que fica a uma centena de quilómetros de Praga. Carlos Lopes, isolado desde os 200 metros de prova, ganhou à vontade os 5000 m. com 14.03.2, tempo sofrível, mas que bate o «record» da pista (de cinza). Weippert (RDA) e Piet Vonk (Ho), com 14.28.9, foram 2.º e 3.º, José Sena ganhou os 3000 m obstáculos com 8.51.6, ganhando sobre a meta ao soviético Velicko, com o mesmo tempo.

TIBADUIZA ACIDENTADO

O atleta colombiano Domingo Tibaduiza ficou ferido num desastre de automóvel ocorrido numa avenida do centro de Bogota. Tibaduiza, um dos mais destacados fundistas da América Latina, sofreu contusões em diversas partes do corpo.

O automóvel que o atleta conduzia embateu violentamente num autocarro de passageiros, tendo ficado também ferido sua mulher e outros familiares.

Tibaduiza venceu (em 1977) a corrida de São Silvestre, que se disputa todos os fins de ano no Rio de Janeiro.

CURSO PARA TÉCNICOS

Um curso de treinadores de atletismo do terceiro grau está a decorrer em Lisboa, até ao próximo dia 26. Os trabalhos são orientados pelos técnicos nacionais Carlos Sustelo e Eduardo Cunha e pelos técnicos alemães Urich Jonath e Byorn Wangemann. O programa inclui ainda um seminário aberto a todos os técnicos, orientado pelos especialistas germânicos.

Participam, entre outros, os treinadores Fonseca Antunes (Sporting Figueirense), Fernando Matias (N. A. Lousã), Vítor Oliveira (G. R. Vilaverdense), Armando Sarmento (Olivais F. Clube), Casas de Melo (S. C. Cantanhedense) e Carlos Carvalho (Coimbra).

O curso é organizado pela Federação Portuguesa de Atletismo e Instituto Nacional de Desportos.

TÉNIS: CONTINUAM AS DERROTAS

Uma selecção brasileira de ténis venceu a congénere portuguesa em jogos disputados nos campos do Tenis Clube da Figueira da Foz. A equipa brasileira (constituída por Ney Keller Ivan Kley, Cacio Mota e Alberto Puchen), esta em Portugal desde o passado dia 16 ao abrigo de um protocolo entre as federações de ténis dos dois países. Os jogadores brasileiros actuaram esta semana no Porto e Coimbra e seguem hoje para Lisboa onde efectuarão jogos este fim-de-semana no Estádio Nacional.

Uma selecção portuguesa estivera no Brasil em Março passado ao abrigo do mesmo protocolo, tendo efectuado jogos no Rio de Janeiro, São Paulo e Baía.

Resultados dos jogos de ontem, em singulares: Ney Keller (Brasil) – Luís Filipe (Portugal) 6-3, 2-6 e 7-5, Ivan Kley (Brasil) – Pedro Cordeiro (Port.) 6-0, 6-4. Pares: Ivan Kley e Ney Keller (Brasil) e José Manuel Cordeiro e Pedro Cordeiro (Portugal) 7-5. O jogo foi interrompido ao princípio da noite por falta de luz O jogador brasileiro Cacio Mota não jogou por se encontrar doente com uma amigdalite.

ALVALADE RECRUTA MAIORES DO TÉNIS DE MESA

Sem olhar a encargos, o Sporting acaba de reforçar notavelmente a sua representação de ténis de mesa, contratando o técnico Humberto Gaspar e os praticantes José Barroso e José Martins, que defendiam as cores do Palmeiras.

ANDEBOL DE PORTA FECHADA

Inesperadamente (ou talvez não, em face dos problemas que a assoberbavam) a Associação de Andebol de Lisboa fechou as portas, interrompendo a actividade oficial de cerca de quatro mil praticantes que, na zona da capital, praticavam a segunda modalidade desportiva mais ao gosto da juventude portuguesa.

AMERICANO ENSINA BASQUETEBOL

O técnico norte-americano de basquetebol, Chuck Williams, é o orientador do curso de treinadores da modalidade que se iniciou no pavilhão do Liceu da Figueira da Foz. O curso, promovido pela Associação Nacional de Treinadores de Basquetebol, decorrerá até amanhã orientado também pelo técnico do F. C. Porto (Prof. Jorge Araújo) e destina-se a treinadores de basquetebol de Coimbra e Figueira da Foz.

Chuck Williams regressara aos Estados Unidos no próximo dia 23.

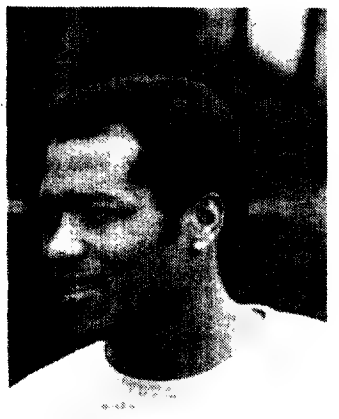
O norte-americano Douglas Glenn representará, na próxima época, a equipa de basquetebol do Olivais de Coimbra. Glenn, que já representou o Sport Conimbricense, chega hoje a Lisboa.

MENINAS EM VIAGEM

A equipa de basquetebol feminino do Olivais Futebol Clube (Coimbra) partiu para Marrocos, onde efectuara quatro jogos com equipas de Rabat, capital daquele país.

PEDALAR PARA TÍTULOS

A Federação de Ciclismo marcou para os próximos dias 29 e 30 os campeonatos nacionais de pista. A competição, para ciclistas de todas as categorias, disputa-se na pista de Sangalhos.



Brito: festa dia 26

Manuel Brito, andebolista do Sporting vai ser homenageado, no próximo dia 26: exemplar andebolista dos «leões» e da selecção nacional, vai ter também a sua festa, no estádio do seu clube de sempre.

Pode parecer estranho que a festa de um andebolista assente num encontro de futebol. Mas há que lembrar que o andebol (e outras modalidades de salão) igualmente participarão numa distinção a Manuel Brito.

Na noite do próximo dia 26, o prato prote será realmente o futebol: de um lado, a primeira equipa dos «leões» e do outro uma selecção ultramarina (dirigida por Juca) e contando com Portírio, os manos Alhinho, Adão, Manecas, Dinis, Óscar, Rufino, Cavungi e outros nomes.

No intervalo desse jogo, teremos atletismo oportunidade de confirmar o sensacional «regresso» de Carlos Lopes, que terá no espanhol Gonzalez um forte competidor.

Caldeira e Malta no Hípico de Lisboa

A Sociedade Hípica Portuguesa vai organizar, entre os próximos dias 26 e 30 o 64.º concurso Internacional de Saltos de Lisboa. A prova, apresentada oficialmente, decorrerá no Hipódromo do Campo Grande (em Lisboa) com a participação de cavaleiros portugueses, franceses, italianos e espanhóis.

Esta competição já não se disputa desde 1974 e terá agora um relançamento inédito, com cinco dias seguidos de provas. O presidente Ramalho Eanes convidado para presidente do certame, enquanto Chefe do Estado-Maior do Exército, general Pedro Cardoso, foi indicado para presidente do concurso.

O programa consta de dez provas (duas por dia), que começarão invariavelmente entre as 14h30 e as 15 horas. O valor total dos prémios rondará os mil contos, a verba mais baixa em qualquer realização semelhante em toda a Europa e o montante despendido na organização do concurso ultrapassou os quatro mil contos, cobertos pelo patrocínio de diversas entidades oficiais e privadas. Os ingressos terão um preço único (200 escudos por dia) e este ano não haverá distinção de lugares, tendo sido abolido o «peão».

Os concorrentes estrangeiros inscritos sao os seguintes: Piero d Inzeo, Michel Della Casa, Alessandro Galeazzi (Itália), Bertrand Mirabeau, Claude Merrien, Jerome Chabrol, Manuel Henry, Laurent Persyn, Adeline Desmarais (França), A. Cervera, Wit, Zambrano, A. Jordá, Porres e senhorita Lindon (Espanha).

Entre os concorrentes portugueses distinguem-se Manuel Malta da Costa e Francisco Caldeira, radicados no estrangeiro, que se deslocam expressamente a Portugal para integrarem a equipa nacional.

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DO SEIXAL

EDITAL

EUFRÁZIO FILIPE GARCÊS JOSÉ
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

FAZ SABER que de harmonia com a deliberação da mesma Câmara, tomada em reunião de 14-9-79 se recebem propostas, em carta fechada, para adjudicação da empreitada de «Abastecimento de água às Urbanizações de Pinhal dos Frades – Rede de distribuição II fase.»

A base de licitação é de 5.700.000$00 e o depósito provisório na importância de 142.500$00, deve ser efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência com guias preenchidas pelos concorrentes, tudo conforme Programa de Concurso e Caderno de Encargos patentes no Gabinete Técnico dos Serviços de Água e Saneamento, onde podem ser consultados em todos os dias úteis, durante as horas do expediente. A abertura de propostas terá lugar na primeira reunião da Câmara que se efectuar, decorridos 20 dias, a contar da publicação do respectivo anúncio no «Diário do Governo», reservando-se a Câmara o direito de abrir a licitação verbal entre os proponentes e ainda o de não adjudicar se assim o julgar conveniente nos interesses do Município, devendo ser selada pelo respectivo proponente a que tiver a adjudicação.

Alvará exigido – V categoria

E para conhecimento geral se publica o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

Paços do Concelho do Seixal, 19 de Setembro de 1979
O Presidente da Câmara
(Eufrázio Filipe Garcês José)

Coimbra evocada

Em Tires vai efectuar-se amanhã pelas 17 horas um encontro entre o Sport Lisboa e Saudade e a equipa do Núcleo de Veteranos de Coimbra antigas vedetas da Académica e do Académico) que se destina a angariar fundos para a construção de uma creche em S. Domingos de Rana. A iniciativa, destinada a obter considerável êxito, pertence ao Seminário de Torres de Aguilla, em S. Domingos de Rana e, depois do jogo seguir-se-à uma reunião-convívio com uma sessão de fados de Coimbra contando-se com a colaboração dos drs. Luís Góis, Alves Martins, Pitarma Sabino e Manuel Soares, nomes grandes do fado conimbricense.

FUTEBOL • FUTEBOL • FUTEBOL

Boavista reage a castigos federativos

Mais um rol de castigos saído da reunião da Comissão de Disciplina federativa espelha bem o clime de antidesportivismo que campeia no futebol português. Eis os nomes mais visados na I Divisão: Rep. por Escrito – Narciso (V. Setúbal) e João Domingues (Varzim); «Advertência»: Rodolfo e Gomes (F. C. Porto), Fernando Gonçalves) Marítimo), Caíca e Mário Ventura (V. Setúbal), Edson (Portimonense), Duarte Martins (Sp. Braga), Fernando Jorge Reis e Carlos Pinto Coelho (Sp. Espinho), Taí, Barbosa e Matos (Boavista), Montóia, José Domingos e Guedes (Varzim). «A Treinadores»: Mário Lino (Boavista), 10 dias de suspensão e multa de 500$00. «A dirigentes»: Domingos Marques (Boavista), advertência e oito meses de suspensão e José do Carmo Ramos (Boavista), advertência e um mês de suspensão.

Na 2.ª Divisão: 6 Jogos – Anselmo de Oliveira (Prado); 3 Jogos – Jacinto João (Fafe); 2 Jogos – Joaquim Sanches (Chaves); 1 Jogo – Casimiro (Leixões); Rep. Escrito – Eugénio Ferreira Brito (Paredes), Fontes (U. Lamas), Constantino Martins (Prado); «Advertências » – Fernando Pinto (Lusitânia), Leandro Lopes (Bragança), Ferreira (Prado), Leite Lopes, Guilherme Moreira, Regadas e Barros (Paços de Ferreira), Rodrigues (Penafiel), Oliveira Baptista e Santos (U. Coimbra), Girão (Covilhã), Vitorino e Moreira (G. D. Portalegrense), Silva Pereira (Oliveirense), Pires (U. Santarém), Rafael Baptista (Oliv. Bairro), João Paulo Filho (S.C. Estrela), João Maria Ribeiro dos Santos (Naval 1.º de Maio), José Paulo Duarte (Olhanense) e Ameixa (Desp. Beja); «A Clubes» – C. D. Feirense, multa de 2200$00,F. C. Penafiel, multa de 400$00, Amora e Cova da Piedade, repreensão por escrito. «A Dirigentes» – António Passos (G. Alcobaça), um mês de suspensão. Para além destes, foram ainda aplicados castigos a 92 jogadores da 3 ª Divisão.

Primeira reacção: a direcção do Boavista considera «pesadíssimas e injustas» as sanções que a Federação de futebol aplicou a dois dirigentes do clube. Num comunicado aprovado em reunião de direcção, esta noite, considera-se que a posição da Federação irá atingir «o clube em todos os seus sectores».

Diz o dpcumento que as sanções aplicadas «demonstram à evidência que a perseguição que está a ser movida ao Boavista continua».

A massa associativa do clube será chamada a pronunciar-se sobre o sucedido e, continua o comunicado, a direcção «accionará imediatamente os meios necessários no sentido de recorrer das sanções».

José Ramos e Domingos Marques, os directores castigados com um e 8 meses de suspensão, respectivamente, são considerados no comunicado homens «trabalhadores, dedicados, competentes e duma irrepreensível honestidade», exercendo os cargos de dirigentes há mais de 20 anos.

«As punições» (lê-se ainda) «aplicadas com base no simples relatório de um árbitro de incompetência comprovada e honestidade não provada, que aparece agora no futebol português, nem sequer dão aos punidos qualquer possibilidade dedefesa, passando por cima dos mais elementares direitos que a Constituição estabelece, pelo que não pode deixar de merecer a maior repulsa e indignação de todo o executivo do Boavista».

SELECÇÃO CONVOCADA

A Federação tornou pública a lista dos jogadores definitivamente convocados para o jogo Espanha- Portugal que, a 26 do corrente, vai ocorrer em Vigo. Eis os nomes:

FC PORTO: Fonseca; Gabriel, Murça, Frasco, Costa e Gomes.

BENFICA: Bento, Humberto Coelho, Alhinho, Alberto, Pietra, Chalana e Nené.

SPORTING: Eurico, Jordão e Manuel Fernandes.

SP.BRAGA: Artur.

REAL BÉTIS: Oliveira.

Simultaneamente, o seleccionador espanhol Ladislao Kubala, designou os 18 jogadores que formarão a equipa nacional de Espanha: Arias (Valência), Urruticoechea (Español de Barcelona), Quini e Uria (Gijon), Asensi e Migueli (Barcelona) Leal, Marcelino e Dani (Atlético de Bilbau), Arconada, Zamora e Lopes Ufarte (Real Sociedad), San José, Camacho e Del Bosque (Real Madrid).

Todos estes jogadores reunir-se-ão em Madrid, de onde partirão, no dia 24 com destino a Vigo.

Entretanto, inconformado com o facto de serem utilizados jogadores portistas para este encontro, num período de grande actividade oficial (Campeonato e «Taça dos campeões») o F. C. Porto reserva-se para tomar uma atitude após reunião directiva que vai decorrer esta noite.

ÓSCAR NATURALIZA- SE

O médio cabo-verdiano Óscar (do Boavista) está a proceder ao processo de naturalização como português, para facilitar ao patrão a utilização de outro estrangeiro (Adão) no «team» dirigido por Mário Lino.

ARGENTINO EM VILA DO CONDE

O Rio Ave (Vila do Conde), acaba de reforçar a equipa com mais dois jogadores: Miguel Angel (é argentino) assinou um compromisso válido por duas temporadas; Ventura (ex-Torriense), ficará, para já durante uma época.

TAÇA DAS TAÇAS

O Cliftonville, da Irlanda do Norte, perdeu, por 0-1, com o Nantes (França), no jogo da primeira «mão» da 1.ª eliminatória da «Taça das Taças», que se disputou ontem em Belfast.

Muça: um homem para Vigo

HONRA LISBOETA

O Atlético e o Torreense são os finalistas da «Taça de Honra» da Associação de Futebol de Lisboa, para equipas da 2.ª divisão nacional, depois de venceram os jogos das meias-finais, disputados ontem à noite no campo «Branca Lucas», nos Olivais. No primeiro jogo da noite, o Torreense derrotou o Sacavenense no desempate por grandes penalidades (4-3), depois da igualdade a dois golos, que se registava ao fim dos 90 minutos. O Atlético conseguiu o apuramento ao vencer o Oriental, por 3-1.

TORNEIO ELVENSE

O «Elvas» venceu o «Sétimo Torneio Quadrangular da Cidade de Elvas»: Na final, disputada ontem, à noite, «O Elvas» derrotou o Lusitano de Évora, por 2-1.

PARTICULAR EM ÉVORA

O Juventude de Évora venceu o Vitória de Setúbal (por 2-0), em encontro de futebol de carácter particular disputado no estádio «Sanches de Miranda», em Évora.

Edvaldo e Pedro Paulo (de grande penalidade) marcaram os golos da equipa eborense.

Sob a arbitragem de Silvino Campino, da Associação de Futebol de Evora, as equipas alinharam:

JUVENTUDE: Gomes; Simplício, Ricardo, Santos e Modas (Artur), Ferro, Galhofas (F. Sousa e Pedro Paulo (Guerrinha); Edvaldo (Lelo), Arnaldo José e Pinto.

VITÓRIA DE SETÚBAL: Amaral (Avelino), José Lino, Sobrinho (Francisco Silva), Martin e José Carlos I; Cabumba I, Fernando Cruz e Edmilson (Formiga); Jeremias (Vítor Madeira), Quim e Dario (Cabumba II).

Afonsinho: mais um brasileiro que quer jogar pelo Sporting. Fora dos pontapés na bola exerce Medicina

FESTA ALGARVIA

O Portimonense vai homenagear os jogadores que integraram a equipa vencedora do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão na última temporada. O programa tem o seu ponto alto num encontro de futebol, marcado para o dia 14 de Outubro, à tarde, data em que não se realizam jogos da I Divisão, em virtude dos jogos Bélgica-Portugal, em «Esperanças» e «AA», a realizar dias depois. Para esse encontro está prevista a participação do Estoril.

CAMPEONATOS BRASILEIROS

O Fluminense e o Botafogo empataram sem golos em encontro a contar para o segundo turno do campeonato de futebol do Rio de Janeiro. No outro embate. o Vasco da Gama venceu o Americano por 2-1.

Este fim-de-semana disputam-se dois 'clássicos' do futebol brasileiro, que deverão determinar o campeão do segundo turno: Flamengo- Fluminense e Vasco da Gama- Botafogo.

TOTOBOLA SEM «TREZES»

Não foi apurado qualquer «treze» no escrutínio do concurso extraordinario do Totobola, referente aos jogos de quarta-feira das competições europeias. Com doze resultados certos foram apuradas 35 apostas, cabendo a cada uma o prémio de 54.007 escudos. Foram escrutinados 551 apostas com 11 resultados, a cada uma das quais cabe a importância de 3430 escudos e 50 centavos.

TROCAS E BALDROCAS

O Derby County, anunciou a contratação de dois futebolistas para a sua equipa, que disputa o campeonato inglês da 1.ª Divisão. Pagou 110.000 libras (cerca de 12.000 contos) pelo médio Steve Emery, do Hereford United, e 40.000 (cerca de 4.500 contos) pelo seu antigo avançado Roger Davies, que este ano alinhou pelo «Tulsa Roughnecks», da Liga Norte-Americana.

Entretanto, o Derby chegou a acordo com o Queens Park Rangers, a quem «vendeu» o seu defesa-central Steve Wicks, por 300.000 libras (cerca de 33.000 contos).

NACIONAL, DIA 5

"Leões" no Bessa

O Boavista, sem nenhuma vitória e apenas um golo marcado, recebe amanhã, às 17 horas, no Estádio do Bessa, a visita do Sporting, no jogo mais importante da 5.ª jornada do campeonato de futebol da 1.ª divisão

Os «axadrezados», que averbaram um único ponto, logo na primeira jornada, frente ao Guimarães, no seu estádio (0-0), encaram o jogo de amanhã com um forte tónico: deixarem o penúltimo lugar na tabela classificativa no campeonato, que ocupam actualmente, embora com um desafio de atraso.

Derrotado no pelado de La Valetta perante o Sliema (2-1) em encontro da Taça dos Vencedores das Taças, o conjunto orientado por Mário Lino é anfitrião de um Sporting a um ponto dos guias, e moralizado pelas suas últimas quatro vitórias (com o Marítimo, Estoril, Varzim e Bohemians), em que conseguiu o «score» de 10-0.

Caso o resultado seja desfavorável à equipa da casa, e com uma 6.ª parte do campeonato já cumprido, começam a esfumar-se as esperanças de um lugar com acesso às competições europeias, para os «axadrezados».

O Estoril (antepenúltimo) igualmente com um ponto amealhado e um golo marcado, tem um encontro difícil a cumprir no Estádio 1.º de Maio, em Braga, frente à turma local, apenas derrotada no seu reduto pelos campeões nacionais.

Outra deslocação nada fácil é a do Belenenses (ainda sem derrotas) ao campo da Avenida, em Espinho. Para os «Tigres», os «azúis» constituem no domingo um antagonista de respeito, mas os dois pontos em disputa parecem ao alcance de quem é visitado.

No único encontro a realizar em Lisboa, o Benfica, ainda a recompor-se dos três golos sofridos em terras helénicas, vai subir ao palco da Luz para defrontar o Vitória de Guimarães, equipa bem conhecida do técnico «encarnado», Mário Wilson Pretendendo continuar a compartilhar o comando do escalão maior com o FC Porto (que, numa aprentemente fácil deslocação a Vila do Conde deverá ultrapassar o obstáculo local) o Benfica deverá reconciliar-se com os seus associados, mercê de actuação e resultados positivos.

Duas das novas equipas primodivisionárias, o Portimonense e o União de Leiria, travarão um equilibrado despique no Algarve, apesar de nestas situações imperar a circunstância do «factor casa».

O Varzim, com um jogo em atraso, uma vitória, um empate e uma derrota, efectua a viagem mais longa, deslocando-se até ao Estádio dos Barreiros, no Funchal (Madeira).

Com duas derrotas nos dois últimos jogos, sete golos sofridos e nenhum marcado, o Marítimo quererá sair de cabeça erguida no confronto ante os varzinistas e daí que a problemática da discussão pontual aponte para o favoritismo do «onze» madeirense

Finalmente, o Beira-Mar (último classificaddo) na ânsia de pontuar, cabe nesta 5.ª jornada a ingrata tarefa de demandar Setúbal. Para a turma sadina, o êxito está na «agenda» mas, em contrapartida, para os aveirenses esta visita não é encarada como um «passeio», resultando daí que a surpresa da jornada poderá ocorrer no Estádio do Bonfim

MUDANÇAS NO CALENDÁRIO

A Federação Portuguesa de Futebol autorizou as seguintes alterações, relacionadas com o Nacional de juniores, Série B. Vilanovense-Espinho, no dia 13 de Outubro, às 16 Belmonte-Guarda, no dia 14 do mesmo mês, às 11.

Disco para futebolista: "Nelinho, querido irmão"

Nelinho, o futebolista «internacional» que, presentemente, integra os quadros profissionais do Sporting de Braga, vai ser homenageado de modo quase inédito, cá por estas bandas: Lena, intérprete de fado e mana do jogador, canta em disco as proezas do melhor extremo à linha do futebol português, num acetato de 45 rotações denominado «Nelinho, Querido Irmão». Os versos e a música da celebração têm assinatura comum: José Crispim. A guitarra de António Chaínho e a viola de José Maria Nóbrega enquadram, de modo diferente do habitual, as proezas de Nelinho, mais habituado a ovações de luxo que a escutar o nome em sextilhas de poético sabor fraternal

Torneio do Cruzeirense prossegue no domingo

O Torneio de Futebol comemorativo do 46.º aniversário do Cruzeirense Altético Clube prossegue no próximo domingo, num dos campos do Estádio Pina Manique, com os jogos «Diário de Lisboa» – «Diário Popular», Cruzeirense-B – Bairro Novo, Demónios – «A Bola» e Cruzeirense A – Bayer do Cacém.

Na jornada anterior registaram-se vitórias dos Demónios sobre a Bola (2-0), do Cruzeirense A sobre a Bayer (2-1), do Popular sobre o Bairro Novo (2-1) e do Cruzeirense B sobre o «DL» (6-0).

A primeira série é comandada pelos Demónios com 8 pontos e a 2.ª pelo Cruzeirense B, com sete pontos.

Um fenómeno chamado "crónica feminina"

Continuação da pág. 3

contrário, a arte popular assenta exactamente no factor de fascínio que tem a vida humana, a vida humana é **em si mesma** fascinante, tal como ela é, como uma foto. Não obstante, pode derivar para o campo do fantástico, mas essa derivação, como tudo o mais, obedece a um certo número de regras de moral muito simples.

Estas genéricas características que apontamos com alguma ligeireza, parecem-nos a lei fundamental que determina a popularidade de «Crónica Feminina», a qual, como é correntemente sabido, explora com exaustão o pormenor insignificante da vida doméstica. Exploração da vida doméstica que não exclui de modo algum as fotonovelas passadas num meio pequeno-burguês, nem a vida dita privada de nomes sonantes da rádio, da televisão, do cinema, etc.; exploração que nos vai dando com minúcia os mais ínfimos pormenores da vida quotidiana dos «astros» e «estrelas» de todas as grandezas. A notícia de sensação é combinada, de modo muito eficaz, com a «bisbilhotice», mistura essa que lhe dá um elemento novo que, para facilitar a nossa exposição, podemos designar por elemento «ah!».

O factor fundamental do conjunto de números consultados por nós da referida publicação, é a descrição pormenorizada e fotográfica da vida quotidiana, que convém não confundir com a ideia de que se debitam textos maçudos e excessivos.

Habituados a considerar este tipo de literatura como **literatura de cordel,** nós outros, responsáveis por uma Imprensa que se quer motor de instrução cívica, esquecemos que a maior parte desta **literatura de cordel,** particularmente a «Crónica Feminina», parte do princípio de que a realidade é intrinsecamente interessante. As suas histórias não constituem uma fuga à realidade quotidiana, embora aparentemente atribuam especial ênfase ao factor humano e, por conseguinte, à parte sentimental das coisas. Contudo, essa sentimentalidade tem um **estilo caseiro,** se bem que possa ser ou não dramatizada por adjunção do factor **paixão,** por exemplo. Muitos de nós, com uma certa razão, praguejamos contra a telenovela brasileira, mas esquecemos que a sua popularidade foi devida apenas à intimidade **caseira,** às **questões do lar,** de que estava impregnada.

Por isso, ao folhear a «C.F.» deparamos com um singular concurso cujo título é «A minha vida dava um filme». Este concurso, autêntico repositório de dor e calamidade humana, é dingo de algumas linhas de atenção. Nele a concorrente pode ganhar mil escudos, mas a quantia deve ser o menos interessante nesta secção da revista. Outrossim é importante o facto de a carta (porque se trata de uma carta) onde a leitora resume a sua vida, vir a ser publicada. Num desses números encontrámos a história banal da rapariga que foi «enganada» por um rapaz, abandonada em estado de gravidez. Depois a fatal ocorrência: é despedida da casa onde trabalha (uma pensão), e um dia o seu filho pergunta-lhe onde está o pai «que nunca o viu»!

Como havemos de ver, esta história está longe de conduzir a uma fuga da realidade quotidiana. Pelo contrário, a carta, certamente retocada pela redac-

ção da revista, apresenta-se em estilo de ficção de baixo nível, mas sem descuidar o factor moral e realçar o «desgosto» da falta da vida do «lar». O número de regras simples de moral é, portanto, respeitado, como já referimos.

No seu conjunto, a «Crónica Feminina» não parece ter a pretensão de querer ser «artística», nem sequer se preocupa com a selecção, variedade e (ou) rotina dos assuntos tratados; limita-se apenas a fazer de elo de ligação «apresentando pessoas às pessoas». É assim, que no n.º 823, de 31 de Agosto de 1972, a rubrica «Uma mulher... a sua história» nos apresenta a senhora Maria Toscano da Fonseca, vendedeira de rua, com problemas dignos de alguns dos nossos melhores romances do neo-realismo, porém, contados na linguagem simplista e directa de que já falámos, em pequeníssimas quatro colunas, incluindo duas fotos. Mas, a selecção não conhece a sociedade de classes, ou pelo menos finge não a conhecer. No mesmo número a secção «Tudo é assunto», apresenta-nos a artista Shirley Temple, decidida a abandonar o mundo do cinema e preocupada com a política, enquanto que conferencista a favor da Paz. Pormenor – na foto junta, S. Temple desembarca no aeroporto de Londres com sua filha. Familiarmente, como uma boa mãe!

Nesta medida, podemos dizer que a «Crónica Feminina» e as suas rotineiras secções onde «pessoas são apresentadas às pessoas», é apreciada enquanto tal. As personagens reais destes fragmentos de «apresentações» podem ser diversas, oriundas de distintas e contraditórias classes sociais, no entanto, a revista serve-se como material de redacção dos factos quotidianos e familiares que as possam ligar entre si, com base na vida das camadas populares do País e, caso o material redigido se encontre sob um estilo **caseiro**, terra a terra, torna-se susceptível de interessar o público e portanto popularizar a revista. Eis alguns factores da expansão «milagrosa» de cada edição. Factores, é evidente, em que não é despropositado insistirmos, se queremos compreender o que nos afasta do grande público e o que aproxima deste último as publicações que nós, tão levianamente, menosprezamos, porque as consideramos (não sem inteira razão) indignas das nossas preocupações intelectuais, ou porque não sabemos transformar uma coisa má numa coisa boa, com os ingredientes que as publicações de cordel amiúde utilizam.

É opinião generalizada em certos meios (sobretudo meios **de esquerda,** ligados «às artes e às letras») que determinadas revistas e publicações se caracterizam pelo sensacionalismo e sentimentalismo. Por exemplo, aquelas que são lidas pelas mulheres das classes trabalhadoras, como é o caso flagrante da «Crónica Feminina».

Tal opinião não corresponde inteiramente à verdade. Essas revistas, que poderemos caracterizar de genuinamente populistas, em certo sentido, são preferíveis a outras de «novo estilo», se bem que estas sejam mais sofisticadas e declaradamente políticas. Em muitos aspectos, publicações do tipo de «CF» são primárias, no entanto, conseguem ter outras qualidades que as revistas **de esquerda** em geral, e as revistas **de esquerda para mulheres** em particular, não sabem ter. Por exemplo, um conhecimento bastante exacto da qualidade da vida do grupo social a que se dirigem. «Crónica Feminina», se bem que tenha surgido há quinze ou mais anos atrás, continua a tradição das formas de vida apreendidas nessa altura. Dir-se-ia que sabe conscientemente quanto é lenta a transformação dos hábitos **familiares, caseiros,** quotidianos, da qualidade de vida da classe trabalhadora, em particular da mulher portuguesa, pese a tudo as transformações efectuadas na superstrutura.

Quantas publicações não sensacionalistas nem sentimentalistas, se poderão gabar de possuírem um conhecimento bastante exacto do grupo social a que se dizem dirigir, da qualidade de vida desse mesmo grupo?

J.P.S.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS (Por UNIDADE)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	45$65	50$65
ALEMANHA OCID. (marco)	27$35	28$45
ÁUSTRIA (xelim)	3$75	3$95
BÉLGICA (franco)	1$63	1$73
BRASIL (cruzeiro)	1$10	1$70
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	41$30	43$30
(notas de 5 a 1000)	41$80	43$80
DINAMARCA (coroa)	9$50	9$09
ESPANHA (peseta)	$702	$802
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	48$25	50$25
(notas de 5 a 1000)	48$75	50$75
FINLÂNDIA (marco)	12$70	13$30
FRANÇA (franco)	11$65	12$25
HOLANDA (florim)	24$58	25$58
INGLATERRA (libra)	105$15	109$15
ITÁLIA (lira)	$055	$065
JAPÃO (iene)	$199	$229
NORUEGA (coroa)	9$80	10$30
SUECIA (coroa)	11$60	12$20
SUIÇA (franco)	30$50	31$60
VENEZUELA (bolivar)	10$00	11$00

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 2 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado o veto era fraco moderado de Noroeste e havia neblinas em vários locais.

TEMPERATURAS DO AR

V.DO CASTELO	17°
BRAGANÇA	12°
VILA REAL	14°
PORTO	
P.DOURADAS	7°
COIMBRA	°
C.CARVOEIRO	
PORTALEGRE	°
LISBOA	17°
ÉVORA	14°
SINES	17°
BEJA	
SAGRES	18°
FARO	
PONTA DELGADA	
FUNCHAL	22°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
3.01 3,9 m	8.30 1,0 m
15.16 4,0 m	20.50 1,0 m
Dia 22	
3.33 3,9 m	9.01 1,0 m
15.48 4,0 m	21.20 1,0 m
Dia 23	
4.05 3,9 m	9.32 1,0 m
16.19 4,0 m	21.51 1,0 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu grandemente pouco nublado; vento em geral fraco soprando no entanto moderado de Noroeste durante a tarde no Litoral Oeste; neblinas locais em especial no Litoral a Norte do Cabo Carvoeiro.

AMANHÃ
NASCER ÀS 7.24
OCASO ÀS 19.35

DIA 21 DIA 29 DIA 5 DIA 12

rádio

1.º Programa

17.00: «Trajectória» (Programa da juventude); **19.00:** Música portuguesa; **19.30:** Sinal horário «Jornal da Noite»; **20.00:** Música popular; **20.30:** Temas de desporto; **21.00:** 19.º episódio do folhetim «Mathias Sandorf», de Júlio Verne; **21.20:** Música variada; **22.00:** Conjuntos; **22.30:** «Forma e Conteúdo» (Trissemanário das artes e das letras); «Programa da Noite»; **24.00:** «Último jornal»

2.º Programa

17.45: Música de cravo, de Purcell, por George Malcolm; **18.00:** Noticiário cultural; **18.10:** Música portuguesa; **19.00:** Música de Câmara: – Quarteto em mi bemol maior, K. 493, de Mozart; **19.30:** Cancioneiro popular; **20.00:** Música sinfónica – Sinfonia «Manfredo», op. 58, de Tchaikovsky, **21.30:** Canções de Schubert, pelo barítono Dietrich Fischer-Dieskau; **22.45:** Curiosidades musicais: – Concerto em sol maior, de Gluck; **23.00:** «Intercâmbio musical» – parte de um concerto realizado no Salão de Festas do Palácio de Wartburgo – Sonata em lá menor, «Arpeggione», para violoncelo e piano, de Schubert. – Divertimento para violoncelo e piano, de Matti Rautio; **23.30:** Ópera – La Cambiale di Matrimónio, de Rossini – «A Dança das Horas», da «Gioconda», de Ponchielli, **01.00:** Fecho

Rádio Comercial (290 m)

17.03: Contacto; **17.40:** «Contacto com o Mundo»; **18.10:** «Tutti Frutti» – Histórias sérias da música ligeira; **18.15:** «Carros Roubados/SOS»; **18.45:** «Espaço Citroen»; **19.45:** «Teatro Trágico» (com Parodiantes de Lisboa); **20.00:** Quando o telefone toca; **20.33:** Cartaz; **21.00:** Música para meditar; **21.30:** Quando o telefone toca; **22.33:** O tema é ; **23.00:** Projecção.

Emissão Estereofónica (97,4 MHz)

15.03: Rock em Stock; **18.03:** Hora de ponta; **19.00:** Em Órbita; **21.03:** Fórum.

Rádio Renascença

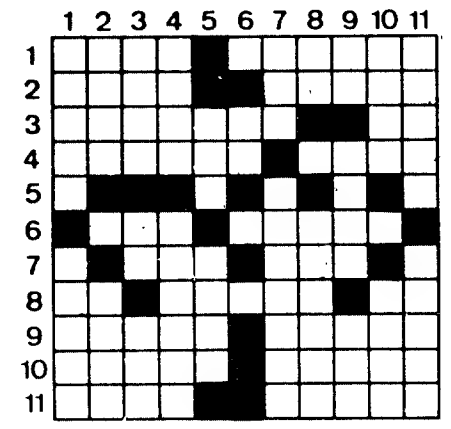
18.08: Apelos; **18.15:** Igreja em notícia – Palavra do dia; **18.30:** Transmissão do Terço do Externato do Parque; **19.00:** Programa da Liga dos Amigos de R R ; **20.00:** Objectivo; **20.54:** Apelos; **21.05:** Programa da Liga dos Amigos de R.R.; **22.00:** Quando o telefone toca; **22.30:** Temas Vivos; **23.30:** Actualidade Económica, **23.55:** Fecho

centro S.O.S.
voz amiga
544545

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 12 441



HORIZONTAIS:

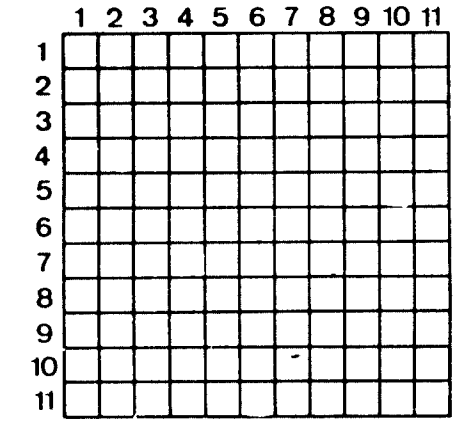
1 Apre! Prenderia com elos.
2 Progenitores, Prendia.
3 Tomais nota de. Clima.
4 Nivelara. Romance de Emílio Zola.
6 Preposição. Governos (fig).
7 Pedras de moinho. Lista.
8 Prefixo de negação. Derramamento contínuo e involuntário, em regra de lágrimas. Em o.
9 Espécie de papagaio. Tribo indígena brasileira.
10 Possuir. Missionário budista indiano, que, em 526 foi pregar a sua doutrina na China.
11 Califa que mandou incendiar a biblioteca da Alexandria. Permanecer

VERTICAIS:

1 Aguça. Embriaguez.
2 Ladrão do mar. Triturem.
3 Cursos de água naturais e abundantes. Preposição. Czar da Rússia cognominado «O Terrível».
4 Tempo do verbo estar. Falecer.
5 Donzela de Orleães. Fechar as asas para descer mais depressa.
6 Seguia. Artigo definido.
7 Pêlos de certos animais. Realidade.
8 Átomo. Trituraras.
9 Batráqui. Nome de homem Artigo
10 Grão-Duque de todas as Rússias que escolheu Moscovo para sua capital Gangrena da boca que aparece nas crianças após doença infecciosa.
11 Cidade da Suíça. Tosquiar.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 8501



HORIZONTAIS:

1 Apelido Doméstica.
2 Rio da Rússia. Transpiraras.
3 Raer. Armadilha para pássaros.
4 Nome de carta de jogar Guarnecer de asas.
5 Apelido. Estima.
6 Dois mil e um em romano. Pêlos de certos animais.
7 Arara. Dança popular portuguesa
8 Reis Autores. Botequim.
9 Autores. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Águeda. Leito.
10 Álcool de melaço. Pés de animais.
11 Cidade da Argélia. Tirara a pele

VERTICAIS:

1 Mouca. Afio.
2 Superfície plana delimitada. Abreviatura de mister (senhor em inglês). Artéria (inv.). 3 Vila e concelho do distrito de Viseu. Ruim.
4 O mais. Romeiro de Meca. Solitário.
5 Idem.
6 Artigo definido. Espécie de bandejas.
7 Despida. Derrota (pop). Nome de letra.
8 Nome de mulher. Senhor. Óxido de cálcio.
9 Freguesia do concelho de Guimarães. Arruine.
10 Espécie de choupo. Gostar muito de.
11 Cura. Carvão incandescente.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 440

HORIZONTAIS:
1 Piada. Maças.
2 Artur Anote.
3 Arma. Amo.
4 DURO. Ms Ela
5 Ama. Moa.
6 Sa Cairo. DE.
7 Carrada.
8 Omo. Cosi. Or.
9 Aaz. Orça.
10 Irem. Dosear
11 Lesaria.

VERTICAIS:
1 Pardas. Oaio.
2 Ir Uma. Mar
3 Atara. COZER
4 DURO Ca
5 Arm. Março.
6 Amoiro. DE.
7 Má. Saras. Os.
8 Ana. Odiosa.
9 COMER. Rer
10 Atol. Ocai
11 Se. Aterrara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8500

HORIZONTAIS:
1 Rudo. Atraca.
2 Anil. Ária.
3 Irassem Or
4 Era Passo.
5 Lados Isola.
6 Ad. Lo.
7 Usar.
8 Br. Sua. Fado
9 Anos. Roídas.
10 Bara. Mora.
11 Asasses. Sás.

VERTICAIS:
1 Ra. Elo Baba.
2 Unira. Urnas.
3 Airadas. Ora.
4 Olá. Assas.
5 Sás. Ru.
6 Aas. Arde.
7 Trepida.
8 Rimas. Fim.
9 Aa. Soldados.
10 Oslo. Dará
11 Atroa. Rosas.

Provérbio: DURO DE COZER DURO DE COMER.

farmácias

Lisboa

PERMANENTE
(Hoje)

ALVALADE – AV. BRASIL – Marbel – Av. de Roma, 131-A – Tel. 776235; **ARCO CEGO – Palma** – Av. Duque de Ávila, 25-31 – Tel. 547088; **ESTRELA – INFANTE SANTO – Alb** – Rua Santana à Lapa, 156 – Tel. 663562; **INTENDENTE – CINEMA ROXY – Magalhães** – Av. Almirante Reis, 4 D-F – Tel. 549479; **POÇO NEGROS – Modelar** – Lg. Dr. Ant. Sousa Macedo, 7 – Tel. 608896; **REGO – G. Silva** – Rua Fr. Tomaz Costa, 3 A-C – Tel. 771873; **RIO SECO – Biotifar** – Rua D. João de Castro, 27 B – Tel. 638824; **ROMA – TEATRO M. MATOS – São João de Deus** – Rua Pedro Ivo, 1 A-B – Tel. 885140; **SÃO VICENTE – Rosa & Viegas** – Rua São Vicente, 31 – Tel. 864351; **ALGÉS – Combatentes** – Av. Comb. Grande Guerra, 166 – Tel. 2104953; **BRANDOA – Tavares de Matos** – Rua 8 Lote 308 – Tel. 993220; **ODIVELAS – Central de Odivelas** – Alm. Infante D. Henrique, 1 – Tel. 911203.

REFORÇO

ALCÂNTARA – CALVÁRIO – Nogueira – Rua de Alcântara, 5, A-B – Tel. 637563; **ALTO SÃO JOÃO – Oriente** – Rua Lopes, 120 – Tel. 843381; **AREEIRO – Central do Areeiro** – Av. de Paris, 2-2, A – Tel. 880820; **BAIXA – Unifa** – Rua da Vitória, 21-23 – Tel. 323793; **CAMPO DE OURIQUE – Porfírio** – Rua Francisco Metrass, 59-B – Tel. 663349; **CAMPO PEQUENO – APOLO 70 – Campo Pequeno** – Av Júlio Dinis, Lj 18-19 – Tel. 771661; **CHILE – Bastos** – Rua Morais Soares, 91-D – Tel. 844350; **CONDE DE REDONDO – Salus** – Rua Luciano Cordeiro, 73 – Tel. 42239; **ENCARNAÇÃO – Ascenso** – Pç. do Norte, 11-A – Tel. 311216; **LUMIAR – São Tomé** – Est. do Desvio, Lote 12 A – Tel. 790704; **PICHELEIRA – Marluz** – Cç da Picheleira, 140 B-C – Tel. 880703; **SÃO DOMINGOS DE BENFICA – Sousa** – Est. de Benfica, 429-431 – Tel. 780027; **SÃO SEBASTIÃO – São Sebastião** – Lg. São Sebastião da Pedreira, 1-3 – Tel. 548642; **BURACA – Vaz Martins** – Rua António Ferro, 6-A – Tel. 970660; **OLIVAL BASTO – Nova** – Rua Açores, 11-A – Tel. 910305; **PONTINHA – Cruz Correia** – Est. de Santo Elói, 41-A – Tel. 992453; **PRIOR VELHO – Matos** – Trv. Prioras (Viv. Morgadinho) – Tel. 2519939.

Outra Banda

ALMADA – Nuno Álvares – Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Telef. 2750504); **COVA DA PIEDADE – Atlântico** – Av. Rainha D. Leonor, 45-A (Tel. 2764466); **LARANJEIRO – Feijó** – R. Borges Rego, 7 (Tel. 2490911); **COSTA DA CAPARICA – Higiénica** – Av. da República, 23 (Tel. 2400020); **SESIMBRA – Leão** – Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471); **BARREIRO – Normal** – Av. Alfredo da Silva, 116 (Tel. 2073035); **AMORA – Amorense** – Av. Marg. Silva Gomes, 80 (Tel. 2210042); **SEIXAL – Soromenho** – R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560); **MONTIJO – Moderna** – R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 2310156); **MOITA – União Moitense** – Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025); **ALHOS VEDROS – Gusmão** – R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020); **ALCOCHETE – Nunes** – L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)

Linha de Cascais

ALCABIDECHE – Carvalho – Até às 21 horas; **PORTO SALVO – Ferreira Bastos** – Até às 21 horas; **CARCAVELOS – Central** – Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CARCAVELOS – Central** – Até às 24 e das 0 às 9 horas; **CARCAVELOS – Vilar** – Até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA – Godinho da Silveira** – Av. Sabóia, 29-B (Telef. 260085). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS – Godinho** – Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **OEIRAS – Mourão Vaz, Lda.** – Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS – Leal** – Até às 24 e das 0 às 9 horas; **PAREDE – Brandão** – Av. da República, 77-C (Tel. 2471054). Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro-Mendes** – Até às 21 horas; **AMOREIRA – Amoreira** – Telefs. 262313/267314). Até às 22 horas; **CASCAIS – Nova** – Est. de Alvide – Fontinhas (Telef. 281044). Até às 21 horas; **Marginal** – Av. Marginal (Telef. 280078). Até às 24 e das 0 às 9 horas

Linha de Sintra

AMADORA – Confiança – Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149). Permanente; **Jardim** – Av. Conde Oeiras, 120 (Tel. 938149). Até às 22 horas; **DAMAIA – Confiança** – R. D. Maria II, lote D (T. 9710231); **QUELUZ: Queluz**, Av. M Bomb, 123 (T.951841); **CAMARATE – Nova** – R. Cid. Lisboa, 94 (Tel. 2518726); **CACÉM – Araújo e Sá** – Est. de Paço de Arcos, Lote 1-B (Tel 2940781), **ALGUEIRÃO – Rodrigues Rato** – (Tel. 2912038). Até às 24 horas; **AGUALVA – CACÉM – Mira Sintra** – P. N – Torre, 310 Até às 20.30 horas; **MERCÊS – Claro Russo** – Até às 21 horas; **RIO DE MOURO – Riomouro** – Av. Óscar Mont.º Torres, 8 (Tel. 2960194). Permanente; **SINTRA – Gomes da Silva** (Portela). Permanente; **COLARES – Abreja** – (Tel. 299088)

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVES DA SILVA, Av. da Boavista, 1016 (T. 60342); **AZEVEDO**, R. de Azevedo, 136 (T. 52344); **GOMES FERREIRA**, R. Faria Guimarães, 449 (T. 4819077); **ANTAS**, Av. Fernão de Magalhães, 1076 (T. 481158); **ANTIGA PORTA DO OLIVAL**, Campo Mártires da Pátria, 122 (T. 24262); **FALCÃO**, R. de Santo Ildefonso, 61 (T. 21566); **LOUSADA**, L. do Campo Lindo, 62 (T 480353)

DE DIA E TODA A NOITE

FERREIRA, P. D. Afonso V, 55-B (T. 681975); **ORDEM DA TRINDADE**, R. Heróis e Mártires de Angola (T. 27429); **CONFIANÇA**, R. de Santa Catarina, 960 (T. 22884); **NAU VITÓRIA**, R. Nau Vitória, 723 (T. 490427).

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

BAPTISTA, P. da República, 9-10 (T. 23747), **RAINHA SANTA**, R Figueira da Foz, 11-B (T. 24737).

roteiro de cinemas e teatros

abCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
SALA A
Às 14.30, 16.30, 18.30 e 21.30
INTERIORS (INTIMIDADES)
Às 23.45
BANANAS
SALA B
Às 14.45, 17, 19, 21 30 e 23.45
MOONRATER – 007 AVENTURA NO ESPAÇO

ALVALADE 897480
Av. de Roma
Às 15.15, 18.15 e 21.30
UMA SOMBRA NO AMOR
Com Sharmila Tagore, Rajesh Khanna e Raakhee
Não acons. men. 13 anos
2.ª Semana

APOLO 763319
Av. Julio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h
23.ª Semana
O CÉU PODE ESPERAR
Nao acons men. 13 anos
Hoje e todos os dias às 23.30
As 23.30 – N. ac. men. 18 a.
A GRANDE BATALHA
de Sam Pelkelpah

AVIS 547163
Av Duque D'Avila, 45
Às 15 30, 18.30 e 21.30
– N ac. men. 13 a.
A volta de um grande êxito popular!
O FILHO DE SPARTACUS
Uma aventura arrebatadora com Steve Reeves
2.ª Semana

BERNA 776098
Av Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int men. 13 a.
BARRACAS NA PRAIA
c/ Josiane Balasko, Michel Blanc e Marie-Anne Chatel
Um filme de Patrice Leconte
8.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
GREASE
(Brilhantina)
c/John Travolta e Olivia Newton-John
um filme de Randal Kleiser – colorido
34.ª Semana

CASTIL 580194
Rua Castilho
Estreia às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a
ALMAS PERDIDAS
c/ Catherine Deneuve e Vittorio Gasman
Um filme de Dino Risi
Amanhã às 24 – Int. men. 18 a.
DIA DE CÃO

CINE 222 Tel 579460
Av Praia da Vitoria 37 (Ao Saldanha)
Às 11 – Para Todos
3 AVELÃS PARA CINDERELA
Às 23.45 – N. ac. men 18 a.
O CABO DA MEIA-NOITE

CINEBOLSO 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
O desejo e a satisfação dos corpos
MORRER DE DESEJO
Às 24 – Int. men 18 a.
CAMPEÕES DE KARATE
c/ K. Satoh e Williams Oliver

CINE CAMÕES 324194
Rua do Loreto, 15
As 14, 16.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
ESSA MULHER É MINHA
c/ Vinod Khanna, Rekha e Nadira Helen

CITY CINE 549999
Rua Tomás Ribeiro, 34
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N ac men 13 a
A ÚLTIMA VALSA
c/ «The Band»
Às 23 45
CHEGOU A HORA DA VINGANÇA
de Fred Zinnemann

CONDES 322523
Av da Liberdade, 2
14 00, 16.30, 19.00, 21.30
int. men. 13 anos
BONEY M – O MUSICAL DO ANO
DISCO FEVER
E LA BIONDA-ERUPTION-TEENS

DOIS MIL 2100055
Av Bombeiros Voluntarios, Lote 113 - Algés
Às 15.30 e 21.30 – Int. men 13 a.
SATURDAY NIGHT FEVER

D. JOÃO V 971794
Praça Centro Comercial – Damaia
Às 21 15 – N. ac. men. 18 a.
BRANNIGAN

EDEN 320768
P dos Restauradores, 21
Estreia às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
Com eles tudo pode acontecer
TRÊS BONS INIMIGOS
c/ Franco Nero, Eli Wallach e Lynn Redgrave
Colorido
Às 14, 16 30 e 19 – Int men 13 a.
– Ultimas
OS CARRASCOS DE SHAOLIN

ESTUDIO 555134
Av. Afonso Henriques, 35
Às 21.30
A mais espectacular, a mais extraordinaria epopeia de aventuras!
O FACHO E A FLECHA
c/ Burt Lancaster e Virginia Mayo
Às 15 30 e 18.30 – Últimas
FUNNY GIRL

ESTUDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
Às 15.30, 18 30 e 21.30
– Int. men. 13 a
O drama do desemprego
O DIABO DESEMPREGADO
Uma comédia à francesa
c/ Jean Rochefort e Dominique Labourier

EUROPA 661016
R. Almeida e Sousa, 35
Às 15.15 e 21.30 – N. ac. men. 13 a.
CONTINUAM A CHAMAR-LHE TRINITÁ
c/ Terence Hil e Bud Spencer
Às 24 – Int. men 13 a.
A PASSAGEM DO CONDOR

IMPÉRIO 555134 5
Al. Afonso Henriques, 35
Às 15 15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a
O SONO DERRADEIRO
c/ Robert Mitchum e Sarah Miles
Realização de Michael Winner

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
NÃO POSSO PASSAR SEM TI
c/ Annie Girardot
6.ª Semana

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
Às 15.15 e 21.00
Grupo B – 10 anos
OS DEZ MANDAMENTOS
De Cecil B. de Mille
Com Charlton Heston e Yul Bryner
em 70m/m
2.ª Semana

MONTECARLO Tel 681117
A. Pedro Alvares Cabral, 37
Às 15 30, 18.30 e 21.30
Nao acons men 13 anos
O IMPÉRIO DO GREGO
Historia de amor que fascinou o mundo
(Parque de estacionamento privativo)
12.ª Semana

MUNDIAL 538743
R Martens Ferrao, 12-A
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Inauguração da temporada
PARA ALÉM DA AVENTURA DO POSEIDON
Suspense para além do imaginável!
Michael Caine - Sally Field, Telly Savalas
Int. a men. de 13 anos

NIMAS 574362
Av 5 de Outubro, 42-B
Às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.30
– Pata Todos
JUBILEU RATO MICKEY
Um filme de Walt Disney

NOVOCINE 840678
Av General Roçadas, 7
As 15.15 e 21.30 – N. ac. men. 18 a.
Malícia, comicidade e erotismo
CONVÉM FAZER BEM O AMOR
c/ Luigi Proietti e Eleonora Giorgi

ODEON 326283 4
R Condes, 12 a 20
• 15.15, 18.15 e 21.30
int. men. 18 anos
DISPOSTA A TUDO
Muitos dos problemas dos casais de hoje
10.ª Semana

PATHÉ 821933
R Francisco Sanches, 122
Às 14 15, 16.30, 18.45
– N. ac. men. 13 a.
Belas, invencíveis, lutam como demónios
AS 5 RAINHAS DO KARATE
Estreia às 21.30 – M. 10 a.
AS NEVES DO KILIMANJARO

POLITEAMA 326305
R. Portas de St.º Antão
Às 14.15, 16 30, 19 e 21.30
– Int men 18 a.
HOLOCAUSTO NUM CAMPO NAZI
c/ Paola Corazzi e Giorgio Cerioni

RESTELO 610375
Av. Torre de Belém
Às 15.15 e 21.30 – Int. men. 13 a.
um dos maiores filmes de sempre
A VIAGEM DOS MALDITOS
c/ Faye Dunaway, Max Von Sydow, Orson Welles e James Mason

ROMA 887778
Av. de Roma, Lote JRB
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
Dramático e espectacular!
O CÃO
com Jason Miller e Lea Massari
2.ª Semana

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
Estreia às 21.30 – N. ac. men 13 a.
OS TIGRES DO MAR
c/ Alexander Fu Sheng e David Chiang
Colorido
As 14.15, 16 30, e 18.45
– Int. men 13 a – Últimas
A VIOLAÇÃO DE UMA ADOLESCENTE

SÃO JORGE 579144-579344
Av da Liberdade, 175
As 15 15, 18 15 e 21 30
– N. ac men 13 a
MOONRATER – AVENTURA NO ESPAÇO
c/ Roger Moore
3.ª Semana

SATÉLITE 562632
Av Fontes Pereira de Melo, 61
Às 15 17, 19 e 21.30
– N ac men. 13 a.
UMA LIÇAO DE AMOR
Um filme de Ingmar Bergman
4.ª Semana

STAR 804210
Av Guerra Junqueiro, 14-C
Às 15, 18 e 21.30 – N. ac men 13 a.
Um filme divertidíssimo
O GRANDE ACONTECIMENTO «MATILDA»
c/ Elliot Gold e Robert Mitchum
2.ª Semana

TERMINAL 371573
Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23 30
AMOR SEM PROMESSA
Um breve encontro para viverem o amor de toda uma vida
Peter Fonda, Lindsay Wagner
Não acons. a men. 13 anos

TIVOLI 570595
Av da Liberdade, 188
Às 14, 16 30, 19 e 21.30
– Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
JUBILEU RATO MICKEY
Technicolor

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 15 18.15 e 21.30
– N. ac. men 13 a
O Espectáculo das suas férias
O HOTEL DA PRAIA
c/ Myriam Boyer-Daniel Ceccaldi-Guy Marchand
24.ª Semana

ZODÍACO Tel. 570551
Rua Conde de Redondo, 5
Estreia às 21.30 – N. ac men. 18 a
OUTONO ESCALDANTE
Às 14.15, 16.30 e 19
– N. ac. men 13 a
JUNTOS SÃO DINAMITE

QUARTETO **R. Flores do Lima, 16** 771378
SALA 1: Às 21.15 – N. ac men. 13 a.
KUNG FU À PORTUGUESA
Legendas de Raul Solnado e Pedro Bandeira Freire
SALA 2: As 15, 17, 19 e 21
int. men. 18 anos
AMOR ENTRE MULHERES
SALA 3: Às 14.30, 16 45 19 e 21.15
UM DIA INESQUECIVEL
Não acons. a men. 18 anos
SALA 4. Às 14.30, 16,45, 19 e 21.15
int. men. 13 anos
A RAPARIGA NA ZONA QUENTE

teatros

BARRACA – «D. João VI», às 21.45 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «Rei, Capitão, Soldado Ladrão», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
TEATRO ABERTO – «O Chá dos Generais», às 21.30 (13 anos)
VASCO SANTANA – «Quando a Banda Tocar», às 21.30 (13 anos)
TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS – «A Mãe», às 21.45 (18 anos)
COMUNA – «As Guerras do Alecrim e Mangerona», às 21.45 (13 anos)
VARIEDADES – «Isso é que Era Bom», às 20.30 e 22 45 (18 anos)
MARIA MATOS – «Ricardo e as Borboletas», às 21.30 (10 anos)
ABC – «Isto é Crazy Horse», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
S. LUIZ – «Os Sequestrados de Altona», às 21.15 (13 anos)

Outros Espectáculos

Lisboa

CAPITÓLIO – «Sexo no Colégio», às 19.00, 21.00 e 23.00 (18 anos)
ROYAL – «Laranja Mecânica», às 21.30 (18 anos)
PARIS – «A Corrida da Morte do Ano 2000», às 21.30 (18 anos)
OLÍMPIA – «A Exploradora Extra-Terrestre», sessões permanentes (13 anos)
PROMOTORA – «Amargura de Duas Almas», às 21.15 (13 anos)
COLISEU – «A Túlipa Negra», às 21.30 (6 anos)
LUMIAR – «O Furacão do Karate», às 21.30 (18 anos)

outros cinemas

CINEARTE – «O Toque da Medusa», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Graças a Deus é sexta-feira» às 21.30 (13 anos).
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «007 o homem da pistola dourada» às 21.15 (18 anos)
OEIRAS – Oeiras-cine – «Os três panteras negras» às 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Casino – «Barracas na praia» às 17 e 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «O Abismo» às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – S. José – «Férias macabras» às 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Impala – «Telefone» às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Gil Vicente – «Dona Flora e seus dois maridos» às 21.15 (18 anos)
CASCAIS – Oxford – «O Nosso Amor de Ontem», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Lido – Às 21.30 «A Batalha de Midway» (13 anos)
AMADORA – Cinestúdio Às 21.39 «Loucos sobre rodas» (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel Às 21.30 «O amor violado» (18 anos)
AMADORA – Cine-Plaza – «O Filho de Spartacus», às 21.30 (13 anos)

Outra Banda

ALMADA – Incrível 21.15 «A Criada» (18 anos)
ALMADA – Academia 21.30 «Rock é mesmo rock» (13 anos)
ALMADA – Cinestúdio – «Os Novos Monstros», à 21.30 (13 anos)
LARANJEIRO – Instrução e Recreio 21.15 «Prestígio real» (13 anos)

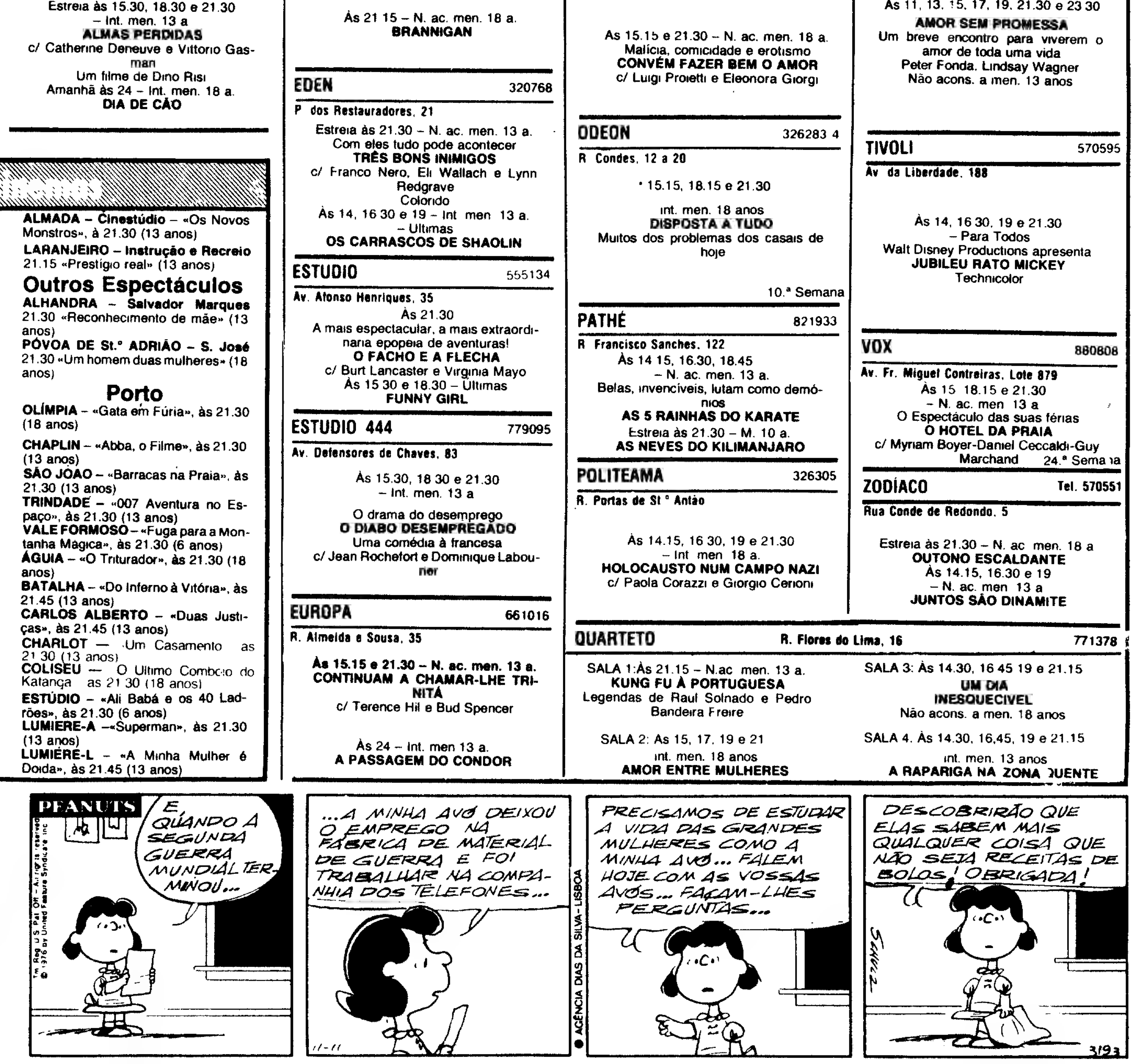
Outros Espectáculos

ALHANDRA – Salvador Marques 21.30 «Reconhecimento de mãe» (13 anos)
PÓVOA DE St.º ADRIÃO – S. José 21.30 «Um homem duas mulheres» (18 anos)

Porto

OLÍMPIA – «Gata em Fúria», às 21.30 (18 anos)
CHAPLIN – «Abba, o Filme», às 21.30 (13 anos)
SÃO JOÃO – «Barracas na Praia», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «007 Aventura no Espaço», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Fuga para a Montanha Mágica», às 21.30 (6 anos)
ÁGUIA – «O Triturador», às 21.30 (18 anos)
BATALHA – «Do Inferno à Vitória», às 21.45 (13 anos)
CARLOS ALBERTO – «Duas Justiças», às 21.45 (13 anos)
CHARLOT – «Um Casamento» às 21 30 (13 anos)
COLISEU – «O Ultimo Comboio do Katanga» às 21 30 (18 anos)
ESTÚDIO – «Ali Babá e os 40 Ladrões», às 21.30 (6 anos)
LUMIERE-A – «Superman», às 21.30 (13 anos)
LUMIERE-L – «A Minha Mulher é Doida», às 21.45 (13 anos)

lubrificantes
GALP
a máquina é exigente



Berlinguer vem a Lisboa

Enrico Berlinguer, Secretário-geral do Partido Comunista Italiano, visitará Portugal de 2 a 7 de Outubro, a convite do Comité Central do PCP.

A visita de Berlinguer, à frente de uma délegação do PCI, estava prevista desde há meses e realiza-se, segundo informe da Secção de Informação e Propaganda do PCP, «no quadro das relações de fraternal amizade e solidariedade existente entre o PCP e o PCI».

DEPOIS DA TEMPESTADE...

PC e PS de Itália reuniram ontem

Os estados maiores do Partido Comunista e do Partido Socialista italianos reuniram-se ontem pela primeira vez, após anos de debates frequentemente difíceis. A reunião terminou ao princípio da noite, num termo num dia de discussões. Foi publicado um documento comum de cinco páginas que preconiza «um esforço construtivo de toda a esquerda» para fazer «sair a Itália da crise e das bases seguras à política de solidariedade democrática».

Enrico Berlinguer, secretário-geral do PCI (30 por cento dos votos nas últimas eleições) qualificou a reunião de «útil e construtiva». Bettino Craxi, seu homólogo no PSI (9,8 por cento dos votos) falou de um «encontro útil que se concluiu positivamente».

(Hoje 28 páginas)

RENDA DE 3.500 ESCUDOS PODE SUBIR PARA DEZ CONTOS

Associações de Inquilinos propõem Serviço Nacional de Habitação

Inquilinos passam a ser «a banca privada dos senhorios»? A definição e o enquadramento pertencem ao Secretariado Coordenador das Associações dos Inquilinos, e a afirmação foi esta manhã feita em conferência de Imprensa promovida por aquele órgão (SCAI) a propósito do Decreto-Lei 387/79, relativo ao novo regime jurídico do arrendamento urbano, ou seda a lei do aumento das rendas de todas as casas, novas ou antigas.

Ninguém acredita que diploma tão monstruoso e «altamente gravoso» não seja revogado pelo V Governo. A este, o SCAI enviou já, com urgência, um telegrama solicitando audiência a Maria de Lurdes Pintassilgo. E afirma: a não ser revogado, o decreto em apreço iria elevar a renda de uma casa com 44 anos, três assoalhadas, uma superfície de 75 m2, onde podem viver uma senhora (ou senhor) idosa com uma criança, de 310 para 330 escudos, e a de 3500$00 de uma outra casa de 10 anos, com a área de 100 m2, para 10/11 contos.

O SCAI insere esta medida como agravante do chamado «pacote laboral», retirando à classe trabalhadora toda a sua capacidade de compra. Isto é: visa, fundamentalmente, «piorar o nível de vida» daquele. Aparece agora à luz do dia como «tratado motapintista», piorando largamente o projecto de Sousa Goles que, recorda-se, ainda se dignou ouvir a AIL. Contudo, e para a publicação da lei, Mota Pinto e Almeida Pina «fizeram-no perfeitamente na sombra». Daí que, e por todas as razões aduzidas, o SCAI considere que a não vigente revogação do diploma irá causar uma «verdadeira catástrofe nacional».

A solução, infelizmente, «não é de modo algum inovadora», sustenta ainda o SCAI, que lembra o facto de ter sido adoptada na Europa (e em França há cerca de 30 anos) com «resultados desastrosos». A França, que entretanto modificaria a sua posição, e a Itália, face ao «colapso», vieram a recorrer à habitação social estatizada, enquanto a Suécia, a Dinamarca e a Grã-Bretanha ajuntaram àquela a cooperativa e a municipal. O SCAI apresenta em alternativa a este diploma e a qualquer outro projecto a sua proposta de Serviço Nacional de Habitação, que desde já coloca à consideração da opinião pública.

V GOVERNO: SILÊNCIO QUE NÃO SE COMPREENDE

«Gravíssimo atentado à qualidade de vida dos trabalhadores por lhes exigir um enorme sacrifício sem qualquer contrapartida social» e o significado da «má consciência que o IV Governo teve de carácter injusto e anti-social desta lei», recusando-a à discussão pública ou à sua apresentação à AR e accionando a sua ultimação (à pressa) dias antes de deixar S. Bento, são outras das acusações dos representantes das Associações dos Inquilinos. «O que, por outro lado (afirmaram também), é incompreensível é como o V Governo (cujo 1.º-Ministro insistentemente aponta como sua directriz política global a conciliação, o diálogo e a melhoria das condições de vida dos mais desfavorecidos) não chamou a si a reapreciação deste problema antes da sua promulgação pelo PR».

Os aumentos de renda previstos nesta lei «são de tal modo pesados que, nas condições actuais da sociedade portuguesa, não poderão ser tolerados, sob pena de gerarem profunda instabilidade, sérias tensões sociais», assinala ainda o SCAI. Isso mesmo, aliás, acrescenta, «é hipocritamente reconhecido no preâmbulo da lei, quando se afirma que «não se ignora que a actualização das rendas antigas poderá criar situações de ruptura (sic) na capacidade económica dos agregados familiares de menores recursos».

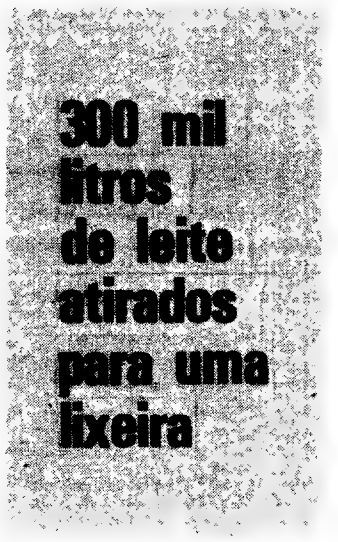
RUPTURA ECONÓMICA NA SOCIEDADE PORTUGUESA

Se o V Governo não quis fazer uso da oportunidade que teve de impedir «a consumação deste atentado», refere o SCAI que será «a mobilização popular contra a aplicação da lei que obrigará a nova AR, a eleger em 2 de Dezembro, a recusar a sua ratificação». Por isso apela a AIL para que os inquilinos se organizem em torno das organizações populares, a formarem comissões de defesa do seu direito constitucional, e a escolher, no próximo acto eleitoral, os candidatos que se comprometam previamente a «exigir a revogação deste decreto».

Porque sublinha ainda, esta lei em «nada contribuirá para a construção das 600 mil casas necessárias, mas sim, para o desenvolvimento dos bairros de lata», e «levará, inevitavelmente, a importantes perturbações sociais atingindo todos os estragos sociais, e muito especialmente as famílias vivendo de um só salário, os desempregados e todas as pessoas idosas».

Consubstanciando «uma solução historicamente chumbada», esta lei também «não cria condições, como os proprietários o reconhecem, para a iniciativa privada. Em Lisboa (exemplo isolado), por exemplo, nenhuma renda seria inferior a 2 500 escudos, mesmo num prédio com mais de 60 anos, habitados por pessoas com magros recursos, em particular reformados. No Porto, caso que apresentaram com complemento, seria ainda muito pior, dado que a construção é muito mais cara. É, mais grave que o que ficou fo quadro, é que o subsídio de habitação só será atribuído nos «casos mais gritantes», como afirmou o ex-ministro Almeida Pina, que o mesmo é dizer: em raríssimas excepções, não resolvendo portanto, «os problemas dos agregados familiares.

A vingar a aplicação da lei, aconteceria em milhares de casos as rendas serem superiores às pensões dos reformados, originando «forte colapso» e a «ruprura económica das famílias portuguesas». Em relação aos trabalhadores, «poucos seriam os casos que pudessem cobrir estes aumentos».



Cerca de 300 mil litros de leite importado dos Açores estão a ser lançados para uma lixeira nos arredores da Amadora, a um ritmo de 6 mil litros, por ter expirado o respectivo prazo de validade.

Todas as manhãs um camião sai das instalações do Matadouro Municipal de Lisboa carregado com milhares de embalagens de «Leitaçor» que transporta para a lixeira da Câmara situada na «serra de Mira», uma pequena colina perto da Amadora. O leite é descarregado. Um «buldozzer» empurra depois os caixotes para o entulho. Todas estas operações foram observadas pela reportagem do «DL» que se deslocou ao local e onde, para além do escândalo inqualificável que este facto constitui, se deu conta da existência, às portas de Lisboa, numa zona já atingida pela urbanização, de uma gigantesca lixeira que é um atentado à saúde pública.

Na origem deste caso parece encontrar-se mais um acto da gestão «realista» e «patriótica» do Governo Mota Pinto. De acordo com algumas informações que recolhemos, o Governo Regional dos Açores, a braços com o problema do escoamento da produção de leite, teria enviado 300 mil litros de barco para o Continente sem que estivessem asseguradas todas as condições necessárias à efectivação de tal exportação. Chegado o leite a Lisboa, a Junta Nacional dos Produtos Pecuários manifestou, ao que parece, relutância em recebê-lo uma vez que a produção nacional garantia naquele período o normal abastecimento público. Contactos entre o governo Regional e o governo Mota Pinto teriam levado este a exercer pressões para que o leite fosse recebido.

Quanto ao Matadouro Municipal, é alheio ao problema uma vez que a sua função é recolher os produtos nas câmaras frigoríficas sem ter qualquer intervenção no processo de aquisição e comercialização.

Sinistrados das cheias de 1967 esperam chegar a acordo razoável com o Fundo de fomento de habitação

O Secretariado das comissões de moradores dos bairros habitados pelos sinistrados das cheias de 1967 reuniu ontem à noite em Odivelas para discutir com os moradores daquela zona os problemas provocados pela decisão do Fundo de Fomento de Habitação de aumentar, nalguns casos em mais de 500%, as rendas das casas.

O secretariado, que representa cerca de 659 famílias (mais de cinco mil pessoas) tem vindo a multiplicar as reuniões e os contactos, pressionado pelos moradores dos 11 bairros em questão.

Na semana que passou, os membros do secretariado foram recebidos pelo adjunto do Primeiro-Ministro, pelo provedor da Justiça e por um representante da Fundação Gulbenkian, director do departamento de obras. Todas estas entidades se mostraram sensibilizadas pela pretensão dos moradores em serem ouvidos pelo FFH e chegarem a um acordo que satisfaça ambas as partes.

Logo no início da reunião de ontem os membros das comissões de moradores, integrados no secretariado, deram conhecimento aos habitantes do Bairro de Odivelas de uma missiva enviada pelo Fundo de Fomento de Habitação que convocava aquele secretariado para uma reunião na próxima segunda-feira, para que seja discutida uma proposta «já superiormente aprovada». Além do secretariado deve estar presente um elemento de cada comissão de moradores dos bairros envolvidos.

Afinal de quem são as casas?

Construídos em 1967 com dinheiro da Gulbenkian (cerca de cem mil contos) sob a responsabilidade da Direcção-Geral de Urbanização os bairros foram depois oferecidos aos sinistrados das cheias de 67 «para tentar minorar os seus sofrimentos» e entregues às câmaras para que se encarregassem da sua manutenção e os gerissem. Criado o FFH a responsabilidade da gerência transitou para aquele organismo que agora pretende aumentar, substancialmente, as rendas.

Ontem, no encontro do secretariado com os moradores, o primeiro de uma série que se realizara com representantes de cada um dos 11 bairros, foi decidido que no caso de o FFH fazer uma proposta que vá de encontro aos anseios dos habitantes ela pode ser aceite depois de analisada pelas comissões. Foi também recordada uma proposta feita ao Fundo pelas comissões em que se aceita à partida o aumento de 40% nas rendas, desde que seja visado o arrendamento da propriedade resolúvel. O quantitativo recebido pelo Fundo de Fomento de Habitação nos dez anos que os bairros têm de vida foi calculado em cerca de 6500 contos pelos membros do secretariado, número considerado muitíssimo alto para o pagamento das obras de manutenção dos melhoramentos entretanto efectuados, conforme ficou estipulado na altura da entrega dos bairros pela Fundação Gulbenkian. A título de exemplo, um elemento da Comissão de Moradores de Alverca referiu que foram ali pagas rendas no valor de 2700 contos enquanto não foram gastos mais de 200 contos na manutenção das casas.

Uma cheia dez anos depois?

Recordando declarações de um responsável do Fundo de Fomento de Habitação, elementos do secretariado leram um seu comunicado em que são analisadas, ponto por ponto, as afirmações proferidas. Considera o secretariado que não é desinformar os moradores dizer que o FFH não aceitou uma proposta de aumento visando a propriedade resolúvel; esclarecer que a Gulbenkian custeou o bairro em cem mil contos; recordar que um agregado familiar de mais de seis pessoas não tem condições de habitabilidade nos bairros e perguntar quais as rendas de casas que baixariam no projecto do FFH e, também, inquirir sobre o destino dos 6550 contos pagos desde 1969.

Perguntam ainda os elementos das comissões de moradores qual é a preocupação do FFH com a população mais desfavorecida quando as rendas técnicas (pagas pelos moradores mais abastados) foram diminuídas em cerca de 20%.

Para muita gente que ficou absolutamente sem nada nas cheias de 1967, salvando apenas a própria vida, as casas representavam uma razoável ajuda. As 660 famílias distribuem-se por bairros no concelho de Oeiras, Alenquer, Loures, Vila Franca e Arruda dos Vinhos. A Câmara de Loures, que abrange Sacavém, Odivelas e a Mealhada aprovou por unanimidade uma moção em que é sublinhado o desacordo total com o aumento das rendas de casa antes de serem ouvidos os órgãos autárquicos e as comissões de moradores. Vila Franca e Venda Seca também já se debruçaram sobre o problema.

Entretanto, a maioria dos moradores têm continuado a pagar as rendas antigas nos CTT as quais têm sido levantadas pelo FFH que agora parece disposto a dialogar.

O secretariado julga que o Primeiro-Ministro e outras entidades contactadas podem ter tido influência no novo acolhimento dado pelo Fundo. «Desta forma» – dizem – «as cheias de 1967 não se repetirão: Pelo menos com tanta facilidade.»

Eanes e Samora vão encontrar-se em Janeiro próximo?

O presidentes Ramalho Eanes, de Portugal, e Samora Machel, de Moçambique, poderão encontrar-se no próximo mês de Janeiro, em Luanda ou em Lusaka – noticia hoje o semanário «O Jornal», citando «fontes fidedignas».

O mesmo jornal acrescenta que o encontro se realizaria na sequência do périplo africano do presidente português ao Zaire, Zâmbia e, possivelmente, Tanzânia.

O semanário indica ainda que a morte de Agostinho Neto poderá pôr em causa a possibilidade de ser Luanda e apadrinhar o encontro Eanes – Machel.

A alternativa, poderia ser Lusaka, onde em 7 de Setembro de 1974 foi assinado o acordo pelo qual Portugal reconheca a Frelimo como legítimo representante do Povo Moçambicano.

CURSOS 79—80
cial
CENTRO DE LÍNGUAS
— INSCRIÇÕES ABERTAS —
FRANCÊS ● INGLÊS ● ALEMÃO ● RUSSO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS
Av. da República, 14 — Tel. 53 37 33

Dança coreana em Lisboa

Hoje, às 18 e 30 e amanhã às 21 e 30, a Companhia Nacional de Dança da Coreia está no grande Auditório da Gulbenkian. É uma embaixada cultural itinerante e traz consigo a memória de «tournées» por mais de 50 países. Entre os seus espectáculos mais recentes estão os que apresentou no Festival das Artes Folclóricas dos Jogos Olímpicos do México, de Sapporo e de Munique; nas comemorações do bicentenário dos EUA; no Sudoeste Asiático; na América do Sul; no Médio Oriente e na Europa...
O que é e o que foi a Coreia através da sua história e da religião budista são os temas dominantes dos doze bailados que a companhia apresenta em Lisboa, nos seus dois espectáculos. A crítica internacional tem sublinhado a grande beleza das suas criações, bem como o cativante exotismo dos seus cenários e guarda-roupa.
Os jovens até aos 18 anos têm um desconto de 50 por cento no preço da entrada, desconto que é extensivo aos sócios da Juventude Musical Portuguesa e da Associação Portuguesa de Educação Musical.

Arlo Guthrie e Country Joe McDonald actuam em Lisboa?

Numa «tournée» comemorativa dos dez anos do Festival de Woodstock, sob o título «The Woodstock in Europe 79 Tour», vai realizar-se a 5 de Outubro, pelas 21 e 30, no Pavilhão dos Desportos do Dramático de Cascais, um concerto que conta com a presença de duas das mais destacadas figuras da música popular norte-americana dos nossos dias, Arlo Guthrie e Country Joe McDonald.
Esta realização é uma iniciativa da organização «Cascais Pop» que, por este meio, se pretende associar à divulgação entre nós da cena musical «pop» e «folk».
Problemas de organização de última hora, soube o «Sete Ponto Sete», podem no entanto levar à anulação do espectáculo.

Ciclo do cinema americano dos anos 40

«Citizen Kane» («O Mundo a Seus Pés») de Orson Welles, considerdo um dos 10 melhores filmes de todos os tempos, tem passagem marcada para 18 de Outubro

A Fundação Calouste Gulbenkian, com a colaboração da Embaixada dos Estados Unidos da América, vai promover de 1 de Outubro a 20 de Dezembro, um ciclo de cinema americano dos anos 40. Estarão presentes, num dos auditórios da Gulbenkian com capacidade para 120 lugares, 65 dos 5 mil filmes produzidos na década de ouro de Hollywood, fábrica de sonhos e ascensões de meteoros («Que faz correr Sammy?» (1941) de Bud Schulberg é um dos documentos mais implacáveis da época).
Os filmes vão ser apresentados em três fases, já que estavam programadas para o Auditório outras actividades culturais que não podem ser adiantadas — a 1.ª, de 1 a 7 de Outubro; a 2.ª, de 18 de Outubro a 14 de Novembro; a 3.ª de 6 a 20 de Dezembro.
Apenas 24 filmes estão legendados em português.
O cómico não terá relevo algum no ciclo. Em contrapartida, está em cheio o «musical».
Há filmes que marcaram uma época que faltam — «Sargento York» (Hawks), «Um Barco e Nove Destinos» e «A Corda» (Hitchcock), «O Pirata Negro» (Henry king), «Os Carrascos Também Morrem» e «O Segredo da Porta Fechada» (Fritz Lang), «Lua Sem Mel» (McCarey), «Entre o Amor e o Pecado» (Preminger), «Out of the Past» (Tourneur), «A Filha de Satanás» (King Vidor), «Todos Morreram Calçados» e «Feras Sangrentas» (Raoul Walsh).
Também não estão representados no Ciclo realizadores como Fuller, Garnett, Kazan, Anthony Mann, Polonsky, George Stevens, Jacques Tourneur, Edgar Ulmer.
E será certamente notada a total ausência de actores como Bette Davis, Greer Garson, Mickey Rooney, Lara Turner, Olivia de Havilland, Allan Ladd, Clark Gable e Betty Grable.
Muitos destes nomes, de realizadores e actores, não estarão representados já que, segundo responsáveis da Gulbenkian, não foi possível obter cópias. Sobre a vinda de muitos filmes que não serão legendados não há razões de elitismo ou de esquecimento dos espectadores que porventura não falam inglês. Outros são os motivos adiantados pela Gulbenkian.
Textualmente: «Cada filme tem um curto período de vida, por condições de contrato — de cinco a sete anos — e ao fim dele todas as cópias são obrigatoriamente destruídas, isto é, queimadas em «auto de fé» com testemunhas e tudo. Por mais incrível que pareça assim foi e assim é, donde a inexistência em Portugal dessas cópias já aqui passadas, excepto quando os distribuidores adquiriram novos direitos para as chamadas «reposições» (por isso algumas obras reaparecem periodicamente e outras nunca mais foram vistas). Na Televisão, a legendagem é electrónica(projecção sobre as cópias) processo que não está ao alcance da Fundação. Que, por outro lado, como é evidente, não pode mandar legendar filmes que lhe não pertencem e, uma vez passados — numa única sessão, condição posta — têm de regressar à América, no estado em que vieram».
Apesar de tudo a Gulbenkian mandou legendar cópias de «Sementes do Ódio», «Almas Perversas», «O Estrangeiro», «O Rapaz dos Cabelos Verdes». E isto porque podem ficar em Portugal, devido a novos contratos com firmas que deles têm direitos.
A bilheteira abrirá no próximo dia 25 — 20$00 custa o bilhete simples; 30$00 o bilhete duplo (duas sessões).
Espera-se um êxito comparável ao ciclo de cinema americano dos anos 30 em 1977 que levou ao Auditório da Gulbenkian 70 mil espectadores.
O ciclo não tem fins lucrativos, mas meramente culturais.

sete PONTO sete

21 a 27 DE SETEMBRO DE 1979

De uma festa a outra

Pág. 7

Circuitos paralelos

JAZZ EM SETÚBAL

Passe a palavra: ainda não é neste fim-de-semana mas vem aí o Festival de Jazz Contemporâneo de Setúbal. Está marcado para os dias 29 e 30 do corrente mês, a partir das 15 horas.
Sem que o assunto deixe de merecer nova referência neste «Circuitos», desde já alertamos o leitor para a importância deste happening cultural. As entidades organizadoras são «Os Cómicos», Centro Cultural de Setúbal, Câmara Municipal de Setúbal (apoio a estruturas locais) e ARTA, Centro de Documentação de Arte Actual. Os espectáculos terão todos como palco o Pavilhão do Clube Naval Setubalense, com capacidade para 4500 pessoas. A nível de «pilin» há várias modalidades e prémios de estímulo. Uma sessão fica a 250$00 (paa 250$00 (para os sindicalizados 200$00); duas sessões, mas com bilhete duplo, 400$00 (350$00 para os sindicalizados).
Há todo um mundo paralelo ao Festival que merece ser conhecido. Assim, os possuidores de bilhetes têm direito a camping gratuito.
Os primeiros 1500 bilhetes duplos vendidos na zona da Grande Lisboa (incluindo Almada) têm direito a duas viagens gratuitas na Rodoviária Nacional, Lisboa-Setúbal e Setubal-Lisboa, mediante oferta de dois bilhetes RN nas instalações de «Os Cómicos» (R. Tenente Raul Cascais, 1-A, 1200 Lisboa) e Centro Cultural de Almada (R. Conde Ferreira, 8 Almada). Nos dias 29 e 30 haverá desdobramento das carreiras da RN para além do horário normal, estando o regresso assegurado a Lisboa e a Almada até às duas horas da manhã. No posto dos primeiros socorros do Pavilhão haverá uma equipa de médicos para o que der e vier e bares com bebidas e comida quente.
E um baby-sitting gratuito para os possuidores de bilhetes. Os subsídios são vários. Há seminários sobre jazz nos dias 26, 27 e 28, com Andrea Centazzo, Daunik Lazro, Workshop de Lyon.
No dia 30, haverá nas ruas de Setúbal uma «intervenção interventiva: agitação urbana» de Rui Mesquita.
Pode ouvir no Pavilhão, Daunik Lazro/Jean-Jacques Avenel (França), Rover Turner/Gary Todd (Grã-Bretanha), Andrea Centazzo/Carlos Zíngaro/Kent Carter (Itália, Portugal e USA), Evan Parker (Grã-Bretanha), Paul Motian Trio (E.U.A., França), Hugh Davis (Grã-Bretanha), Workshop de Lyon (França), James Newton/Anthony Davis (USA), Compagnie Lubat (França), António Pinho/José Eduardo (Portugal), Steve Lacy (E.U.A.), Feminist Improvising Group (Grã-Bretanha), Peter Brotzman/Sven-Ake Johansson (RFA e Suécia), Richard Teitelbaum/George Lewis/Jerome Cooper (E.U.A.) Sunny Murray Trio (E.U.A.), Saxophone Quartet (Dinamarca, Holanda e França) e Mike Westrook Brass Band (Grã-Bretanha). O programa promete.

COREIA NA DANÇA

É já hoje que se apresenta em Lisboa, pelas 18 e 30 (e amanhã, pelas 21 e 30) no Grande Auditório da Gulbenkian, a Companhia Nacional de Dança da Coreia. Exibirá um total de 12 bailados. O seu curriculum é vasto. Contam-se as digressões por mais de 50 países. Esteve nos Jogos Olímpicos do México. Todo o repertório é de temas tradicionais da Coreia.

«Feminist Improvising Group» (Grã-Bretanha) estará presente no I Fetival de Jazz de Setúbal

BOCAGE, VAIS AO «UBU»?

O «Sr. Ubu» de Alfred Jarry está de visita a Setúbal a partir de terça-feira. A estreia está marcada para as 21 e 30 no Museu da Cidade. O encenador é José Valentim Lemos e o grupo é «O Novo Teatro» (antigos «Saltitões»). É uma aposta estrear fora de Lisboa: o facto tem a ver com um trabalhador descentralizador que é uma constante neste grupo que está a enveredar esforços para que o «Sr. Ubu» seja apresentado em todo o País com a colaboração dos respectivos municípios. Em Setúbal, além do dia de estreia, o «Sr. Ubu» manter-se-á em cena nos dias 26, 27 e 28.

16 000 MÚSICOS POPULARES

O projecto é gigantesco e vai mobilizar cerca de 16 000 músicos-amadores de 400 agrupamentos (bandas, tunas, orquestras, etc), em aproximadamente mil exibições públicas: é esta a primeira imagem que nos fica do I Festival de Música Popular, promovido pelo INATEL (Instituto Nacional para Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores) a realizar em todo o País de 20 a 30 do corrente mês. Dia 22 abre em todas as capitais de distrito com coros, bandas, orfeões e tunas. O dia seguinte está reservado para actuações dos diversos grupos nas suas próprias localidades. Estão programadas cerca de mil realizações. No dia 25 haverá espectáculos em Lisboa (Teatro Trindade), S. João da Madeira, Penafiel. No dia 26, concertos em Moura, Caldas e Chaves. No dia 27, em Guimarães; no dia 28 em Torres Novas, Buarcos, Fundão; no dia 29, na Covilhã, Loulé, Ponte de Lima, Estremoz, Lisboa. No dia do encerramento (30 de Setembro) haverá em todas as capitais de distrito desfiles com seis bandas, três concertos de bandas ao ar livre (por cada capital de distrito) e nas outras localidades, 200 arruadas e 50 concertos de banda. Entretanto, em Lisboa, no Teatro Trindade nos dias 24, 25 e 26 haverá uma série de colóquios sobre música popular portuguesa.

O «Sr. Ubu» estreia-se na cidade de Bocage

SACI PERÊRÊ NO HOT CLUBE

Hoje e amanhã, pelas 22 horas, no Hot Clube de Portugal (Praça da Alegria 39) pode ouvir música contemporânea negra brasileira pelo grupo Saci Perêrê. Formado em Paris, já realizou concertos em França, Bélgica, Holanda, Suíça e Itália e pretende reunir os vários elementos da presença e da cultura musical negra do Brasil. A ficha: Dousty (piano, violão, cavaquinho, percussão e voz), Sorriso (saxe, tenor, percussão e voz), Zé Mané (percussão voz) e Raphael (percussã voz).

TEATRO EM TORRES NOVAS

Com o apoio do FAOJ, organizado pela Casa da Cultura de Torres Novas e contando com a colaboração do Centro de Cultura Popular de Tomar e do Teatro Experimental Torrejano, está a realizar-se até 23 de Setembro, nas instalações da casa da cultura um curso sobre teatro como forma de animação cultural. De 25 a 30 o curso será repetido em Tomar.

RETROSPECTIVA DA «3 D'AGOSTO»

O Grupo de Teatro da «Sociedade Musical de 3 d' Agosto de 1895» (Rua de Marvila, 34) vai pôr em cena hoje, no sábado e no domingo, uma retrospectiva do seu trabalho desenvolvido desde 1976. Hoje, às 21 e 30 será representada «A Terra» de António Júlio Valarinho; amanhã «Tombo no Inferno» de Aquilino Ribeiro e no domingo, à mesma hora, o espectáculo de palhaços «Cavaleiros Sem Medo» com Piló, Zequinha e Esparguete.

«ZÉ PIMPÃO» NA SPA

No pequeno auditório da Sociedade Portuguesa de Autores (Av. Duque de Loulé, 31) vão realizar-se nos próximos dias 24, 25, 26 e 28 de Setembro, pelas 18 e 30, espectáculos infantis com a peça «Zé Pimpão João Mandão e os Sapatos Feitos à Mão» de António Ferra.

CINEMA EM SINES

Por iniciativa da Câmara Municipal de Sines vai ser projectada, entre 25 e 30 de Setembro, uma semana do Cinema Português, no Salão do Povo.
As receitas desta iniciativa revertem a favor da CERCICIAGO, Cooperativa para a Educação e Recuperação de Crianças Inadaptadas de Sines e Santiago de Cacém. O programa: no dia 25, «24 Imagens por Segundo» e «Uma Abelha na Chuva» de Fernando Lopes; no dia 26, «Júlio de Matos... Hospital?» e «A Fuga» de Luís Rocha; no dia 27, «O Relógio» e «Ruínas no Interior» de José Sá Caetano; no dia 28, «Gente da Praia da Vieira» de António Campos e «Madrugada» de Luís Couto; no dia 29, «Para Onde Vai o Homem» e «Deus, Pátria e Autoridade» de Rui Simões. Finalmente, no dia 30, «O Encoberto» e «Histórias Selvagens» de António Campos.

TAP EM CENA

Nem só de ar vive o homem: e aí está o grupo cultural e desportivo da TAP, que em má hora alcunharam de Air Portugal, a realizar o seu espectáculo, no dia 24 de Setembro, pelas 21 e 30 no Teatro Maria Matos em Lisboa. Deste grupo se poderá dizer: promete grandes voos.

TRÊS DIAS DE PLANETÁRIO

Para o fim-de-semana que amanhã começa há programa no Planetário Calouste Gulbenkian: às 16 horas, na vastidão do espaço (da Terra aos confins do Universo); às 17 e 30, o planetário e o Cosmos (uma breve revista do Univeso através do Planetário).
Em nota anuncia-se: dada a complexidade dos assunto tratados não se considera aconselhável a assistência de menores de 13 anos às sessões que se realizam às 16 horas.

ROGÉRIO RODRIGUES

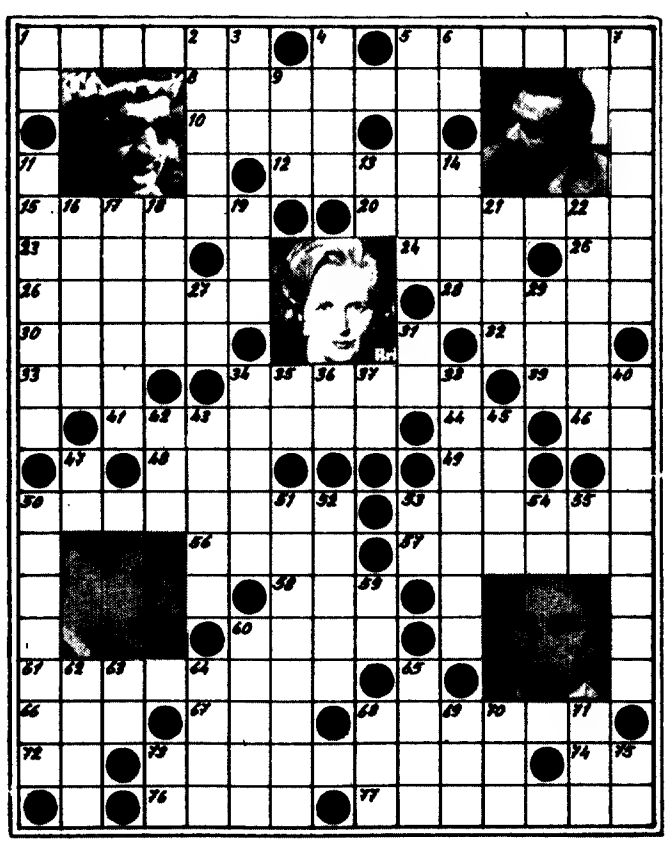
---

sete PONTO sete

Sete Ponto Sete, suplemento das sextas-feiras do «Diário de Lisboa». Responsabilidade editorial: João Mendes. Colaboradores permanentes: Jorge Leitão Ramos, Carlos Porto, Mário Vieira de Carvalho, Ernesto Sampaio, Rogério Rodrigues, Manuel Anta. Colaboradores convidados: Duda Guennes, Carlos Pessoa, Manuel Cadafaz de Matos. O Sete Ponto Sete não se compromete a publicar colaboração não solicitada e os originais não publicados não serão devolvidos. Consideramos, porém, com o maior interesse, a correspondência que nos é enviada com pedido de publicação; deve ser dirigida a João Mendes, Redacção do «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa, com a menção «Suplemento Sete Ponto Sete».

Lisboa, 21 a 27 de Setembro de 1979

palavras cruzadas



VERTICAIS

1. Itérbio (s.q.); 2, Mete em mala; 3, Coisa (ant.); 4, Imperador de Roma célebre pela sua crueldade; 5, Porco selvagem da América; 6, Distar; 7, Adubo as terras com ajuda de estrume; 9, Chefe etíope; 11, Ave da Austrália; 13, Platina (s.q.); 14, Coisa ou pessoa bonita (fig. e fam.); 16, Escultor francês, autor da esculrura «O pensador»; 17, Perfumes; 18, Digo; 19, Irmão do pai; 21, Construção em porto marítimo que serve para o abrigo, conserto, carregamento e descarregamento dos navios; 22, Firma com a sua assinatura; 27, Frâncio (s.q.); 29, Naquele lugar; 31, Pronome pessoal; 34, Outro nome do espadarte; 35, Ouro (s.q.); 36, Nesse lugar; 37, Reis; 38, Salamaleque; 40, Nome por que ficou conhecida na história a revolta política de 30 de Abril de 1824; 42, Unidade de trabalho; 43, Dera mios; 45, Vale espanhol, nos Pirenéus; 47, Sódio (s.q.); 50, Maliciosas; 51, Astro dotado de luz própria, observável sob a forma de um ponto luminoso (pl.); 52, Cortar as árvores em toros; 53, Amónio (s.q.); 54, Lutécio (s.q.); 55, Acrescentando uma consoante é prefixo que designa ar; 59, Pertences; 60, Província da Argentina; 62, Cidade da Holanda; 63, Alteza Real; 64, Novecentos e cinquenta e cinco em romano; 65, Partidos; 68, Ave da família dos láridas; 69, Herdade delimitada por marcos; 70, Unidade CGS de aceleração; 71, Acrescentando uma vogal é rio de França; 73, Autores; 75, Tumor, o mesmo que arrieira.

HORIZONTAIS

1/15, É o dirigente da OLP, e vem a Lisboa assistir à Conferência Mundial de Solidariedade para com o Povo Palestiano; 5/20, Este antigo primeiro-ministro canadiano, chegou no domingo à tarde a Pequim para uma visita privada de dez dias; 8, Ser digno ou passível de alguma coisa; 10, Desejar; 12, Sopeiras; 23, Enrubesce; 24, Levanto; 25, Sua Majestade; 26/34, É o presidente do Governo espanhol e garante apoio à causa palestiana; 28, Poente; 30, Ilha do arquipélago de Sonda, a E de Flores, que pertencia em parte à Indonésia e a Portugal; 32, Genro de Maomé; 33, Ligue; 39, Ilha do Estado da Baía; 41, Juncais (fig.); 44, O mesmo que uma (ant. e pop.); 46, Prefixo que designa afastamento; 48, Zombar; 49, Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor); 50/61, O presidente Julius Nyerere da Tanzânia, encontrou-se recentemente com este primeiro-ministro britânico, com vista a injectar ritmo à conferência constitucional da Rodésia; 53, Estremecei; 56, Cabo da costa de Portugal; 57/68, «Há infiltrações de direita no PS», afirmou recentemente ao nosso jornal, este secretário nacional do PS; 58, O mesmo que três; 60, Amanhã (ant.); 66, Rio da Suíça; 67, Achaque; 72, Nota musical; 73, Cidade de Espanha, na Estremadura; 74, Artigo indefinido; 76, Antepassados; 77, Separara.

SOLUÇÕES

VERTICAIS:

1, Yb; 2, Emala; 3, Rem; 4, Nero; 5, Pacri; 6, Ir; 7, Estrumo; 9, Ras; 11, Cacatua; 13, Pt; 14, Suco; 16, Rodin; 17, Aromas; 18, Falo; 19, Tio; 21, Doca; 22, Assina; 27, Fr; 29, Ali; 31, Te; 34, Serra; 35, Au; 36, Aí; 37, RS; 38, Zumbaia; 40, Abrilada; 42, Erg; 43, Miara; 45, Aran; 47, Na; 50, Marotas; 51, Estrelas; 52, Torar; 53, Am; 54, Lu; 55, Ae; 59, És; 60, Chaco; 62, Baia; 63, AR; 64, CMLV; 65, Clás; 68, Ati; 69, Ero; 70, Gal; 71, Eur; 73, Aa; 75, Má.

HORIZONTAIS:

1/15, YASSER ARAFAT; 5/20, PIERRE TRUDEAU; 8, Merecer; 10, Amar; 12, Sopas; 23, Cora; 24, Iço; 25, SM; 26/34, ADOLFO SUAREZ; 28, Ocaso; 30, Timor; 32, Ali; 33, Una; 39, Ina; 41, Semeais; 44, Ua; 46, Ab; 48, Rir; 49, Mr; 50/61, MARGARET THATCHER; 53, Abalai; 56, Raso; 57/68, MANUEL ALEGRE; 58, Tre; 60, Crás; 66, Aar; 67, Mal; 72, Si; 73, Alcântara; 74, Um; 76, Avós; 77, Isolara.

Cinema

Dois filmes num festival

Uma rápida surtida ao Festival de Cinema da Figueira da Foz não dá para fazer um plano geral do acontecimento. Permite talvez, porém, captar pequenos pormenores, significativos **inserts** do único certame cinematográfico válido (não especializado) que se faz neste país; permite constatar que algo declina no Festival à medida que ele se institucionaliza; permite falar de dois filmes (**Amor de Perdição** de Manoel de Oliveira e **Hitler, um filme da Alemanha** de Hans-Jurgen Sybernerg) que, se mais não fora, justificariam uma edição do Festival.
Com efeito, algo está em vias de mudar: enquanto a «organização» se organiza em moldes eficazes (colmatando a eterna improvisação de última hora que, durante anos, a caracterizava), o público este ano presente na Figueira da Foz começa a revelar indícios de informe massa espectadora. Já não há os acalorados debates de há alguns anos, já não se discute o cinema e a vida com o empenhamento juvenil que habitualmente o Festival possuia. Entretanto há uma estabilização do público: críticos, gente ligada a cineclubes, faculdades, jornais, gente que perdeu o sentido do risco, da provocação e da polémica, gente cuja cultura cinematográfica adquirida impede a pública demonstração do erro, da dúvida ou do pressuposto, a descoberta colectiva do cinema. Pode afirmar-se que o espaço frutuoso de debate que o Festival da Figueira da Foz foi está em agonia. Nem um filme tão provocatoriamente moderno e tão publicamente controverso como **Amor de Perdição** obteve mais do que algumas mornas considerações. Esta a básica contestação num Festival que, por outro lado, parece, nalguns pontos, revitalizado. Com menos filmes do que estava sendo habitual (por opção? por recusa de filmes?) com melhores condições materiais de exibição, mais bem estruturados organizacionalmente, pareciam estarem criados alguns dos mecanismos que permitissem um incremento de interesse do certame.
Claro que em última análise são os filmes que marcam a craveira atingida por qualquer Festival. Este ano, apesar de muitas das obras exibidas serem meras antestreias de películas já compradas pela distribuição portuguesa e a apresentar no decorrer da época que ora começa, uma selecção curiosa foi efectuada: como vedetas de um cinema moderno, exigente e renovador, dois filmes — **Amor de Perdição,** quatro horas e meia de uma ficção portuguesa — **Hitler, um filme da Alemanha,** sete horas cujo desenrolar mágico, inquietante, lúcido e libertador estão já a marcar a História do cinema.
Amor de Perdição é uma surpresa: depois da catastrófica passagem na televisão (em série semanal), a realidade do filme exibido numa sala de cinema é assaz diferente. Construído sob o milimétrico respeito pelo texto de Camilo, **Amor de Perdição** foge a qualquer reconstituição naturalista da anedota do romance para se centrar numa encenação de um texto, numa cinematização fascinada e crítica de um universo romanesco, qual galeria de fantasmas que, pelo espaço breve/longo de um filme, se erguessem para celebrar as palavras, a paixão das palavras, a paixão da paixão. Levantando questões fulcrais na esfera do cinema (a abordar numa outra oportunidade), **Amor de Perdição** é um dos voos mais subtis que o cinema fez sobre a literatura, duas artes que tantas vezes se têm tomado como contraditórias e que este filme funde numa unidade extremamente produtiva.
Quanto a **Hitler, um filme da Alemanha,** espectáculo total em sete horas de fascinação e pesadelo, afrontamento de um artista alemão ao mito mais castrador da História da Alemanha, o melhor que se pode dizer é que se trata de uma celebração. Decidido a sepultar o incómodo espectro de Hitler, Syberberg fá-lo reviver, numa última oportunidade de defesa. Depois, é um lento e corrosivo esvaziamento do mito, uma recuperação dos sinais que conspurcou, uma responsabilização daqueles (e eram maioria imensa) que, democraticamente, o elegeram.
É impossível resumir em breves palavras o temor, o maravilhamento, a inquietação, a raiva, o riso, a paz que **Hitler, um filme da Alemanha** destila no seu percurso. Nem perscrutar os múltiplos aspectos analisados de um mundo em que a influência de Hitler é determinante. Importará dizer que o filme volta a ser exibido, no Festival, domingo de manhã e que a experiência de a ele assistir è algo de tão espantoso que merece uma viagem até à Figueira da Foz. Importará sugerir à organização do Festival que tente, de algum modo, exibi-lo em Lisboa (na sala do Palácio Foz ou na Gulbenkian, por exemplo): trata-se de um filme por quem todos os esforços são poucos, já que é praticamente certo que, dada a sua duração e a sua estética nunca será passado comercialmente em Portugal.

J. L. R.

AMOR DE PERDIÇÃO: a surpresa de descobrir a paixão por um texto

HITLER, UM FILME DA ALEMANHA: sete horas de temor e fascínio numa obra que marca a história do cimena

Uma curiosidade cinematográfica

Quem, ao assistir a um filme falado numa língua incompreensível, não imaginou diálogos que o transformassem em algo de diferente e, sobretudo, divertido? Esta ideia tiveram-na Pedro Bandeira Freire e Raul Solnado e passaram-na à prática: pegando num daqueles filmes de **kung-fu** que Hong-Kong e a Formosa fabricam com a presteza com que por cá se exporta concentrado de tomate, legendaram-no de forma completamente dispar da que estava nas intenções dos seus «autores».
Temosassim o Shó-Riço à porrada ao bando do Shun-Gozo Mao com a ajuda da bela Shá-De Tília. O resultado de um tal trabalho poderia ser extremamente divertido e subvertor do cinema de **kung-fu**. Poderia ser mas não é e já vamos ver porquê.
Em primeiro lugar a qualidade da matéria-prima. O filme escolhido é tão mau, tão mau que só com extrema manipulação (ou, mais simplesmente, fazendo outro) se poderia emprestar-lhe algum interesse. Embora não tenha cronometrado posso garantir que 80% da sua duração são ocupados com cenas de pancadaria que, ao fim de alguns minutos, se tornam tão irremediavelmente repetitivas e chatas que não há paciência que resista. Os diálogos são portanto poucos e amanipulação encontra escassos momentos para se efectivar.
Em segundo lugar, diga-se, a inventiva na criação dos diálogos portugueses não é muita: Pedro Bandeira Freire e Solnado a uma efectiva subversão do **kung-fu** (criando nomeadamente uma história que, de tão vincadamente imbecil, servisse para desmontar a inanidade desses filmes) preferiram a piada pontual, isolada. Por vezes tem graça, muitas vezes não tem. Para mais, o não terem deliberadamente encadeado qualquer história no corpo do filme (tratando, portanto, cada série de diálogos como praticamente autónoma) despe o espectáculo final de qualquer coerência.
O resultado é, assim, descosido e sem interesse, descontando a intenção (curiosa e, ao que sei, inédita). O certo porém é que, a partir da ideia que presidiu a **Kung-fu à Portuguesa** (assim se titula o filme que o Quarteto vai exibir), é possível fazer um trabalho realmente divertido e desmistificador. Parece que Pedro Bandeira Freire tem um outro filme para o mesmo fim. Se colher bem a lição dos erros desta experiência talvez a próxima seja bem sucedida.

J.L.R.

CINE/PONTO

Intimidade de Woody Allen (USA-1978)

Enquanto se aguarda, com expectativa, a chegada de **Manhattan** o penúltimo Woody Allen faz sucesso em Lisboa. Com inteira satisfação de todos que consideram **Intimidade** um dos mais apaixonantes filmes do ano.

Cinema ABCine — sala A (14.30, 16.30, 18.30 e 21.30h.) (não acons. men. 18 anos)

A Rapariga na Zona Quente de Paul Schrader (USA — 1978)

Mais relevante, porém, que o êxito de Woody Allen (já um consagrado com direito ao estatuto de autor) é a atenção que está a despertar **A Rapariga na Zona Quente,** a revelação vigorosa de um realizador (Paul Schrader), de uma actriz (Season Hubley), a confirmação de que a nova geração de cineastas americanos se impõe a golpes de arrojo, eficácia, talento.

Cinema Quarteto - sala 4 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h) (interdito a men. 13 anos)

Uma Lição de Amor de Ingmar Bergman (Suécia — 1954)

A reposição periódica de velhos filmes de Bergman, a redescoberta constante do grande mestre sueco, são factos já habituais. Desta feita é **Uma Lição de Amor,** um filme que, apesar de menor na carreira de Bergman, permanece fresco e divertido como há vinte e cinco anos atrás.

Cinema Satélite (15, 17, 19 e 21.30h) (não acons. men. 13 anos)

Amor Entre Mulheres de Robert Van Ackeren (RFA)

Repescado pelo Pedro Bandeira Freire para um merecido sucesso, **Amor Entre Mulheres é o Kitsch** levado até à exasperação num mecanismo subvertor de todos os maus-gostos e convencionalismos.

Cinema Quarteto — sala 2 (15, 17, 19, 21 e 23h) (interdito a men. 18 anos)

Em Nome do Papa-Rei de Luigi Magni (Itália — 1977)

Irónico e céptico, nitidamente anti-clerical, «**Em nome do Papa-Rei** é uma atenta viagem ao reinado pontifical nas vésperas da entrada de Garibaldi em Roma. Um humor que se estende às pessoas, classes, objectos e **décors,** a descoberta (?) de um actor Carlo Bagno), um discurso que assinala o princípio do fim do compromisso histórico (e estávamos em 1977)

De facto Kitch

Cinema Cine 222 (14.15, 16.30, 19 e 21.30h.) (não acons. men. 13 anos)

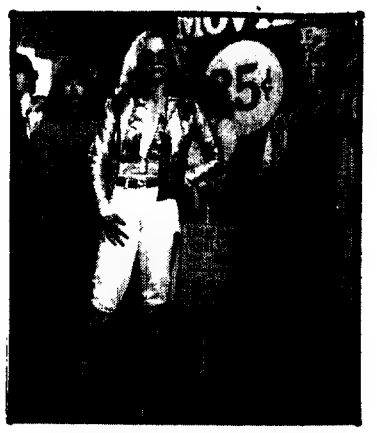
Um Dia Inesquecível de Ettore Scola (Itália — Canadá-1977)

Compromisso histórico, eis o cerne deste trabalho de Scola, brilhante e evidentemente laureável, mas que certas cedências tácticas tornam portador de um infeliz oportunismo.

Cinema Quarteto — sala 3 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30h) (Não acons. men. 18 anos)

O Céu Pode Esperar de Warren Beatty e Buck Henry (USA — 1978)

O maior sucesso do Verão continua. Apenas simpático na sua escorreiteza, **O Céu Pode Esperar** não merece tamanho êxito.



Na zona quente

Cinema Apolo 70 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30) (não acons. men. 13 anos)

007 — Aventura no Espaço de Lewis Gilbert (G.B. — França — 1979)

O regresso do campeão da ideologia consumista e desumanizada da sociedade burguesa na sua fase imperialista. Cenários de Ken Adam como único ponto de interesse desta lixeira descomunal de uma civilização.
Cinemas ABCine — sala B (14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45h) e S. Jorge (15.15, 18.15 e 21.30) (não acons. men. 13 anos)

Música

TEATRO MUSICAL, 1979

Ópera checoslovaca de Praga a Bratislava

Mário Vieira de Carvalho

PETER GRIMES, ópera do compositor inglês Benjamin Britten, teve na Primavera de Praga deste ano uma realização que penso poder ser considerada modelar, à escala internacional (e não apenas do ponto de vista da situação específica do teatro musical checo). A grande quantidade de papéis individuais, sobressaindo da massa coral, pôs em relevo a profundidade da acção de recrutamento e preparação artístico-profissional dos actores-cantores e, mais uma vez, o espírito de equipa, a disciplina colectiva, que rege o seu trabalho. Aqui, a importação de uma «estrela» inglesa, o cantor Albert Remedios (no papel de Peter Grimes), pode inserir-se com total rigor e coerência no conjunto dos elementos da encenação, contribuindo sem dúvida para fazer avultar a dimensão psicológica e o patetismo do protagonista, cujo drama interior o intérprete soube assimilar inteiramente a compor com perfeito domínio dos meios de expressão vocais-cénicos.
Movendo-se em cenários admiráveis (onde a presença do mar, sugerida ou expressa, inclusive através de projecções cinematográficas, era uma

constante) a massa de personagens e figurantes foi firigida com um sentido de eficácia dramática que transformou cada cena (fossem as cenas de rua, à beira-mar, e do tribunal, a da taberna, envolvendo numerosos intervenientes, fossem as cenas mais centradas nas personagens principais) numa imagem viva, na linha realista, do seu conteúdo emocional, ético, ideológico, social. Com virtuosismo de meios técnicos de cena (o cenógrafo Vladimir Nyvult é um notabilíssimo representante da escola de Svoboda, que tão preciosa contribuição tem dado ao teatro em geral e ao teatro musical em particular como acentuaria o Prof. Joachim Herz da Ópera Cómica de Berlim, ao inaugurar uma exposição em Praga das actividades desta última) mas colocados inteiramente ao serviço das linhas de significação da obra (sem resvalarem em nenhum momento para o mero «efeito») e com a supervisão global do encenador Ladislav Stros, dando ao todo a organicidade, a interdependência, a coesão, do gesto individual à composição do grupo, da luz dominante à cor e concepção dos figurinos, da interioridade de cada personagem ao pano de fundo geográfico-social, recriou-se com impressionante força expressiva a atmosfera e o estado de espírito colectivos típicos de um povo (o britânico) que explica este drama singular: estes dramas singulares à Britten, onde o sexo e a política se apagam, onde tudo, a bem dizer, se passa à margem dos conflitos tidos por mais fundamentais ou envolventes.

Dramas bem diferentes dos que motivaram um Janacek, autor checo que vem sendo redescoberto ultimamente como músico e como compositor dramático. Em «Katia Kabanowa», uma das suas obras-primas, aliás já conhecida do público português, bem pode afirmar-se que é a problemática da mulher e da sua emancipação que está no centro de todo o drama. Valeria a pena fazer um estudo (se é que ele ainda não foi feito) sobre a posição deste homem (que com um espírito tão jovem voltou a amar aos setenta anos) relativamente à mulher e ao amor. Ao contrário de muitos artistas informados em ideias progressistas, onde o social (na sua expressão mais directa de luta de classes) determina o conteúdo fundamental das obras, Janacek chega ao social indirectamente, através do intimismo de situações e conflitos onde o elemento determinante é a posição da mulher no amor e na família. O seu radicalismo antiburguês, aproximável do expressionismo alemão, encontra-se, como neste, muito ligado ao sexo. Debaixo de fogo estão, para Janacek, o casamento que significa mulher-objecto-de-prazer, a hipocrisia religiosa que salvaguarda a ordem familiar tradicional assente na repressão dos direitos da mulher, a mentalidade burguesa e a sua ética baseada na propriedade privada. Ao mesmo tempo, joga em tudo isto a contradição entre amor sensual ou carnal (incompleto) e amor espiritual (totalizante), contradição que emerge também em quase todas as óperas de Wagner: o primeiro liga-o Janacek à relação legal, ao casamento, em que a mulher não ama; o segundo às relações ilícitas em que dois seres se libertam das barreiras das convenções burguesas para assumirem o seu entendimento profundo, o seu amor autêntico. Em «Katia Kabanowa», a protagonista é a mulher-objecto que toma consciência da necessidade de se libertar, mas vive oprimida pela hipocrisia da moral estabelecida, personificada pela relação sogra/tio Katia suicida-se, no final, porque ela própria representa a contradição entre dois sistemas de valores e não resiste à auto-repressão interior.

Quando ganha toda a dimensão, morre. Foi no sentido exploratório destes significados a um tempo ético e sociais que se desenvolvia toda a acção cénica da produção do Teatro Smetana, a que assisti também no âmbito da Primavera de Praga, com encenação de Karel Jernek e cenários de Josef Svoboda.

Interpretações notáveis, nos diferentes planos (cénicos e vocais) de Gabriela Banackova-Capova e Libuse Marova nas principais personagens femininas

Nesta, como na produção anteriormente referida, colaborações de elevado nível do coro e orquestra sob a direcção respectivamente dos maestros José Kuchinka e Josef Chaloupka.
Para assinalar o Ano Internacional da Criança, meiso consideráveis foram agenciados na Primavera de Praga. Encomendaram-se obras (especialmente destinadas a auditórios infatis) a compositores checos contemporâneos, programaram-se vários concretos com participação de pequenos cantores, em agrupamentos corais com ou sem acompanhamento instrumental, montou-se um novo espectáculo de raiz, concebido por Jiri Pauer, estreado no Teatro Smetana.
Refiro de passagem, em particular, o concerto realizado na Sala dos Artistas pelo «Coro Kühn» e pelo «Coro Kühn de Pequenos actores», associados a um conjunto instrumental, concerto em que foram dadas em primeira audição obras escritas numa linguagem moderna (levando em conta as aquisições do pós-guerra mesmo quando assumia maior ou menormente a tonalidade) da autoria de Jiri Dvoracek (N. 1928), Vaclav Lidl (n. 1922) e Ivan Kurr (n. 1947), além do clássico deste século que é Bohuslav Martinu (1890-1959).
O ponto culminante, neste grupo de manifestações infantis, foi, porém, o espectáculo mimado e dançado de Jiri Pauer (sobre libreto de Jan Rey), numa realização da Companhia do Teatro Nacional, compreendendo a participação também de pequenos dançarinos.
Os valores cénicos e baléticos superaram aqui o interesse da partitura, vasada no formulário da tradição tonal. A coreografia, os figurinos e a cenografia resultavam coerentes entre si, e a música (executada pela orquestra do teatro) adequava-se funcionalmente à acção. Entrando em termos de comparação, o conjunto não tinha, contudo nem a força, nem a densidade, nem a vivacidade de «O País Bum-Bum», também dedicado ao público infantil, que vi meses antes na Bienal de Berlim (DL de 31/8/79). Convém não deixar passar, em todo o caso, o significado deste espectáculo, sinal de que na Checoslováquia se está a investir substancialmente na promoção cultural da gente nova.

«AIDA» EM BRATISLAVA

Finalmente, a **Aïda** de Verdi, cantada em eslovaco no Teatro Nacional de Bratislava. O que desde logo sobressaía nesta realização, da responsabilidade do encenador Julius Gyermek, era o rigor da concepção global, integrando na mesma linha ou no mesmo código de significações a direcção de actores, os figurinos, a cenografia, a luz e a cor: não houve ao longo de toda a representação uma nota discordante, nem na performance individual, nem na movimentação do coro nem em qualquer outro aspecto da cena. Tudo sóbrio e correcto no seu lugar, concentrando no humano as atenções do espectador, eliminando completamente a tentação para a demagogia ou para o espectacular, tão frequente nas encenações desta ópera. Notáveis, entre os actores-cantores, Luba Baricova (Amneris), Eva Depoltova (Aida), Frantisek Livora (Radamés), Robert Szücs (Amonasro).
Excelente nível musical de todos os participantes, incluindo o coro e a orquestra, sob a direcção de Tibor Freso.
Bratislava, «entreposto musical» da Europa Central (por onde passaram os maiores músicos e onde têm trabalhado ao longo dos séculos grandes artistas), fica a cerca de 60 quilómetros de Viena, uma das mais importantes capitais musicais do velho continente. Depois de ver esta «Aïda» compreendi a razão por que os amadores de ópera vienenses frequentam tão assiduamente (como me informaram) o Teatro da vizinha Bratislava, também banhada pelo Danúbio. É que, embora não encontrem aqui as estrelas internacionais da Ópera de Viena, têm em contrapartida, a oportunidade de assistir a espectáculos de grande qualidade global e de acesso muito mais democrático: um cidadão austríaco, que gastaria uma pequena fortuna para conseguir um bilhete na Ópera de Viena, pode dar-se ao luxo de fazer a viagem de táxi até Bratislava, pedir ao motorista que espere para levá-lo de retorno e, depois de uma espléndida Aïda (por exemplo), deitar contas à vida e chegar à conclusão de que ainda poupou dinheiro!...
Note-se, por fim, que o Teatro de Bratislava, de proporções e características (setecentistas) muito semelhantes à do nosso S. Carlos, foi recentemente remodelado.

Criou-se, anexo às traseiras do efifício e com um perfeito sentido de adaptação e junção arquitectónica, um complexo destinado aos serviços de apoio (incluindo camarins e outras instalações sem as quais não se pode trabalhar). Isso permitiu libertar espaço no edifício antigo e alargar o palco, tornando-o mais versátil.

Sociedade

Três ingleses doid

Ernesto S

André Breton, que não acreditava na loucura, encontrou uma vez um louco, num hospital militar, que não acreditava na guerra (ver **Point du Jour**). Acabado de regressar da frente de batalha, esse homem, a quem as eminências daquele tempo (1917) não pouparam nenhum dos pormenores da sua obra grandiosa, encontrava-se num estado de incredulidade perfeita. Todos aqueles cadáveres que tinha visto à sua volta, ou eram falsos (em cera, pretendia ele) ou haviam sido ali postos na véspera. O inferno das primeiras linhas de combate era apenas uma encenação imaginosa, um tormento que alguns inimigos pessoais, agindo com fins inconfessáveis, tinham pretendido infligir-lhe, como se, comentava ele ironicamente, «fosse nula a sua capacidade de resistência ao que passa por **ser** e torna mais ou menos impossível o que **não é**»...

A sabedoria das nações cauciona, como prova de maturidade, o cada um deixar-se levar pela corrente do seu tempo. Mas o que é o tempo se não areia onde os desenhos do que se nos impõe como **realidade** duram apenas enquanto o vento não sopra?

Na verdade, quem está mais desarranjado do espírito: o que aprende a mover-se com naturalidade entre todos os horrores que vêm ao seu encontro, ou o que, por exemplo, não quer morrer e enlouquece para escapar a essa visão?

Vista a esta luz, é frágil e estreita a ponte que separa o riso da loucura, e no fundo do abismo cachoam todas as lacunas do mundo, para onde à viva força os meirinhos do senso comum querem empurrar-nos.

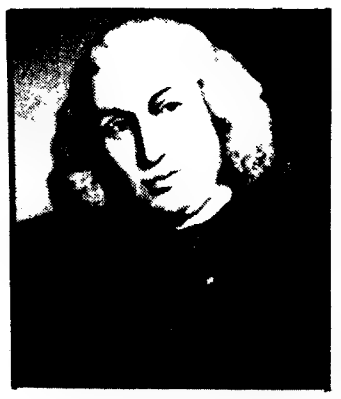
Parece, de facto, como Breton assinalou soberbamente, que continua a ser «um escândalo para alguns a paixão e a inspiração persuadirem-se de que só têm necessidade de si próprias».

Ilustração de Edmond Perot par for

Por uma destas coincidências em que às vezes a magia do quotidiano encontra maneira de se manifestar, acabei de escrever as linhas acima transcritas e logo o acaso encaminhou os meus passos até ao escaparate de um alfarrabista, onde o primeiro livro que se me impôs à atenção foi «Tre Inglesi Pazzi», de Maria Luísa Astaldi (Rizzoli, Milano, 1974), título revelador e emblemático de uma obra italiana dedicada à biografia de três dos maiores expoentes da literatura inglesa setecentista, Jonathan Swift (1667-1745), Samuel Johnson (1704-1784) e William Beckford (1759-1884). Os três ensaios, independentes uns dos outros, articulavam-se em redor do tema comum da «loucura», daquela veia de extravagante insensatez que constitui o denominador comum das vicissitudes existenciais destes artistas, à primeira vista tão diferentes, e até opostos, entre si.

De carácter conflituoso, esquivo, ácido, misantropo, Swift; cordial, contemporizador, amigo da bebida e da boa mesa, Johnson; excêntrico, maníaco, megalómano, o «califa» Beckford — os três avizinham-se nas relações irrisórias que mantiveram com os seus contemporâneos, no vazio que a sociedade recortou à sua volta, na áspera infelicidade que caracterizou as suas existências.

Na idade do refinado «viver em sociedade», do máximo desenvolvimento daquelas estereotipadas convenções sociais que constituem o universo protegido e confiante dos personagens de Jane Austen e do triunfalista «viveram felizes e contentes» que coroa as aventuras sentimentais dos romances de Richardson ou de Fielding, o dado mais evidente na vida dos três autores biografados no volume que temos entre maõs foi a sua dificuldade nas relações com os outros, a profunda solidão que lhes minou a vida afectiva, impelindo-a para um curso irregular e desgraçado. Swift, egoísta e misógino, apesar de amado e adorado por duas mulheres — a Stella do **Journal to Stella** e a Vanessa que morreria de dor, não



Samuel Johnson

vendo a sua paixão correspondida por Jonathan — revelou-se toda a vida incapaz de não se aborrecer, trocando sempre por pragas as doces palavras que ao amor convém («o casamento tem muitos filhos», dizia ele: «Arrependimento, Discórdia, Pobreza, Ciúme, Doença, Bocejo, Desgosto, etc.»). Johnson começou por se ligar a uma absurda figura de mulher, velha e bêbeda, depois permaneceu o resto da vida terna e pateticamente devotado a uma tal Mrs. Thrale, a quem não quis dedicar mais do que uma amizade

dos

Sampaio

esquiva e protectora, abruptamente encerrada com a «traição» da mulher por ocasião do seu segundo casamento com o maestro italiano Gabriel Piozzi. Beckford, finalmente, recluso na dourada prisão voluntária de Fonthill, onde por únicos companheiros e confidentes tinha as personagens mágicas e portentosas do **Rolando Furioso,** das **Mil e Uma Noites** e as criaturas extraordinárias que

para «Vathek», de William Beckford

povoam o seu exótico **Vathek,** exauriu a pré-decadente incursão que fez na vida em turvas e complicadas experiências amorosas, primeiro com a prima Luísa (uma rebolada matrona que

Jonathan Swift

deste mundo provou de tudo) e com o permissivo «Kitty» Courtenay, depois com todo um grande povo de machos e fêmeas de todas as idades, escolhidas ao acaso na noite nevoenta, com o auxílio da luz mortuária dos lampiões de Londres. Mesmo confinado aos meros dados biográficos — e é este o nível a que se limita a autora do livro — o tema não deixa de apresentar-se estimulante, rico de implicações e susceptível de ulteriores aprofundamentos, constituindo valiosa achega para os que se empenham em trabalhos de crítica mais agudos e atentos, visando precisamente a análise em contra-luz de uma época como o século XVIII inglês — superfície dourada atrás da qual se ocultava o vulto mais secreto, mas nem por isso menos real, de uma sociedade do «século das luzes» cuja opulência imperial era a fachada que escondia a trágica condição do primeiro proletariado industrial selvaticamente explorado ou o estado de abandono e de miséria de uma «colónia» como a Irlanda, onde Swift nasceu e foi obrigado a viver.

Nesses 100 anos que vão da «gloriosa revolução» de 1688-1689 à revolução francesa e às guerras antinapoleónicas, operam-se mutações radicais na sociedade pela transformação geral da economia; sob o impuso do capitalismo agrário e mercantil, do nascimento da indústria moderna, a burguesia em ascensão imprime à evolução social da Inglaterra a sua fase mais dinâmica. No campo literário, os reflexos dessa revolução fazem-se sentir com intensidade: o alargamento do público de leitores e a criação de um mercado do livro com a sua exigência de uma literatura diferente, organicamente ligada às novas forças que emergem num contexto social em que o avanço da burguesia rompe o círculo fechado e elitista dos provisores da corte e da aristocracia rural, favorecem, por um lado, o nascimento do romance de De Foe, Richardson ou Fielding e, por outro lado, o desenvolvimento do jornalismo, ou melhor, da ensaística de jornal, pedagógica, normativa e estereotipada, que floresce, por exemplo, no **Tatler** de Steele, no **Mirror** e no **Lounger** de Henry Mackenzie, no **Rambler** de Samuel Johnson e sobretudo no **Spectator** de Steele e Addison.

O literato, já não dependente do favor e da benevolência de um protector-mecenas, começa a viver dos proventos directos do seu trabalho intelectual; de extracção burguesa, sujeito aos gostos de um público burguês, o artista setecentista, reclamando-se constantemente da razão e da natureza, na sua tentativa de racionalizar e enquadrar nos parâmetros do «bom gosto» e das regras o desenfreado individualismo da classe ascendente, cumpre organicamente a sua tarefa de porta-voz de uma sociedade que tende a elevar a categorias e valores universais e eternos toda a série de normas e privilégios que a burguesia vai conquistando.

Mas nem tudo o que essa sociedade criou, o que esse mundo e essa ideologia pretendem impor pode ser assimilado e contido nos limites estreitos de um código tão coerente e racional. Significativamente, o panorama literário setecentista apresenta muitos traços ambíguos e esfumados que revelam a outra face amarga e contraditória de uma estrutura social que, aos imperativos racionalistas, opõe, não só o livre fervor da imaginação, da extravagância e da anarquia, mas também uma polémica áspera e corrosiva contra a confiança incondicional na razão e a fé injustificada na bondade natural do homem e no futuro magnificente e progressista da Inglaterra burguesa e imperial.

Neste contexto, percebe-se melhor porque é que, em pleno século de convívio, a solitude foi a única ambição de Swift, Beckford e Johnson, no declinar das suas vidas. Ao preço de tudo quanto ela supõe de feroz e de fúnebre escreveram livros divertidos e, ainda hoje, jovens e justos.

Ainda cinema

CINEMA EUROPEU EM CRISE

Polémica no financiamento: selectivo ou automático?

O financiamento por parte do Estado para a produção de filmes é prática corrente em toda a Europa, quer sob a forma de financiamento selectivo, quer automático. Mas também é tradução das dificuldades permanentes, porventura do impasse que existe em conseguir uma simbiose da arte e indústria, criação e lucro. Em Portugal, que saibamos, o único cinema existente é financiado. E é um financiamento selectivo. Mal seria que fosse sobre as receitas sala, num tempo em que há filmes que não ultrapassam os 10 contos de receita e mais ainda que não conseguem uma sala para estrear, condenados à morgue da lata.

Mas o financiamento em Portugal levanta também muitas questões e não pequena polémica, já pelo seu carácter selectivo, já pelo que há de discutível em muitos reforços de orçamento, já pelos custos excessivos da pré-produção e ainda por um cinema cada vez mais experimental que entre nós se vai praticando para deleite de um número restrito de «cinéfilos».

Vemos que a maior parte dos cineastas portugueses não conseguem desenvolver uma actividade permanente, que é possível haver filmes que demoram mais de dois anos a realizar o que inviabiliza à partida em termos de lucro, qualquer filme. Por outro lado, acontece que os apoios do IPC não estarão porventura a obedecer a um sistema de prioridades que passa pelo financiamento de construção de pequenas salas a nível de província, que passa pela divulgação do filme português a nível nacional e que passará porventura, no actual estado de coisas, por uma maior ligação com a RTP, em termos de distribuição de encargos de financiamento.

RONDA EUROPEIA

Mas não é, neste momento, o caso português que nos interessa preferencialmente. Interessa-nos em termos de divulgação, traçar uma breve e incompleta panorâmica do que se passa na Europa Ocidental. Grande parte dos elementos aqui transcritos foram colhidos num estudo de Claude Degand, acrescentado de outra bibliografia de que a seu tempo daremos conta.

Assim passemos à **França.** A sua primeira lei de subsídio data de 1948. Este apoio é gerido pela CNC (Centro Nacional de Cinematografia) e é essencialmente alimentado por uma taxa adicional ao preço da cadeira. O subsídio à longa-metragem, que foi exclusivamente automático até 1960, foi mais tarde completado com um apoio selectivo através de um avanço sobre as receitas e por uma contribuição por parte da Televisão.

Na **Itália,** o Estado intervém no cinema desde 1927. A ajuda, alimentada exclusivamente pelo Orçamento, comporta múltiplas facetas. Os filmes beneficiam de subsídios automáticos e «preços selectivos». Contudo, esta boa vontade esbarra com uma burocracia administrativa. Na Banca Nazionale del Lavoro, por seu turno, existe uma secção especial de financiamento de filmes que concede empréstimos a taxas de juros muito vantajosas.

A República Federal da Alemanha adoptou já muito tarde o sistema do apoio. É complexo. Em resumo: o Instituto de Apoio, criado em 1968 é o responsável (o gestor) do apoio «económico» proveniente da receita/sala, apoio em grande parte automático, mas nitidamente selectivo a partir de 1974 com o financiamento de projectos, e, finalmente, pelo acordo, celebrado em 1974, com a TV para o confinanciamento de filmes. Há ainda um apoio «cultural» ao filme alemão assegurado pelo orçamento do Ministério Federal do Interior. Nos três países referidos está ainda reservada uma parte dos fundos para apoio às salas de cinema no sentido de encorajar os trabalhos de modernização ou mesmo de criação de salas em zonas onde elas escasseiam.

Em **Inglaterra,** a ajuda do Estado faz-se sentir de duas formas: o apoio propriamente dito, criado em 1957 e renovado por leis com a duração de 10 anos, apoio esse alimentado pela receita/sala e distribuido por via exclusivamente automática: e o Instituto Nacional de Financiamento (NFFC) que recebe uma determinada verba sobre o orçamento para emprestar à produção de filmes. Em 1976, foi introduzido um apoio selectivo através da atribuição de um empréstimo a partir da pré-produção (do guião).

Na **Suécia,** a partir da reforma do cinema proposta por H. Schein, em 1963, foi fundado um Instituto Sueco do Filme que gere um fundo de apoio alimentado por um adiantamento de 10 por cento das receitas das salas que, simultaneamente, são isentas das taxas dos espectáculos. Aqui a ajuda tem um carácter nitidamente selectivo ainda que os filmes beneficiem duma ajuda automática, ou seja, proporcional à receita.

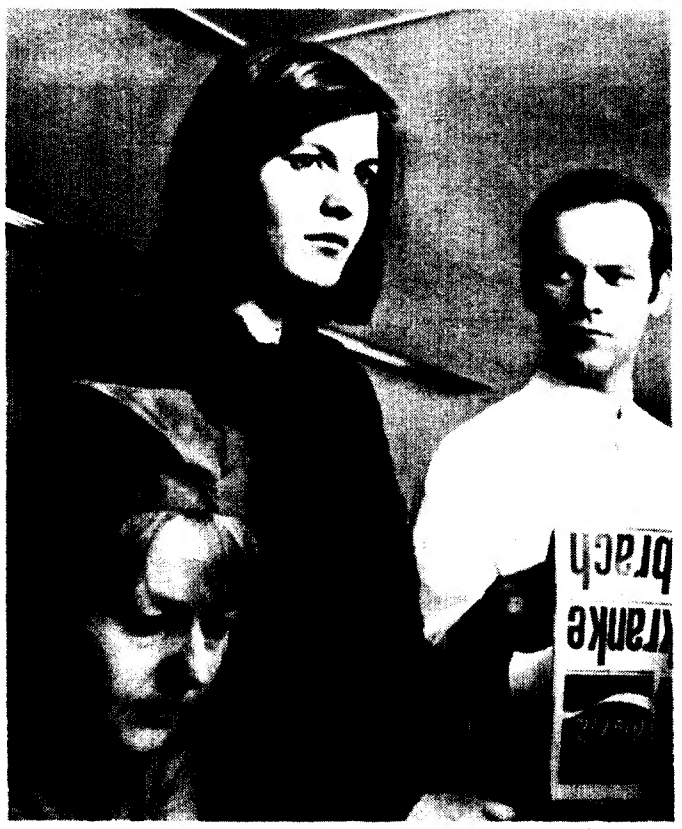
No que respeita à **Bélgica,** a ajuda automática proporcional à receita representa um papel mínimo na longa-metragem e, ainda muito insignificante, na curta. O apoio do Estado manifesta-se sobretudo em ajudas — em princípio reembolsáveis — concedidas por via selectiva pelos dois ministérios da Cultura e fornecidas pelo Orçamento do Estado.

Na **Holanda** é também o apoio selectivo o mais determinante nas longas metragens.

A **Dinamarca,** por uma lei de 1977 que revoga uma outra de 1972, dispõe hoje de um Instituto Dinamarquês de Filme que concede empréstimos reembolsáveis e compensações de défices às longas-metragens bem como subsídios à curta-metragem. Apoia ainda as acções de promoção do cinema nacional e as escolas de cinema existentes.

A **Suíça** dispõe, a nível federal, dum pequeno orçamento de cinema, permitindo encorajar por via selectiva, a produção de filmes, a preparação de argumentos, etc.

Em **Espanha,** o estatuto de cinema, e em especial o de regime de apoio, foi modificado pelo decreto real de 11 de Novembro de 1977, o qual, após haver fixado os critérios de nacionalidades dos filmes beneficiários, prevê ajudas automáticas (proporcionais às receitas) e uma ajuda selectiva repartida igualmente pela empresa produtora e pela equipa técnico-artística. Este apoio pode ser extensivo aos distribuidores, às salas, às indústrias técnicas e à exportação.



«A Honra Perdida de Katherina Blum» de Volker Schlondorf é um dos casos mais significativos no último cinema alemão de que com a participação financeira da Televisão se podem realizar filmes de qualidade a que aliam o êxito comercial

O ÊXITO OU A QUALIDADE?

Mas o dilema com que hoje se debatam muitos dos responsáveis pelos destinos dos apoios ao filme centra-se à volta do financiamento automático ou selectivo. E mais: como deve ser alimentado este fundo de apoio.

Se, por um lado, o apoio automático tem o perigo de vir a beneficiar preferencialmente o filme de êxito comercial, em detrimento do filme de qualidade, por outro, também a ajuda selectiva não deixa de ser contestada. Vale como exemplo o que disse em Londres, um antigo presidente do «Arts Council» ao lembrar ironicamente, que o risco corrido é o beneficiário do apoio selectivo ser tão ingrato que não se revele um génio...

Também em **França** este tipo de apoio foi fortemente criticado no Parlamento, durante um debate sobre o orçamento de 1978. E na República Federal da Alemanha é a ajuda selectiva aquela que gera maior polémica.

Uma pergunta deverá ser feita: este tipo de apoio resulta?

No entanto e talvez mais importante que responder a esta questão, será reconhecer que enquanto não for resolvido o problema das relações com a televisão e o filme nacional continuar a não ser protegido da concorrência estrangeira, difícil será tirar do apoio, seja selectivo seja automático, os resultados que se desejam. Acontece que na Alemanha, fitas há que, para além do apoio selectivo, foram confinanciadas pela Televisão. Foi possível assim lançar já no circuito comercial, com êxito filmes como «A Honra Perdida de Katherina Blum» de V. Scholondorf. Há já quem admita que a TV será uma máquina de «fazer nomes» e que os jovens cineastas alemães, saídos na esmagadora maioria do trabalho no pequeno «écran», poderão ser os grandes cineastas de amanhã das salas de cinema.

Também a Suíça tenta enveredar por um caminho idêntico. Certamente o telespectador português que tem segundo canal está ainda lembrado de dois filmes de Alain Tanner que passaram na RTP durante este Verão. Com efeito, na Suíça é preconizada uma política de cinema que assenta num pacto de tréguas entre as salas de cinema, a distribuição e a televisão e, passe a utopia, pela redução do fosso entre cultura e comércio. E mais: pela diminuição dos custos de produção e a sua adaptação às possibiliades financeiras do mercado, o aperfeiçoamento do «marketing» e da distribuição e, em síntese, a defesa e a promoção do cinema suíço, através da inovação criadora e do emprego a tempo inteiro. Como escreveu um profissional de cinema suíço «50 por cento dos trabalhadoresdo cinema estão no desemprego, mas 99 por cento dos filmes projectados na Suíça são estrangeiros».

A inovação criadora é uma constante da política sueca de apoio à produção designadamente através da promoção de filmes que afirmem a sua originalidade de estilo e tema.

Há ainda um outro sector importante a merecer apoio — o sector da exportação.

Todas estas medidas só serão eficazes desde que o filme chegue ao público, ou melhor, que o público encha as casas de cinema para ver produção nacional. Porque dificilmente qualquer cinematografia, por muita qualidade que tenha (e não é obviamente o nosso caso), se não conseguir público, não será minimamente rentável. E o filme é uma obra colectiva que é feita para ser vista.

Rogério Rodrigues

(NA PRÓXIMA SEXTA-FEIRA) «As relações entre o Cinema e a Televisão»

Teatro

José Caldas fala ao Sete Ponto Sete

Carlos Porto

José Caldas Neto nasceu em Itanhander, Minas Gerais, em 1945, Tem o Curso do Conservatório Nacional de Teatro do Rio de Janeiro. Foi actor em peças como «Senhora da Boca do Lixo», de Jorge de Andrade, «Albergue Nocturno», de Gorki, «O Pequeno Príncipe», de Saint-Exupéry. Em 1970 percorreu o Brasil com o Mini-Teatro da Guanabara. Foi actor e assistente de encenação (Zimbinski) na peça «A Celestina», e em «Álbum de Família», de Nelson Rodrigues.
O resto, ele vai dizer como foi...

TROCAR VÍTOR GARCIA PELO LINVING

Sair do Brasil, por algum tempo, tornou-se uma necessidade para mim. Não conseguia, envolvido como estava no processo, nas minhas contradições e na contradição geral, ter uma visão crítica de autocrítica sobre o que acontecia comigo, com o teatro, com os amigos presos, fora de lá, ou de cuca fundida, sem perspectivas de um trabalho mais profundo.
A experiência com o Living Theatre foi fundamental para uma reflexão e para uma crítica ao meu trabalho em teatro e para toda uma geração mais ou menos marginalizada pelo teatro comercial e que lutava por um trabalho experimental e com outra perspectiva ideológica.
Encontrava-me no momento a fazer «O Balcão», de Genet, numa superprodução de Rute Escobar, com encenação de Victor Garcia, num sistema de relações supercomerciais e de exploração.
Abandonei-o portanto para uma desestruturação, juntando-me ao Living para vivenciar o que chamei morte do teatro ou o colocar em causa o teatro convencional, os seus meios de produção, o sistema das estrelas, a dependência, o individualismo, enfim as estruturas burguesas em que estávamos mais ou menos inseridos. Digo mais ou menos, porque essa geração já tentava uma maneira alternativa de viver e trabalhar.
Essa desestruturação-reestruturação foi dolorosa pois era um confronto entre um grupo alternativo nova-iorquino e outro tupiniquim, onde as diferenças culturais desenvolvidas e as subdesenvolvidas se chocavam, resultando porém num trabalho que veio criar uma outra consciência no teatro brasileiro. Mas as opções para sobreviver ou vinham das telenovelas ou do teatro morto. Dediquei-me portanto a uma experiência mais individual, ao desenho, que me serviu como uma fase de reflexão e como viagem ao encontro de mim mesmo, de autoconhecimento. Foi quando conheci a dr.ª Nise da Silveira, psiquiatra da escola de Jung que me animou nessa nova forma de expressão e passei a trabalhar com ela no Hospital do Engenho de Dentro, na terapia ocupacional, em atelieres de desenho e experiências com jogos dramáticos e animação com os internados. Nesse novo campo de actividade realizei várias exposições individuais e colectivas e obtive um prémio no Salão do Acrílico, tendo participado no Salaõ de Verão do M.A.M. Nessa altura fui contratado pela Editora Civilização Brasileira onde fiz inúmeros trabalhos gráficos e consegui, assim, meios para viajar.

A TENTAÇÃO DO 25 DE ABRIL

Em Paris, trabalhando de porteiro nocturno num hotel, comecei a frequentar a Escola de Belas Artes como aluno livre. Aí me iniciei na banda desenhada e tive oportunidade de assistir a muitos trabalhos teatrais e especialmente de acompanhar os ensaios e participar no treino diário do «Teatro do Ridículo», de Nova Iorque.
Em Londres, trabalhando como lixeiro na Selfridges, frequentei um curso de mímica e movimento, e assisti aos ensaios do espectáculo de mímica, «Flowers», de Lindsay Camp. Depois de dois anos fora do Brasil, encontrava-me mais relaxado e com mais energia, além de mais enriquecido experiencialmente, o que me dava forças para voltar e lutar por um teatro que me desse mais prazer e aos outros. De volta passei por aqui, cheguei doze dias antes do 25 de Abril e pude assistir e vivenciar essa grande reviravolta que com o maravilhoso 1.º de Maio de 1974 me aliciaram para aqui ficar, além das profundas amizades criadas.
Foi um princípio bastante difícil. Realizei exposições de desenho mas, apesar das pessoas gostarem do meu trabalho, nessa época não se vendia nada. Comecei a trabalhar para o «República», a fazer charges políticas em banda desenhada, e para várias revistas como o «Evaristo». Criei e organizei com o Carlos Barroco a Feira do Camões, uma tentativa de trazer as artes plásticas para a rua, que não teve maior alcance por falta de apoios oficiais.
Comecei a trabalhar com animação no Instituto Adolfo Coelho, que foi uma experiência importantíssima, pois conseguimos — a equipa de animação — que os meninos chamados «atrasados mentais» construíssem um circo num galpão abandonado onde criaram espectáculos circenses com palhaços, forças combinadas e jogos dramáticos. Mas o choque de uma experiência pedagógica a nível criativo com um ensino estabelecido e directivo e o nosso próprio sectarismo na altura provocaram a nossa saída após oito meses de trabalho.

Nessa altura fui convidado pelos Cómicos para participar na montagem da «Noite dos Assassinos» como assistente de Angel Fácio. Com o decorrer do trabalho passámos a fazer juntos a encenação do espectáculo. Fizémos um longo trabalho de pesquisa sobre o incosciente colectivo do povo português marcado por tantos anos de fascismo e sobre os mecanismos de repressão usados pela família para perpetuar esse sistema. A adaptação para a realidade portuguesa desembocou num espectáculo de grande agitação. Foi um trabalho bastante duro, pois além da encenação acumulei as funções de produção, aderecista e coordenador.
Voltei a trabalhar com a Teté, agora numa parelha de palhaços, percorrendo todo o país num trabalho de descentralização em apoio às comissões de moradores, cooperativas agrícolas e organizações para a infância. O nosso trabalho incidia sobre o quotidiano social mostrando através dos números clássicos dos faz-tudo as contradições da sociedade, a luta de classes.

UM GRUPO LUSO-BRASILEIRO

Terminámos essa experiência contratados pelo Museu de Miranda do Douro para animação cultural em todas as escolas do distrito e espectáculos nas aldeias. Em Lisboa, trabalhei na Comuna, dando continuidade ao trabalho de animação iniciado. Nesse ano, reunimo-nos, eu, a Águeda Sena, Dalton Salem Assef e Geraldo Touché e fundámos a O.T.C. — Oficina de Teatro e Comunicação SCARL —, uma cooperativa que reunia profissionais não só do teatro mas também com experiência pedagógica, artistas plásticos, fantocheiros e jornalistas preocupados com a comunicação em geral. Além da montagem de um espectáculo experimental, «A Grade», que discutia a realidade portuguesa antes e após o 25 de Abril, iniciámos um trabalho de formação de professores, iniciativa da Direcção do Ensino Básico. Esses seminários além de sensibilizarem os professores para um trabalho criativo, iniciava-os no movimento e drama, no trabalho de grupo, teatro de fantoches, no conhecimento do corpo, e a desenvolver formas de comunicação com a criança. Trabalho esse a que temos dado continuidade até hoje e que tem obtido os melhores resultados práticos. Era o ano de 1975 e percorremos com o espectáculo todo o distrito de Évora e Beja, inclusive, em sítios onde nunca haviam visto teatro. Em Lisboa, realizámos vários ensaios públicos com a peça, no ARCO, testando o espectáculo e discutindo com o público da sua validade e acertando a sua fase final antes da digressão. Nessa altura, o director da FAOJ, entusiasmado com o nosso processo de trabalho, propôs-nos uma actividade no distrito de Setúbal onde trabalhámos durante seis meses com o apoio daquele organismo, com mais de trinta grupos amadores. Montámos então a «Boda dos Pequenos Burgueses», de Brecht, que percorreu todo o distrito. Criei um espectáculo da rua, com cabeçudos e pequenos **sketches** improvisados sobre as relações da família pequeno-burguesa que seria de animação-produção do espectáculo nas aldeias e envolvia os elementos dos grupos amadores que participavam, criavam personagens, mascaravam-se para o grande desfile do dia da apresentação da peça. Foi muito estranho, nessa época em que tanto se falava em descentralização, o alheamento dos órgãos de informação e dos estudiosos do teatro a esse trabalho.

A VEZ DE PLÍNIO MARCOS

Já em Lisboa, e com problemas económicos, montámos «A Navalha na Carne» de Plínio Marcos, incluída na preocupação da cooperativa de um teatro que debatesse o quotidiano social. Na província, mais uma vez conseguimos grande acolhimento do público e realizámos debates sobre os temas que mostravam o grande interesse das populações e o valor desse diálogo. É de notar a importância desse espectáculo que de certa forma contribuiu para novas experiências nesse sentido, como a montagem pela Seiva Trupe de «Perdidos na Noite Suja», do mesmo autor, e as novas peças de Bernardo Santareno que tratam do mesmo assunto — os marginalizados.
Nessa altura, como havia outros elementos da cooperativa que não participavam como actores na «Navalha», idealizei para este núcleo um espectáculo para crianças, e crianças grandes, com base nas canções infantis tradicionais portuguesas e brasileiras: «Oh! mãe deixa-me ver o ai, ai minha machadinha». Foi um trabalho colectivo em que os actores elaboraram um guião, a Águeda fez o trabalho corporal e movimento, e eu dirigi o espectáculo, preocupado em estabelecer uma relação sem paternalismos com a criança, confiando na sua inteligência e procurando uma linguagem poética porque mais próxima do mundo infantil.
Realizei nessa época, com o CITAC, alguns meses de um curso de formação de actores com base no método de Stanislavski.

Continua na pág. 8

Arte ofendida

João Mendes

Gestores das multinacionais, quebrai as grilhetas que vos amarram à culpa! Chegou o tempo de esmagar a ideologia económica neoclássica e de deixar vir vingativamente à tona a libertária metáfora Keynesiana: ninguém como vós tem sido tão erradamente escravo de economistas defuntos. Já todo o público sabe que não é o consumidor quem manda no mercado...
Não é um anónimo medicado por qualquer antipsiquiatra quem vo-lo diz: é Galbraith. Sim, John Kenneth.
E não vo-lo diz por compaixão, nem porque receie pelo vosso futuro — ele está pelo contrário convencido de que o futuro é vosso.
Di-lo por um «sentimento de arte ofendida»!
Íntimo das vossas empresas, enfadado pela ansiedade e pelo tom obsessional do discurso que se lhes refere, convida-vos a assumirem sem mais equívocos a vossa própria defesa. O Ipiranga, príncipes. Maquiavel o diz.
O gestor teve de comprar dois políticos? Teve de comprar um Governo? Faz mal em o negar. Influenciou o derrube de outro? Deve admiti-lo. Nega, num país estrangeiro, que a sua empresa controla o poder? Mais são seria reconhecê-lo.
Esconde que quiz alterar boa legislação em vigor? Deveria antes proclamá-lo.
Escandaliza-se quando o acusam de querer sufocar uma infinidade de pequenas empresas? Deveria orgulhar-se disso.
Sente-se acossado porque não é senão retórica a sua lealdade para com o país onde nasceu e para com aquele onde trabalha? Deveria exultar por pertencer ao novo funcionalismo internacional que o capital tornou definitivamente apátrida.
Um «sentimento de arte ofendida»: John Kenneth joga muito forte, e a sua terapêutica de «desocultação» não visa apenas as úlceras dos gestores: se o poder das multinacionais é inelutável, se são as herdeiras «naturais» de toda a história do comércio internacional, se o futuro lhes pertence, se não passa de um conjunto de balelas a possibilidade de inverter a marcha do desenvolvimento desigual... Porquê, porquê, ter interiorizado essas acusações de perversidade? Porquê a vergonha estampada no rosto ou mordendo nos nervos do «futuro»? Mais valia, desabafa cansado, que o espectáculo institucional que as multinacionais oferecem — e que é, escusado será lembrá-lo, o espectáculo dos espectáculos do nosso tempo — ensinasse as suas vedetas a assumirem a realidade do que fazem nos sucessivos palcos, em vez de as empurrarem para justificaçoes autocontraditórias e implausiveis.
Porquê olhar para si próprio, para os seus colegas, para a sua família, igreja, obras de caridade e diversões como se estivessem atacados de lepra, quando se representa a nova moral, implacável e transparente, exigida pelo desenvolvimento do capital? Assumir, sem culpa, o seu papel, seria apenas, então, um movimento de adequação ao real, ou à realidade tendencialmente dominante.
Comparada com essa nova realidade e a moral que a serve, a razão de Estado contra a qual combateram os românticos não passou de um brinquedo e já está no museu. Claro, subsistem umas maçadas. Até mesmo alguns nacionalismos tentam armar-se contra ela! Mitos que Galbraith desejaria ver transformados em conteúdos inúteis de civilização morta e enterrada renascem como a hidra, recusam-se a morrer à sombra da realidade com que cresceram e se fizeram grandes.
Subsistem umas maçadas. Por exemplo, que a história, ou as histórias, sejam luta. Que David tenha tanta vez derrubado Golias. Que, aqui e ali, Alexandre não tenha conseguido desfazer o nó górdio. Parece haver tantas razões que o racionalismo da gestão capitalista precisaria de poder calar...

Galbraith fotografado por Jill Krementz

• John Kenneth Galbraith, in «Em defesa das multinacionais», **Horizontes USA** n.º 21, de Maio/Junho 1979. Presidente da Associação Económica Americana, professor em Harvard, autor de «O novo Estado Industrial», «A sociedade afluente», «A idade da incerteza». Um dos mais prestigiados economistas capitalistas contemporâneos.

Ainda sociedade

Sete dias com L'Unità

De Lisboa tinha guardado a lua, redonda e branca como um requeijão que as nuvens brancas e sépia polvilhavam de açúcar e canela.
Uma semana depois, deixando Milão deixava amigos. O Ledi levou-me com a velha mala até ao autocarro. Largou-me lá. Teve de dar uma volta completa com o carro para sair e ver se estava tudo em ordem.
— **Arriverdeci** — disse ele.
— **Arriverdeci** — respondi-lhe.
A caminho tinha perguntado:
— **Sai stanca?**
— **Não. Devo ter sono.**
— **En Italia se dice: Partire é un pó come morire.**
Eu já tinha a tradução. Cada despedida é morrer um pouco. Ao longe o avião anunciava: outra voltinha, outra viagem. Inscrevia à cabeça: O Ledi, a Tina, a Tiani, a Liuba, o Mario, o Alfredo, a Celeste, o Cesar, foram os contornos mais perto e mais queridos do rosto da Itália. Acolheram-me como pode sentir quem na nossa língua conhece o gosto da palavra camarada. Eles foram, mais do que qualquer realização, verdadeiramente **l'Unità.** A festa e a unidade.

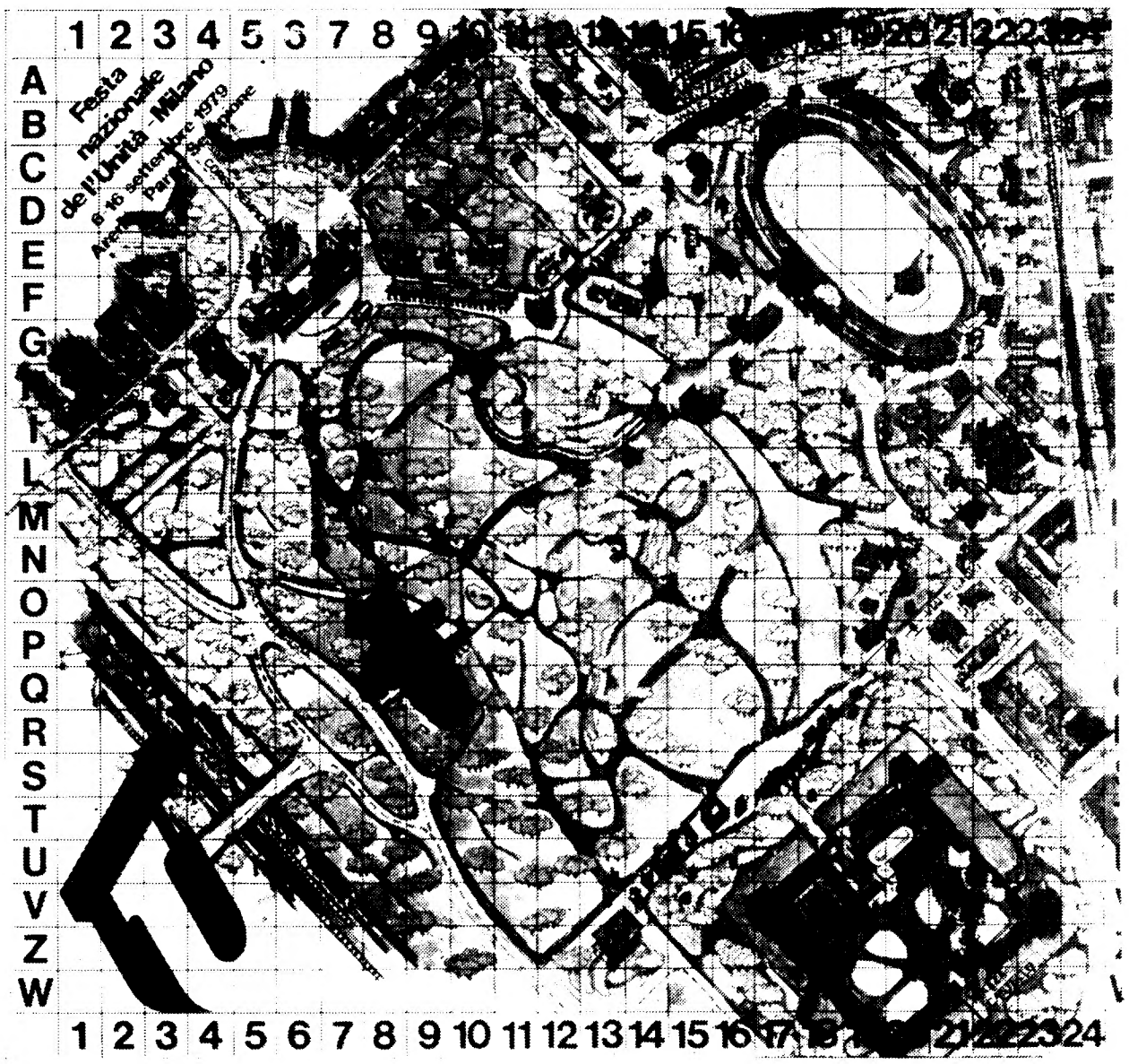
A festa de l'Unità, uma pessoa dava uma volta pelo centro de Milão e encontrava-a. A cinco minutos da Piazza del Duomo, andadas a Via dei Mercanti e a Via Dante. Um português começava por notar que aquilo não era Jamor nem Casalinho da Ajuda. Era assim no coração da cidade um grande parque, Parco Sempione, e mais três construções que lhe ficam nas bordas. O Castelo, a Arena e o Teatro dell'Arte. O português pensava: eles têm o parque **feito** há anos, a sombra das árvores, o terreno plano, encontram prontas a relva e as ruas, e aqui já não pega chiar que os comunistas depredam. Mas afinal depois encontrava referências a cartas de protesto publicadas no «Corriere della Sera». Leitores que habitam nas proximidades do parque queixavam-se do barulho e da «ocupação partidária do solo público»... Umberto Eco, que também mora nessas imediações, afirmava que a festa é hoje, numa cidade desumana como Milão, a única ocasião de verdadeiro encontro entre as pessoas.
Os comunistas italianos, esses fazem questão de que a sua festa constitua uma proposta diferente como forma de estar reunidos, no debate político como no divertimento, e seja lugar aberto ao confronto de opiniões.
Este ano pois em Milão, cidade de pedra e pedra, com pintura dentro dos museus e galerias. Empório gigantesco de indústria e comércio, com seu núcleo consistente de velhas famílias aristocráticas agarradas a um culto católico especial, o ambrosiano, que dá nome a igrejas e Bancos. A Milão do **Rocco e Seus Irmãos,** da Alpha Romeo de Gino, o mais novo a seguir a Rocco. A mesma cidade em que saiu, em 1924, o primeiro número de **l'Unità.** O festejado.
E a festa era assim:
Havia primeiro os cartazes, com um desenho a vermelho que eram as sombras do U maiúsculo, e que podiam ser lidas também como uma nota musical. E depois, para quem não se fizesse moita ao chamamento, eram onze dias — de 6 a 16.
Claro que o programa era extenso e os números altos. Muita gente a trabalhar naquilo, quantidade de espectáculos, com relevo para as instituições culturais milanesas, e mais laboratórios de teatro, dança, super-oito, jazz, tecelagem, uma esplêndida exposição de fotografia entre outras, um cabaret sem porta fechada.
Comparada com a festa do **Avante!,** a festa de **l'Unitá** é uma mulher adulta de trinta e quatro anos. Nasceu ainda em 1945, poucos meses depois da Libertação, da procura de novas formas de ligação do Partido com o povo. Inspirava-se na experiência dos camaradas franceses com a festa de **l'Humanité.** A primeira **Settembrata** de **l'Unità** foi numa mata abandonada, em Mariano Comense, engalanada por tiras de pano de propaganda e com cozinhas improvisadas.
Em 1979, como em 73, a festa instala-se em Milão, no parque, no velho castelo feudal. Tem outro peso, outra experiência. Um português vá de reparar que se vê pouca gente a abraçar-se, mas um reparo desses pareceria de certeza despropositado a um **compagno** italiano. Um português é testemunha suspeita, porque hão-de roer nele saudades da sua festa, que não vê, lá no alto da Ajuda. Mas as diferenças que encontra servem-lhe sobretudo para aprender mais fundo como são coisa pouca as fronteiras entre os povos.

Aqui entram a Tina e o Ledi Gatti, que me acolhem na casa onde vivem e se torna simplesmente **a casa.** O Ledi foi **partigiano** e nas montanhas uma rajada de metralhadora desfez-lhe o braço direito e feriu-o na perna. Tina é a mulher, valente e viva como é raro encontrar-se. Entrou para o Partido aos quinze anos, há trinta e dois. A Liuba é a filha loira. Estuda medicina, é também ela comunista. A Tiani ainda anda no liceu. Tem o cabelo ruivo-escuro aos caracóis, pula, ri e faz caretas, pinta e escreve contos. O Ledi costuma assobiar o refrão de uma cantiga portuguesa e a Tina diz:

— Fizemos cá em casa uma festa quando foi o vosso 25 de Abril. Quando foi Novembro tínhamos vontade de chorar.

Depois do trabalho de todos os dias, às 9, eles iam para a **pizzeria** da festa. Na primeira noite fizeram 375 pizzas. No domingo seguinte, 1900. No último dia contavam com 5.000. Tinham-me dito que a festa ia assim em crescendo até final. À meia-noite ia ter com eles à **pizzeria.** O Ledi acabava de acartar para dentro as últimas bandejas, os restos e as vasilhas vazias. A Tina chegava depois de varrido o pavilhão, com a camisola e o cabelo enfarinhados e as mãos e a aliança cheios de massa de **pizza.**
— **Distruta!** — bufava. E ria-se.
— **Tina, como se fazem as pizzas?**
— **Não sei. Um compagno fá-las. Nós estendemos a massa. Outro compagno mete-as no forno. É um trabalho em cadeia.**
Memoráveis eram as tartes da **pasticceria del Festival,** feitas por camaradas que trabalham numa grande fábrica de pastelaria. Tabuleiros magníficos e ainda por cima bem gostosos, enfeitados de creme de amora e nozes, de pinhões, de pêssegos às tirinhas, de uvas, ananás, maçã. Para gastar pouco dinheiro, experimentavam-se os **panzerotti,** imensos pastéis de massa tenra com um recheio «misto». Para descansar e comer de garfo, luxava-se no restaurante húngaro em que a música dos violinos saía imensa, ressonante, pelas caixas e havia guardanapos de papel plissados, com faixas vermelhas e verdes, que eram flores em garrafas. Nos jugoslavos, a grande fogueira fazia espetadas de carne macia com pimentos cor de laranja.
O espanto maior talvez fosse a livraria, que punha o português entontecido. As «Cartas do Cárcere», edição crítica do Instituto Gramsci, somavam cinco volumes. Mas havia (licença para um número) 75 editoras representadas. Havia tudo. Dos Alinari, fotógrafos de Florença, às fotografias sobre a Mafia ou às 100 escolhidas entre a colecção do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, de Anais Nin a Lorca, a Kerouac, Ginsberg ou Garcia Márquez (Feltrinelli), à **outra** medicina, a Lacan, a Borges, a Hammett e Chandler, a Joris Ivens, Renoir ou Pasolini, Picasso ou materiais para pesquisa interdisciplinar.
Ao lado os discos, muitíssimos, pena que sem ordem. Dezenas deles de folclore da Itália, da Europa, da América.
A fotografia era mesmo uma festa dentro da festa. Nos pórticos do Castelo, documentos do arquivo dos Alinari, e um tema: **Trabalho e classes sociais entre 800 e 900.** Vão duas escritas: A arquitectura erudita e o arranque do mármore nas pedreiras de Carrara, blocos nas costas dos homens e das juntas de bois, o pó dentro das entranhas para construir os mausoleús dos ricos. Precioso era vê-los, um a um, o branco violento do mármore, a força a puxar, os pés quase a escorregarem da rampa mal escorada.
O pássaro de fogo de Stravinsky, ballet do Scala mais Béjart?
A concentração de solidariedade com os povos da América Latina, a palavra do Chile e a da Nicarágua, e nisto a notícia da morte de Agostinho Neto. Os Inti-Illimani continuam a cantar. Também trazem um berimbau. O stand de Angola com a bandeira de luto. A «homenagem a Brel»? Sim, ao menos **le plat pays,** num gira-discos de recurso, em cima de uma cadeira de travessas, como todas as da festa.
E **l'Unità.** Lembro-me de Marina Sereni, a fazê-lo dentro de um quarto, com quatro **compagni.** Era 1929. Hoje **l'Unità** é o segundo maior jornal de Itália. Não digo coisa com coisa quando visito o prédio de cinco andares, sede de Milão. Trabalham lá 400 pessoas, muitos jovens. Aquilo é uma grande máquina moderna a ser sempre renovada. As ruas românticas da velha Milão, como por acaso, estão sacudidas por perfuradoras eléctricas, empunhadas por homens cujos braços e ombros são ainda Leonardo da Vinci. A festa aqui não coube. Até à vista, amigos. Saúde para o vosso **l'Unità.**

L.M.S.



José Caldas fala ao Sete Ponto Sete

Continuação da pág. 6

A REDESCOBERTA DE CECÍLIA MEIRELES

Em 1978, ao redescobrir os poemas do livro «Ou Isto ou Aquilo», de Cecília Meireles, comecei a criar uma peça, dramatizando os poemas, imaginando com o Dalton um espaço cénico e procurando uma linguagem coloquial, sem declamação, evitando o recital de poesia. Nesse trabalho, que durou nove meses, fiz a formação de actores dos intérpretes do espectáculo dado que nenhum deles tinha experiência nesse sector, além de noções de mímica e todo o movimento cénico. Foi uma experiência exaustiva, pois além de encenador, trabalhava como actor, cuidava da produção e dos contactos do grupo, apenas apoiado pelo cenógrafo Dalton Salem Asself, pois o resto das pessoas eram absolutamente inexperientes e estudantes. Orientei, nessa altura, o trabalho que a Teresa Ricou levou ao Festival de Berlim: «Dona de Casa, uma Partícula de Circo», procurando o lado poético do palhaço e a teatralidade que há na personagem, como foi visto, aqui, na Cornucópia.

Neste momento, além da gravação que fizemos para a RTP de «Ou Isto ou Aquilo», continuo um curso iniciado há três meses na freguesia das Mercês, para educadores de infância e trabalho com o Grupo de Amadores da Carris.

A RECUSA DA TELENOVELA

As grandes dificuldades que tenho encontrado parece-me que têm que ver com a própria situação do teatro independente em Portugal, a grande dificuldade de se manter. Pois, antes do 25 de Abril o teatro era de direita. Os grupos com outra ideologia estavam marginalizados e o público habituado aos espectáculos das grandes vedetas. Se após o 25 de Abril houve um grande apoio e incentivo a esses grupos independentes, agora estamos novamente a enfrentar a situação anterior. É quase impossível fazer-se um teatro experimental e de pesquisa sem apoios governamentais convenientes; digo quase porque, por exemplo, a nossa cooperativa tem-se mantido há quatro anos a trabalhar, vivendo (?) da bilheteira, pois nunca tivémos subsídios anuais, apenas apoios ocasionais para montagem, o que significa que temos que trabalhar sem remuneração pois estes apoios dão e muito mal, para as montagens, isto é, cenários e figurinos, etc. Para isso, basta ver a pobreza do material das nossas montagens, que se não fosse a imaginação do Dalton, o nosso cenógrafo, e a nossa necessidade vital de teatro, era realmente impossível trabalhar. O que mais me assusta é o critério de distribuição dos subsídios, pois se alguns grupos contemplados têm valor, outros, como por exemplo alguns de teatro infantil, além da falta de criatividade não têm a menor noção de pedagogia, impingindo às crianças uma moral reaccionária, fazendo apologia da delação, do menino «bem comportado», além da comunicação fácil e idiota, transformando o teatro numa sala de aulas do passado. Outra coisa é a dificuldade que se tem de trabalhar em grupo. As estruturas individualistas e a necessidade de «chefes» têm entravado o funcionamento da vida em cooperativa. A responsabilidade de cada cooperante, que tem sido a nossa maior preocupação, é de uma dificuldade intransponível, e acrescida do problema económico torna o trabalho uma aventura perigosa e muitas vezes desmoralizante.

Outro facto é a xenofobia em relação aos brasileiros, que aparece de maneira imprevista nas relações de trabalho ou da parte das entidades oficiais. Ora, realmente, eu e outros brasileiros que aqui estamos a fazer trabalho a sério, que nada tem a ver com «os astros» ou com a chamada «colonização brasileira». **Não somos nós que compramos** os «enlatados» **made in Brazil**, e muito menos que os apresentamos. Pelo contrário, o que temos divulgado da cultura brasileira de expressão portuguesa, aqui, é o que há de melhor como por exemplo os poemas de Cecília Meireles. Ora se esses trabalhos não têm tido o apoio e repercussão que merecem, e se o que é promovido é o lixo da cultura brasileira, não temos nada com isso.

Gostaria de esclarecer também um mal-entendido a respeito de «Ou Isto ou Aquilo». Algumas pessoas pensaram que a coreografia era da Agueda mas esclareço que a Águeda não participou na criação do espectáculo pois estava a trabalhar com o Avilez; a sua participação foi nos últimos dias antes da estreia, quando deu grande apoio à produção.

Por outro lado, o grupo tem tido imenso apoio do público que assiste aos nossos espectáculos e se entusiasma com eles, dialoga connosco e, como no caso das digressões, chega a ficar duas horas após o término a discuti-lo e a dar sujestões. Não falando da publicidade espontânea que fazem pois não fosse a boa vontade de alguns jornais não teríamos publicidade uma vez que não temos verbas para tal.

É de salientar também o apoio que temos recebido do FAOJ e da Direcção-Geral do Ensino Básico com a iniciativa dos seminários para formação de professores, sem os quais o grupo não teria sobrevivido.

AS MELHORES RECORDAÇÕES

A nível de animação, deu-me enorme prazer o trabalho efectuado em Trás-os-Montes, em sessenta escolas e aldeias de Miranda do Douro, onde com crianças e professores transformava por um dia a vida da escola propondo novas maneiras de comunicação, aprendendo os jogos regionais das ciranças, ensinando outros; iniciando-os na arte do palhaço, quer a nível da criação das vestimentas, da maquilhage e dos truques, ou de todo um mundo mágico-poético dessa personagem através de exposições com fotos, pinturas, trajes e projecção de filmes. No final, as crianças elaboravam um espectáculo circense utilizando o que haviam aprendido, mais o que sabiam e saíamos pelas ruas das aldeias num grande cortejo que arrastava os pais e a população para o espectáculo a realizar no pátio da escola.

Os seminários para o Ensino Básico que me possibilitaram a experiência e o aprofundamento das técnicas teatrais relacionadas com a educação e a comunicação professor-aluno. Ao sensibilizar os professores para uma descoberta das suas potencialidades criadoras, a prática do movimento e drama, tenho conseguido desenvolver um trabalho de grande importância, visto em Portugal não haver um curso de formação de professores; e os resultados obtidos em mais de vinte seminários que abrangeram mais de mil professores até agora, têm sido os mais positivos e trouxeram-me grande alegria.

A nível de teatro, a descentralização com «A Grade», em 1975, e a grande comunicação com o público do além-Tejo, os infindáveis bate-papos e o baile que encerravam o espectáculo foi uma experiência, além de muito gratificante, efectivamente muito sadia.

Finalmente, a criação de «Ou Isto ou Aquilo», que consumiu nomes, eses de muito trabalho, alegria e sofrimento (para atingir aquela simplicidade). Estava muito ligado afectivamente aos poemas que desde a adolescência me encantavam. Além disso, possibilitou-me uma viagem de marcha atrás à minha infância, numa aldeia de Minas Gerais, aos prazeres telúricos e à simplicidade. Uma volta aos estudos da psicologia junguiana, ao processo do conhecimento e aos domínios fundamentais do homem. Esse trabalho pôs-se de bem comigo mesmo e penso que atingiu seu objectivo de colocar o público em sintonia com o que nele há de profundamente melhor, uma espécie de banho purificador.

PROJECTOS

Gostaria de concretizar o trabalho inicial da cooperativa — o trabalho oficinal. Não só a criação de expectáculos, mas todo o labor que isso implica; o trabalho com o dramaturgo; a «rotina» diária da preparação física e vocal; a pesquisa; os ensaios públicos onde se testaria com o público a eficácia do trabalho. Os ateliers de formação de actor para amadores e outros, com cursos de trabalho corporal, fantoches, cenografia, figurinos e adereços. Em certa medida, eu e o grupo temos realizado esse plano, através dos seminários para professores, apoio aos grupos de amadores, etc. Mas duma maneira dispersa pois a cooperativa funciona numa pequena sala cedida pela Junta de Freguesia das Mercês não dispondo de instalações funcionais para esse trabalho, nem sala para apresentação dos espectáculos, o que nos limita e não dá vasão à potencialidade de trabalho. Mais grave ainda, a nossa penúria económica que coloca em perigo a continuidade da cooperativa.

A criação desses ateliers de manutenção do trabalho do actor e de formação é um dos nossos projectos. Estamos à procura, através da Câmara, de um sítio onde isso seja possível.

A montagem de «Ou Isto ou Aquilo» para uma série de apresentações através do Ministério da Educação ou da Fundação Gulbenkian, e também para sair em digressão no país e no exterior.

No entanto, continuo a seguir o curso da Escola Superior de Educação pela Arte e preparo a dramaturgia de um espectáculo baseado na obra de Clarice Lispector, onde figuras situadas numa aura do mistério, vivem relações dentro do mais ordinário quotidiano.

Conclusão da entrevista com Max Roach

O meu parceiro agora é Braxton

Manuel Cadafaz de Matos

Uma vez que a visita do grande «jazz-man» Max Roach a Portugal, onde actuou na Festa do Avante, se revestiu de um dos maiores acontecimentos musicais ocorridos entre nós nos últimos tempos, tornou-se oportuno, para este jornal ouvir o seu discurso musical, versus embriagante, versus erótico (ou mesmo alucinante) bem como o seu discurso em termos de fala. E foi exactamente esse último discurso que aqui apresentámos na última semana, em entrevista que aquele «gigante» do jazz nos concedeu.

Só que, e como aliás alguns dos nossos leitores deverão ter constatado, essa entrevista apresentar-se-ia como imcompleta. Assim o foi, de facto, daí hoje a concluirmos o diálogo que tivemos com o «mestre» desse grande trabalho que foi «Freedom Now Suite», de 1960.

Como tivemos ensejo de constatar, a década de sessenta para Max Roach iniciou-se com uma profunda vinculação jazzística, em termos directos com a África ou melhor com os seus descendentes radicados nos Estados Unidos. O mesmo será dizer com a cultura da negritude americana. Com efeito ao editar um trabalho de grande militância como «Freedom Now Suite», comemorando o centenário da abolição da escravatura, este músico e compositor fazia-se regredir, pelo campo da história, até às origens (Africanas) do jazz. E foi essa mesma África que dezasseis anos mais tarde, isto é em 1976, foi de novo alvo de um trabalho de Max Roach, intitulado simbolicamente «Suid Afrika», e onde figurava outro gigante do jazz (que também já nos visitou) Archie Shepp.

Mas como o historial da obra de Roach nos anos 60 e 70 nunca poderá ser melhor enunciado do que pelo próprio compositor, ouçamos o seu discurso.

FOI UM ENORME PRAZER TRABALHAR COM O DUKE (ELLINGTON)

Quando trabalhaste, em 1962, com o Duke Ellington na gravação desse importante trabalho jazzístico que dá pelo nome de «Caravan», que tal correram as coisas? Foi-te fácil trabalhar com um dos nomes então mais credenciados na história do jazz norte-americano?

MR — Além do Duke Ellington trabalhou também connosco nessa obra o grande contrabaixista Charlie Mingus. E quero referir que é sempre uma grande honra trabalhar com o Duke, aliás isso tanto aconteceu em relação a mim como em relação ao Charlie Mingus. Ellington era, na realidade, um verdadeiro mestre do jazz.

E no trabalho que fizeste com o Archie Shepp, recentemente, intitulado «Suid Afrika», como se entenderam vocês? Gostaste de fazer música com ele, os vossos conceitos estéticos e até mesmo filosóficos em relação à música identificavam-se, compatibilizavam-se?

MR — A minha ligação com Archie Shepp para esse trabalho deu-se em Roma quando, na morte de Mao Tse Tung, se quiz fazer como que uma homenagem a esse estadista. Foi o jornal «Unitá» na sua festa anual, aliás assim uma grande festa como esta que o jornal «Avante» realiza, que nos convidou a dar um concerto. Esse foi apenas o nosso primeiro trabalho em comum. Mas,para além disso, um acontecimento

iria registar-se que influenciaria marcadamente o nosso trabalho «Suid Afrika». Esse acontecimento foram os conflitos ocorridos em 1976 no Soweto (África do Sul) em que um assinalável número de pessoas perdeu a vida em virtude da brutalidade utilizada contra elas por parte da Polícia.

Foi nessa altura que eu e o Archie Shepp nos tornámos a unir e decidimos elaborar, em memória desses trágicos acontecimentos, o trabalho «Suid Afrika».

O CASO DOS TUMULTOS RACIAIS NO SOWETO POSTO EM MÚSICA

Não queriamos deixar aqui de registar que os tumultos raciais ocorridos no Soweto em 1976 se revestiram (como alguns ainda hoje se continuam a registar) da maior gravidade. E atendendo ao que o articulista Nigel Fountain escrevia de Londres, nessa altura, em tais tumultos os estudantes tinham tido um papel de intervenção em prol da defesa das populações indefesas e quase reduzidas ao esclavagismo nos ghettos». Depois de várias greves, esses mesmos estudantes principiaram a ser presos e alguns deles torturados. E afirma Nigel Foutain: «A 9 de Novembro desse ano o Instituto Sul Africano de Relações Sociais registou 1281 negros presos e objecto de acusações judiciais durante os distúrbios — 926 em 18 anos — enquanto outros 2915 estavam à espera que lhes fossem instaurados processos».

E adianta aquele articulista: «Segundo dados do «Rand Daily Mail» recolhidos pelos CIS, no final de Dezembro de 1976 os mortos totalizavam 499, mas a cifra real nunca será conhecida. A Polícia afirma que o número de mortos é um problema de «segurança nacional». E o relatório conclui assinalando que «milhares de negros desapareceram e muitos foram enterrados em campas anónimas». Os nossos informadores estão convencidos de que as forças de segurança mataram para cima de um milhar de pessoas».

Em relação a este relatório dos acontecimentos do Soweto tu, que porventura não desconhecias os dados numéricos bem como os moldes em que tais assassinatos (em massa) foram cometidos, fizeste o trabalho «Suid Afrika» com o Archie Shepp igualmente num plano de militância política, como não podia deixar de ser.

MR — Claro que eu nunca podia indissociar o meu trabalho artístico de um trabalho de militância. E, neste caso, «Suid Afrika» além de um apurado sentido estético que eu e o Archie lhe pretendemos dar inclui sobretudo um fundamento e uma intenção política que nunca lhe poderíamos recusar e assumir publicamente.

Depois dessa colaboração com Archie Shepp tens continuado a trabalhar com ele?

MR — De facto foi essa a primeira vez que trabalhámos juntos, apesar de sermos ambos professores na Universidade de Massachussets. E trabalhar com ele deu-me realmente um gozo extraordinário, quer pelas suas concepções musicais, quer pelo arrojado tom que ele dá às suas composições ou à própria maneira como toca. O Archie é realmente notável e admiro-o muito.

Tu estiveste casado com a cantora Abby Lincoln. Durante um certo tempo trabalhavas com ela. Como é que a vossa intercolaboração se processava?

MR — Nós estivémos realmente casados mas já nos divorciámos há para aí uma dezena de anos. Um dos meus trabalhos no campo do «jazz» em que ela melhor evidencia a sua verdadeira capacidade de cantora — ela era então uma grande cantora — é de facto o «Freedom Now Suite».

À LAIA DE UM PROFETA

— Nos já largos anos de carreira que tens como «jazz-man», um dos nomes com quem decerto te terá dado mais prazer trabalhar será o Charlie Parker. Queres recordá-lo, ele que, afinal e pela sua obra, é ainda uma pessoa bem viva.

MR — Ah... o Charlie. (Parece-lhe que a pergunta já tardava). Esse foi o meu professor. Euacredito que vai passar ainda muito tempo até que se possam conhecer completamente todos os contributos que ele deu ao vastíssimo campo do jazz. O Charlie era antes do mais um grande músico tal como o foi Duke Ellington. A única diferença é que o Charlie Parker era um virtuoso ao nível da improvisação e o Duke Ellington o era ao nível da composição, em termos de escrita musical.

— Ainda hoje eu, como aliás muito boa gente, considero que Charlie Parker era um homem «out of the time» (fora do seu tempo), não apenas em termos de vanguardismo musical, mas sobretudo em termos de superioridade mental a nível de sensibilidde, a um nível de ausência do espaço e do lugar, um «cosmonauta sensitivo» preferires.

MR — Ele realmente era uma pessoa muito sensível, especialmente uma sensibilidade em relação ao tempo em que vivia e às coisas que sucediam à sua volta e que, como por magnetismo, captava de uma maneira incrível sendo imediatamente tocado (ou ferido) por elas. No entanto, a música que ele deixou, isto é a música que ele fazia na altura, era muitomais revolucionárfa do que aquilo por que era considerada pelas pessoasque com ele conviviam. Eu acrecitoque o Carlie morreu nuito novo devido sobretudo à circunstância de através da sua música e da sua preocupação pelas coisas ter dado bastante dele mesmo, ter dado talvez (dele) até em demasia, o que acabou por o vitimar quando tanta coisa ikportante ainda poderia fazer.

— Neste momento é posto um problema pelas mais diversas vezes (e pelos mais variados analistas do «jazz»); se tu continuas um músico ainda fundamentalmente enraizado ou preso ao «be-bop» em que foste um verdadeiro patrono ao lado de alguns outros nomes importantes, ou se serás capaz de te desamarrar e deixares-te ir por aí fora acompanhando o trabalho que alguns músicos não só já no «Free» (que também já se vai gastando como escola como o trabalho que outros músicos dos mais vanguardistas vêm fazendo.

MR — Eu não fiquei preso ao «be-bop», claro. Não tenho deixado de ter a minha própria evolução. Por exemplo agora fiz recentemente dois «shows» com um músico tido por vanguardista que é o Anthony Braxton. Os críticos geralmente põem em questão o facto de que um músico que, como eu, trabalhei com grandes nomes do «bop», pudesse trabalhar agora com um nome como Braxton. Mas a música é como vida, não pára, pois há sempre uma evolução contínua.